

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

**De mãe em filha:
a transmissão da feminilidade**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

**De mãe em filha:
a transmissão da feminilidade**

DOUTORADO EM _____

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Doutorado em Psicologia Clínica – Núcleo de Método Psicanalítico e Formações da Cultura – do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica sob a orientação do Prof. Dr. Luís Cláudio Figueiredo.

**SÃO PAULO
2009**

BANCA EXAMINADORA

RESUMO

Autor: Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Título: De mãe em filha: a transmissão da feminilidade

O objetivo principal desta pesquisa é fundamentar e sustentar, pela literatura psicanalítica, a existência de vicissitudes psíquicas específicas na trajetória bebê-menina-mulher. Investigo e analiso as concepções levantadas por alguns psicanalistas sobre tão intrincada relação, e seus efeitos no contínuo desafio de tornar-se mulher, assim como na transmissão da feminilidade. Parto das observações de Freud sobre o recalque inexorável que encobre os primórdios da relação de uma mãe com sua filha. Busco explicitar as nuances dos vestígios dessa relação arcaica com a mãe, que é, para a menina, tanto o objeto de identificação primário quanto o secundário. É a mãe quem erotiza seu bebê menina, deixando marcas sensuais para o futuro desfrutar adulto da sexualidade feminina. Há nessa relação *do mesmo que engendra o mesmo*, um risco pontencializado para a *cilada narcísica* e a *ilusão simbiótica*. A hostilidade entre mãe e filha é compreendida como uma busca de diferenciação psíquica, sempre presente, em maior ou menor intensidade. Apresento a paixão entre mãe e filha, primeiramente no mito de Deméter e Perséfone; abordo a tragédia de Electra como a outra face da paixão – o ódio. Investigo e articulo a trama conceitual que cerca a concepção da feminilidade em psicanálise, e faço uma explanação da origem e desenvolvimento dos seguintes conceitos: *identificação feminina primária* (Paulo de Carvalho Ribeiro) *homossexualidade primária* (Jacqueline Godfrind), *posição feminina primária ou fase da feminilidade* (Melanie Klein) e, *o materno primário e o feminino primário* (Florence Guignard). Analiso o filme *Sonata de Outono* de Ingmar Bergman, sob o enfoque da insustentável nostalgia do encontro com a mãe, sempre sonhado e jamais alcançado. Na continuidade da reflexão a respeito do filme, coloco em evidência o olhar masculino e sua indissociável e dialética articulação com o olhar feminino. Essa aproximação – entre o feminino e o masculino – traz à tona o conceito de *bissexualidade psíquica*. O estatuto diverso da mãe e do pai como objeto também é discutido. Apresento duas construções clínicas: *Zoe* e *Liz*. Enfim, investigo o *precioso* e o *tanático* ou *a força* e *a vulnerabilidade* da transmissão da feminilidade de mãe em filha.

Palavras-chave: mãe e filha, feminilidade, identificações, transmissão, sexualidade feminina, bissexualidade psíquica.

ABSTRACT

Author: Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Title: From mother to daughter: transmission of feminineness

The main aim of this study was to find grounds and support from the psychoanalytical literature for the existence of specific psychological vicissitudes along the path from baby to girl to woman. The concepts put forward by certain psychoanalysts regarding this very intricate relationship and their effects on the continual challenge of becoming a woman and on the transmission of feminineness were investigated and analyzed. Freud's observations on the inexorable suppression that covers up the primordial relationship between mothers and their daughters were the starting point. Expressions for the nuances of the vestiges of this archaic relationship with mothers were sought; for daughters, their mothers are both the primary and the secondary objects of identification. Mothers eroticize their baby girls, leaving sensual traces for future adult enjoyment of female sexuality. In this relationship of *like that engenders like*, there is a potential risk of *narcissistic entrapment* and *symbiotic illusion*. Hostility between mothers and daughters was taken to be a search for psychological differentiation, which is always present to a greater or lesser extent. The passion between mother and daughter was shown firstly through the myth of Demeter and Persephone. The tragedy of Electra was dealt with as the other face of passion: hate. The conceptual framework surrounding feminineness in psychoanalysis was investigated and linked in, and the origin and development of the following concepts was explained: *primary female identification* (Paulo de Carvalho Ribeiro), *primary homosexuality* (Jacqueline Godfrind), *primary female position or phase of feminineness* (Melanie Klein) and *primary maternalism* and *primary femaleness* (Florence Guignard). The film *Autumn Sonata* by Ingmar Bergman was analyzed, focusing on the unsustainable nostalgia of meeting the mother, which was always dreamed of and never achieved. Continuing the reflections on the film, the male viewpoint and its indissociable dialectic connection with the female viewpoint is demonstrated. This coming together between female and male viewpoints brings to the fore the concept of *psychological bisexuality*. The different objective rules of mothers and fathers were also discussed. Two clinical constructions were presented: *Zoe* and *Liz*. Finally, the *preciousness* and "tanatic", or the *strength* and *vulnerability* of the transmission of the feminineness from mothers to daughters were investigated.

Key word: mother and daughter, feminineness, identifications, transmission, female sexuality, psychological bisexuality.

Agradecimentos

Qualquer produção, intelectual ou artística, é fruto da intersecção de muitas mentes. O autor é aquele que articula ideias e pensamentos presentes em vários grupos, e/ou textos. Este trabalho não seria possível sem a presença, tanto em mim, como fora desse campo denominado um “eu”, de pessoas significativas — aqueles que nos ajudam a ser quem realmente somos —, em um processo contínuo de transformações.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luís Cláudio Figueiredo, por sua implicação, reserva, rigor e liberdade de pensamento. Ao longo desses anos, aprendi a ler sem pré-concepções, diferentes autores; encontrei um pensamento psicanalítico vivo. As transformações foram muitas. Obrigada!

Sou grata ao Prof. Dr. Paulo de Carvalho Ribeiro, pelas valiosas contribuições feitas por ocasião do exame de qualificação, pela leitura cuidadosa, pelas sugestões precisas e pela avizinhação de nossos interesses como pesquisadores. À Prof. Dra. Elisa Uchoa Cintra, pela disponibilidade em sonhar, junto ao texto, as questões do feminino, seus mitos e tragédias. Foi um fecundo encontro com quem faz emergir a poética kleiniana, de uma maneira que nos aproxima do texto, interligando a teoria à vida.

Aos colegas do grupo de orientação — Beatriz Mano, Carolina Scheuer, Cristina Rebello, Cristianne Macedo, Débora Nemer, Eliana Rach, Fábio Franco, Fernando Cembranelli, Iaraci Advíncula, Iza Maria Oliveira, Maria Luiza Persicano, Mariza Inglês de Souza, Marcela Monteiro, Maria José Montenegro, Tatiana Inglez Mazzarella, Talya Cândi, Rachele Ferrari e Sônia Godoy —, meu agradecimento pela disponibilidade de imersão no texto, por partilharem as repercussões da leitura, por pontuarem as confusões, dúvidas e estranhamentos. Sou grata à fraternidade de todos, pois escrever é revelar-se. Aos colegas e amigos, Adriana Salvitti, Malu Forjaz, Dirceu Scali, Margarida Dupas, Lineu Silveira e Suzana Alves Viana.

Aos meus alunos do curso *Entrelaces psíquicos entre mães e filhas*, pensei tantas coisas no calor das aulas..., seria impossível pensá-las sem a troca viva que vocês proporcionaram.

Ao grupo do feminino — Celeste Anderson, Darlene Ferragut, Esther Kindi, Lilia Simões, Mara Kawak, Maria Eugênia Onofre, Sandra Tair, Silvia Tibiriçá e Stella Vergani —, pelo partilhar próximo de questões sempre delicadas. Obrigada pela interlocução. Em especial, a Daniela da Rocha Paes Peres, pela tradução dos textos de Godfrind e pela parceria, sempre companheira.

Aos meus pacientes, junto aos quais estou sempre me transformando.

A Profa. Malu Zoega, por me ajudar a retirar as ervas daninha do texto, e deixá-lo o mais claro e fluido possível.

As minhas amigas queridas, Bernadette Casali e Gina Tamburrino, é muito bom, também, vê-las amigas.

Ao Paulo, obrigada pela segurança do vínculo, presente nas entrelinhas de todo o texto, e claro, na vida.

A todos aqueles que não estão nomeados aqui, mas que são presenças em mim.

Agradeço, também, a Capes, pela bolsa concedida.

ÍNDICE

NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	9
PARTE I.....	18
PAIXÃO MÃE-FILHA NO MITO E NA TRAGÉDIA	18
DEMÉTER E PERSÉFONE	18
O APEGO À MÃE: AMOR E ÓDIO	25
ELECTRA, UM ELOGIO AO ÓDIO	39
O IMPÉRIO DO MESMO: ILUSÃO SIMBIÓTICA E CILADA NARCÍSICA	50
PARTE - II.....	57
A FEMINILIDADE NAS MULHERES, A TRAMA DOS CONCEITOS.	57
A IDENTIFICAÇÃO FEMININA PRIMÁRIA: O PENSAMENTO DE PAULO DE CARVALHO RIBEIRO	59
HOMOSSEXUALIDADE PRIMÁRIA E SUA SECUNDARIZAÇÃO: O PENSAMENTO DE JACQUELINE	
GODFRIND	74
A POSIÇÃO FEMININA PRIMÁRIA OU FASE DA FEMINILIDADE: O PENSAMENTO DE M.KLEIN	79
O MATERNO PRIMÁRIO E O FEMININO PRIMÁRIO: O PENSAMENTO DE FLORENCE GUIGNARD	82
A TRAMA, OU O QUE SE TRANÇA A PARTIR DOS CONCEITOS	85
PARTE - III.....	97
O PRAZER (OU O DESPRAZER) DE MÃE EM FILHA	97
A HOMOSSEXUALIDADE SECUNDÁRIA NAS MULHERES HETEROSSEXUAIS E SEUS AVATARES	97
A EXPERIÊNCIA COM UM CORPO FEMININO	99
SONATA DE OUTONO , A INSUSTENTÁVEL NOSTALGIA DA MÃE	103

PARTE – IV.....	113
NO HORIZONTE DA DÍADE MÃE-FILHA: O TERCEIRO.....	113
SONATA DE OUTONO: UM OLHAR MASCULINO	113
BISSEXUALIDADE PSÍQUICA: CONCEITO À VISTA	118
O PAI NO OLHAR DA MÃE	130
PARTE - V.....	137
CONSTRUÇÕES CLÍNICAS.....	137
ZOE, ENTRE ABISMAR E EMERGIR	138
A TRAMA CONCEITUAL EM ZOE: O PACTO NEGRO E A MÃE MORTA	145
LIZ, ENTRE A ILHA E O CONTINENTE	154
A TRAMA CONCEITUAL EM LIZ: ILUSÃO SIMBIÓTICA E CILADA NARCÍSICA – O IMPÉRIO DO MESMO	160
ENTRE ZOE E LIZ	162
NO HORIZONTE SEM-FIM.....	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	174

A dimensão psicosssexual da sexualidade humana, a bissexualidade psíquica, a plurivocidade das identificações, tudo isso constitui, ao mesmo tempo, as descobertas da psicanálise e as condições de possibilidade de seu exercício. É isso que permite a um homem ser psicanalista de uma mulher (e vice-versa). Se não estamos encerrados em um sexo biológico, porventura isso significa que o sexo do investigador, quando se trata de teorizar a feminilidade – ou, dito de outra maneira, de penetrar seu segredo –, não tem importância? É muito improvável. O jogo das identificações libera da atribuição anatômica, mas não torna assexuado.

(Jacques André, 1996)

A identidade de uma filha é uma sutil combinação de partilhas e clivagens em relação à mãe. E como sua mãe é igualmente uma filha, e a filha tornar-se-á igualmente mãe, essa combinação é conduzida, constantemente, a rearranjos. Minha hipótese é que esses rearranjos não podem se efetuar de outro modo que não seja o de uma balança entre o feminino e o maternal. É por essa razão que são tão instáveis, tão frágeis, e é por isso que contêm tal potencialidade explosiva.

(Florence Guignard, 2002)

Para as mulheres que me antecederam,

e para aquelas que me sucedem...

Notas introdutórias

...Há muito tempo, afinal de contas, já abandonamos qualquer expectativa quanto a um paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino.

Nossa compreensão interna dessa fase primitiva, pré-edipiana, nas meninas, nos chega como uma surpresa, tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-miceniana por detrás da civilização da Grécia.

Tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises – tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar – que era como se houvesse sucumbido a uma repressão especialmente inexorável. (FREUD, 1931, p. 260).

A arqueologia estuda e pesquisa culturas desaparecidas por meio de seus resquícios. A partir da analogia arqueológica freudiana, proponho-me estudar a trajetória bebê-menina-mulher, pelos resquícios inconscientes do intenso e ambivalente vínculo entre mães e filhas; abordo a maneira como a feminilidade se transmite ao longo da linha feminina de descendência.

O meu interesse pela trajetória da feminilidade nas mulheres foi um desdobramento do trabalho como pesquisadora no mestrado¹. Naquela época, investiguei qual era a experiência psíquica de casais tidos como inférteis e que utilizavam a tecnologia de reprodução humana. Constatei que o desejo de ter filhos está intrinsecamente ligado à sexualidade e seus desdobramentos; data da primeira infância e tem sua origem, tanto para os meninos, quanto para as meninas, na relação primária com a mãe. Esse desejo segue destinos psíquicos diferentes para

¹Ribeiro, Marina F. R. (2003) *Psicanálise e infertilidade: Desafios contemporâneos*. Dissertação de Mestrado publicada na coleção *Clínica Psicanalítica: Infertilidade e reprodução assistida; desejando filhos na família contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

homens e mulheres, tornando-se mais central no psiquismo feminino. A concepção – gravidez e maternidade – parece consistir um grande desafio no processo de construção da feminilidade nas mulheres¹.

Pesquisando as possíveis vicissitudes do desejo de ter um filho no psiquismo feminino, e a questão da constante construção da feminilidade implicada em tal processo, constatei que a realização da maternidade, em sua corpórea subjetividade, funciona como um momento de mutação na trama identificatória de uma mulher. Considerando essa mutação como uma “mudança catastrófica”², implícita na maternidade primigesta, comecei a investigar, clínica e teoricamente, a intimidade e os primórdios da relação entre mães e filhas.

A transmissão da feminilidade parece ocorrer mais intensamente ao longo da linha feminina de descendência. A identificação entre mãe e filha permanece ao longo de toda a vida e é constantemente reeditada. A cada desafio na trajetória feminina, a menina, e mais tarde a mulher, é lançada novamente a uma identificação com a mãe. O patrimônio da feminilidade percorre as gerações: avós, mães e filhas, marcam e são marcadas, no corpo e no psiquismo por suas experiências de mulher e de mãe.

Ainda que este trabalho parta de uma identidade supostamente estruturada – mãe e filha –, pretende lançar uma sonda investigativa nas forças psíquicas em jogo na constituição de um “eu feminino”. Essa averiguação inicia-se a partir da relação com quem nos põe e nos recebe no mundo; para todos os bebês, independentemente do sexo biológico, é sempre (salvo raras exceções) a mãe, e uma mãe é (costuma ser) uma mulher. Sobre isso, André Green (2000, p. 45) escreve:

As concepções anglo-saxônicas do desenvolvimento revelam, a um olhar crítico, uma comunidade de recusa. Tal como a criança nos seus primeiros tempos, elas ocultam o fato de que a mãe é mulher. Será a força secular da Virgem Maria no Ocidente a responsável por esta dessexualização muito extensiva da imago materna?

¹ Segundo Assoun (1993 p. XVIII): “Tornar-se mãe certamente não é realizar sua ‘natureza’, mas sim confrontar-se, de um só golpe, com o ‘lote’ de seus conflitos.”

² Conceito de W. Bion (1970): toda mudança psíquica verdadeira é catastrófica.

Parto da idéia de que a mãe é uma mulher, e o componente erótico e terno da relação entre o bebê e a mãe é constitutivo tanto de um “eu masculino”, quanto de um “eu feminino”. Essas idéias já estão presentes nos textos freudianos: a mãe é a primeira sedutora (FREUD, 1938); é o primeiro objeto sexual para os dois sexos (FREUD, 1905); é quem libidiniza o bebê e marca no corpo do filho ou da filha uma geografia de prazer/desprazer¹ (zonas erógenas, corpo erógeno).

O objetivo principal desta pesquisa é fundamentar e sustentar, pela literatura psicanalítica, a existência de vicissitudes psíquicas específicas, por mais sutis que sejam, na trajetória bebê-menina-mulher. Green (2000, p. 51) vem corroborar esse objetivo: “A todas as adaptações à menina dos dados observados no rapaz, faltará a especificidade feminina, que escapa, em larga medida, à conceptualização.” Assim, o que caracteriza este trabalho é a articulação de conceitos que sustentem a pertinência de uma especificidade na trajetória rumo à feminilidade nas mulheres, e de que modo a relação entre mães e filhas compõe o que é próprio ao feminino, nas mulheres.

Sustentar essa pertinência implica nomear uma complexa rede conceitual que cerca o termo “feminilidade” em psicanálise e explicitar as escolhas teóricas feitas. Discorro sobre o percurso bebê-menina-mulher, alicerçando teoricamente a especificidade da trajetória feminina. Nossos protagonistas são tanto a mente da mãe, quanto a mente incipiente do recém nato. Investigo a interação, continência e intrusão desse encontro/desencontro e suas ressonâncias na feminilidade das mulheres. É importante considerar que, sob o prisma do psiquismo da mãe, em suas facetas conscientes e inconscientes, o sexo biológico de seu bebê toca em sua trama identificatória, a qual passa a marcar de imponderáveis formas o psiquismo e a sexualidade emergente do bebê. Tais marcas farão parte da feminilidade em meninas e meninos².

A individuação de uma filha ou filho é decorrência, sempre parcial, do infindo trabalho de elaboração do complexo de Édipo. Nascemos precocemente em uma “situação edípica”, como escreveu Klein (1928), e nunca deixamos de estar

¹ Tema que será abordado no item *O apego à mãe: amor e ódio*.

² A feminilidade, no seu sentido de passividade, receptividade e interioridade, não é patrimônio das mulheres. Os homens partilham e compõem sua masculinidade a partir desse universo materno e feminino, porém de uma maneira diversa. A mãe (ou o seio) é o objeto erótico primário; é o primeiro objeto de identificação dos bebês de ambos os sexos. Obviamente, não é razoável abarcar a vastidão desse território. Dessa forma, a trajetória da feminilidade do bebê do sexo masculino será apenas tangencial neste trabalho.

implicados nesse território tão característico do humano. A capacidade psíquica de reconhecimento da diferença dos sexos e das gerações é fruto da sofisticada elaboração depressiva do complexo de Édipo¹. Mãe e pai serão sempre os dois grandes carvalhos do nosso jardim². Este trabalho não poderia deixar de abarcar, também, essa questão, tendo como enfoque a trajetória bebê-menina-mulher.

Minha investigação tem como território o que está “entre” mãe e filha, em dois âmbitos indissociáveis: corpóreo/erótico e psíquico. Considero que as qualidades psíquicas ou sua ausência na mãe “real” fazem história na parceria entre mãe e filha. Apenas para ressaltar, o *holding* materno (WINNICOTT, 1960) e a *réverie* da mãe (BION, 1962) são funções estruturantes para o psiquismo da criança⁴. Como, neste trabalho, estamos no âmbito da sexualidade feminina, a qualidade da mãe – ser uma “sedutora suficientemente boa”⁵ – está em cena. Isso significa a capacidade (enquanto qualidade psíquica) de a mãe erotizar o corpo de seu bebê, nem a mais, nem a menos, na tensão única e específica a cada dupla mãe e filha⁶ (ou filho).

Começo minha trajetória apresentando a paixão entre mãe e filha, primeiramente no mito de Deméter e Perséfone; abordo a tragédia de Electra como a outra face da paixão – o ódio. O amor e o ódio que suscitam tal paixão são abordados, nessa parte do texto, a partir de Freud e Klein, mas não exclusivamente. Os conceitos que são abordados na obra freudiana e na kleiniana, para a compreensão dos avatares da feminilidade na trajetória feminina, têm desenvolvimentos em autores contemporâneos que serão debatidos ao longo de todo o trabalho.

¹ Segal (1992, p. 8) escreve: “... algumas idéias centrais vislumbradas por Klein, tais como a ligação entre a posição depressiva e o complexo de Édipo, e, naquele contexto, a importância central da aceitação final de um casal parental genital criador e a diferenciação entre as duas gerações e os dois sexos.”

² Faço uma analogia com o título do livro, *As duas árvores do jardim*, de CHASSEGUET-SMIRGEL (1986). Título que parece ter sido inspirado no texto de Thomas Mann, *As duas árvores do Éden* (1930), citado na epígrafe do livro.

⁴ Cintra & Figueiredo (2004, p. 15 e 16) descrevem bem a importância do objeto: “Os pacientes que geram o sentimento de que o jogo pulsional não se joga sem a contrapartida dos objetos e de suas funções primordiais são aqueles em que a parte desempenhada pelo objeto entra em jogo por efeitos incomuns, não-ordinários. É quando os objetos fracassam ou produzem efeitos ‘extra-ordinários’ que mais somos obrigados a reconhecer seu papel constitutivo”.

⁵ Godfrind, J., 2001.

⁶ A sexualidade, no seu aspecto terno e sensual, entre mães e filhas permeia este texto. Quando bem nascidos, estamos em um berço (de um vínculo) sensual e terno, e parece que nunca deixamos de estar, por mais longe que estejamos – nas construções teóricas, por exemplo. Para exemplificar a ternura sensual entre mãe e bebê, acho prestimosa a descrição de Freud (1905) ao comparar a expressão facial do bebê após a mamada e o orgasmo na vida adulta; são pólos sensuais de uma mesma questão – a sexualidade humana, que é sempre uma psicosexualidade.

Na segunda parte, investigo e articulo a trama conceitual que cerca a concepção da feminilidade em psicanálise, e faço uma explanação da origem e desenvolvimento dos seguintes conceitos: *identificação feminina primária* (RIBEIRO, P. C.) *homossexualidade primária* (GODFRIND), *posição feminina primária ou fase da feminilidade* (KLEIN) e, *o materno primário e o feminino primário* (GUIGNARD).

Após ter sustentado esse alicerce teórico, parto para reflexões sobre o prazer ou o desprazer entre mães e filhas – parte três. Para elucidar algumas questões teóricas desenvolvidas, analiso o filme *Sonata de Outono* de Ingmar Bergman, sob o enfoque da insustentável nostalgia do encontro com a mãe, sempre sonhado e jamais alcançado.

A parte quatro é – *No horizonte da díade mãe-filha: o terceiro*. Na continuidade da reflexão do filme *Sonata de Outono*, coloco em evidência o olhar masculino e sua indissociável e dialética articulação com o olhar feminino. Essa aproximação – entre o feminino e o masculino – traz à tona o conceito de *bissexualidade psíquica*, que passa a ser mais detidamente refletido. Termino com o *pai no olhar da mãe*, ou como Klein escreveu: o pênis dentro da mãe, ou o seio que contém o pênis¹.

Apresento, na quinta parte, duas construções clínicas – *Zoe e Liz* –, e faço uma trama conceitual entre os casos. Fecho o trabalho com o item: *No horizonte sem-fim...*

A análise do mito, da tragédia, do filme e as apresentações clínicas, revelam o meu anseio de elucidação da parte teórica, mas não somente. A trama do texto no que se refere à teoria e à parte fenomenológica – mito, tragédia, filme e construções clínicas – aconteceram de maneira entrelaçada, uma instigando e tornando mais compreensível, a outra. Os textos foram buscados e articulados a partir desse enredo teórico-fenomenológico, o que pode justificar certa diversidade de autores. Como já percorri um vasto caminho por conceitos fundamentais no pensamento psicanalítico, considero que o fio de Ariadne que tece o texto é a questão que me incita e orienta.

Mas não apenas.

¹ Antes de M.Klein, Freud (1910) escreveu sobre a relação seio e pênis em *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*.

Os psicanalistas contemporâneos, aqui citados, têm como filiação a psicanálise francesa¹. O psicanalista brasileiro, Paulo de Carvalho Ribeiro, fez seu doutorado na França, sob orientação de J. Laplanche. Jacqueline Godfrind é belga, e bebeu das águas laplancheanas e do pensamento de J. André. Florence Guignard é uma das expoentes atuais da psicanálise francesa, sendo, também, uma leitora da obra kleiniana e da obra de J. Laplanche². Green é interlocutor de Laplanche, apesar das discordâncias explícitas. McDougall é citada (e lida atentamente) por Green, no que refere ao aspecto traumático da sexualidade humana, entre outros, de forma elogiosa³. Green favoreceu várias compreensões teóricas e clínicas ao longo do trabalho. Já, Freud e Klein são dois grandes referências da psicanálise e estão sempre presentes de maneira implícita ou explícita, pelo menos, assim considero.

Minha intenção não é discutir o pensamento de um autor, suas convergências ou divergências com o de outros psicanalistas, ou discutir um conceito psicanalítico específico, mas, sim, investigar um tema e conceituá-lo. E, diante desse compromisso, faço esclarecimentos ao longo do trabalho, quanto a diferenças conceituais entre os autores, somente quando forem significativas. Portanto, as distinções teóricas são contextualizadas dentro da proposta desta tese. O recorte, no pensamento de cada um dos autores escolhidos, foi feito em função de iluminar, mesmo que no lusco-fusco dos conceitos⁴, o obscuro e o enigmático na trajetória feminina, é isso que tece o texto.

Perante o propósito de investigar o tema – mãe e filha – fez-se necessário considerar o significativo trabalho da psicanalista brasileira Malvine Zalcborg (2003) – *A relação mãe e filha*. Nossa questão se aproxima: – Qual é a especificidade do vínculo entre mães e filhas? Por que para a menina é difícil separar-se da mãe, sendo que a separação é sempre parcial? Algumas ideias também são semelhantes: a ênfase no fato de que o primeiro objeto sexual para os dois sexos é a mãe

¹ Psicanálise francesa não lacaniana; os motivos dessa escolha são explicitados ao longo desta nota introdutória.

² Guignard F. *La pensée de Jean Laplanche. Convergences et apories*, 2006.

³ “As contribuições de J. McDougall para o problema que nos ocupa são esclarecedoras e significativas.” (GREEN, 2000, p. 145). Considero que várias articulações teóricas feitas por André Green, presentes neste texto, foram esclarecedoras.

⁴ As ambiguidades e diferenças conceituais, na literatura psicanalítica, são uma constante. Considero que a psicanálise é uma “obra aberta”, justamente por isso viva e interessante. Tendo em vista essa especificidade da literatura psicanalítica, coloco em evidência, em alguns momentos, a complexidade dos termos no que se refere à proposta deste texto. Não tenho a intenção de me ater a diferenciações conceituais que justificariam a feitura de outros trabalhos de igual ou maior porte. Usufruo, então, a compreensão teórica de autores que já se debruçaram sobre algumas dessas questões. Ao longo do texto os conceitos serão retomados e articulados com a temática apresentada, principalmente no item *A feminilidade nas mulheres: a trama dos conceitos*.

(FREUD, 1905); a consideração de que a mãe é uma mulher; a feminilidade de uma mulher se tece na relação mãe e filha; o aprisionamento da filha nos projetos narcísicos da mãe; a nostalgia da filha em relação ao amor da mãe; e a ilusão da semelhança de corpos e gozos.

Nossas semelhanças confirmam a suspeita: algo acontece entre uma mãe e uma filha que parece ser determinante para a feminilidade de uma mulher. No entanto, há uma encruzilhada que distingue o nosso pensamento, e que tem como consequência a construção de concepções teóricas diversas. Malvine Zalcberg (2003, p. 69) considera uma ideia, ao longo de todo o seu trabalho, que se inicia em Freud e tem continuidade em Lacan:

Além da falta-a-ser que a constitui como sujeito, a mulher deve fazer face à falta de um significante específico de seu sexo, o feminino. Freud diz que o 'sexo feminino parece nunca ser descoberto' e Lacan, mais dramático, responde que 'A mulher não existe'.

Sigo em direção diversa.

A mulher parece ter, sim, representações psíquicas para o seu sexo: sensações vaginais precoces, a potencialidade de gerar filhos e posteriormente os seios (KLEIN, 1932 e 1945). Melanie Klein também contribui para a compreensão da angústia feminina: a de ter o interior do corpo destruído, sendo a angústia de castração e a inveja do pênis, secundários na trajetória da menina. Vários dos leitores franceses de M.Klein, mesmo tendo diferenças e evidentemente não filiados à escola kleiniana – Chasseguet-Smirgel, J. McDougall, J. André¹, Florence Guignard – consideram a teoria freudiana do monismo sexual fálico de maneira diversa; não sendo pertinente ao escopo desta introdução a exposição dessas diferenças².

¹ J. André (2003, p. 16) considera que a teoria falocêntrica refere-se a uma lógica binária; é uma tentativa de reduzir o outro, ao mesmo.

² “Como poderemos supor, na verdade, que a menina ignore possuir uma vagina, quando Freud confere ao sonho, no ‘Complemento matapsicológico à doutrina dos sonhos’ (1915), a capacidade de perceber precocemente todas as modificações orgânicas? Por que os poderes do inconsciente para conhecer o que se passa na nossa intimidade corporal não chegariam à vagina? Como não haveria, para o menino, uma presciência de um órgão complementar ao seu, quando Freud postula, por outro lado, a existência de fantasmas inatos?” (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988b, p. 31).

Esse divisor de águas na literatura psicanalítica, no que diz respeito à sexualidade feminina, já tem um longo e sólido percurso – M. Klein¹, Ernest Jones, Karen Horney, para citar alguns precursores dessas idéias².

A diversidade do pensamento é efeito do respeito à complexidade da questão. Se Malvine dialoga principalmente com Freud e Lacan, trago para a minha discussão, Freud, Klein e outros já referidos.

Malvine Zalcberg (2003, p. 194) conclui seu livro com a frase: “Paradoxalmente é uma verdadeira separação de corpos e de sexualidade – duas mulheres – o que mais genuinamente aproxima mãe e filha.”

No final, também chegamos a constatações próximas: o que separa – e justamente por separar, une – a mãe da filha, é a sexualidade da mulher, único território não partilhável.

Penso ser acerca deste lugar – entre mães e filhas – que abordo idéias importantes no cenário psicanalítico, e fundamentais para a compreensão da especificidade do feminino e de seus avatares. É seguindo essa direção – da especificidade do vínculo entre mães e filhas, que muitas vezes permanece na vida adulta ocupando espaços psíquicos consideráveis, jamais ocupados por outros investimentos objetivos –, que investigo e analiso as concepções levantadas por alguns psicanalistas sobre tão intrincada relação e seus efeitos no contínuo desafio de tornar-se mulher e na transmissão da feminilidade – de mãe em filha.

Freud (1933 [1932]) escreve uma frase citada por muitos psicanalistas: “As pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade.”. Penso que o texto afetivo da feminilidade apresenta-se cifrado, obscuro, intrincado. Levanto a suspeita “arqueológica” de ser o enigmático da feminilidade nas mulheres, de autoria, em parte, da relação mãe e filha e da transmissão da feminilidade.

¹ As idéias de Melanie Klein sobre a sexualidade feminina tiveram, entre outros, a influência do pensamento de K. Abraham.

² Paulo de Carvalho Ribeiro (2000, p. 283), considerando que seu trabalho não faz parte dessa filiação, tem uma interessante colocação sobre essa questão: “... a vagina é descoberta e libidinizada, tanto pelas meninas quanto pelos meninos, uma vez que sua existência virtual já está inscrita na relação mimética com a mãe e não depende de sensações localizadas, mas da penetração generalizada que caracteriza essa relação. No momento em que a visibilidade penetrante do pênis adquire o status de zona erógena, a invisibilidade penetrável da vagina também já o adquiriu.”

Também fora de uma filiação kleiniana, encontramos o texto de Regina Neri (2002, p. 31): “Dizer que a mulher está ‘não toda na função fálica’ não abre a possibilidade de pensar o feminino como diferença, pois essa proposição só existe como negativa. Em face de um universal masculino, a mulher não existe.... Lacan conduziu o feminino ao mesmo impasse de subjetivação da teoria freudiana.”

O grande desafio na constituição psicosexual da mulher parece ser o embate entre mães e filhas, palco de grandes encontros e desencontros ao longo da vida.

Enfim, investigo *o precioso e o tanático*¹ ou *a força e a vulnerabilidade*² da transmissão da feminilidade³ entre mães e filhas.

Começo pela paixão entre Deméter e Perséfone...

¹ O precioso e o tanático são termos de Czeresnia e Lobo, 2003.

² Força e vulnerabilidade são termos de Florence Guignard (2002, p. 18).

³ Não há diferenciação entre os termos feminilidade e feminino em vários autores, começando com o próprio Freud. Em seu texto intitulado *Feminilidade* (1933 [1932]) usa o termo feminino e feminilidade sem distinção, textualmente: “Considera tais ocorrências como indicações de bissexualidade, como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos — simplesmente um pouco mais de um, do que de outro. E então se lhes pede familiarizarem-se com a idéia de que a proporção em que masculino e **feminino** se misturam num indivíduo, está sujeita a flutuações muito amplas. De vez que, excetuando casos muitíssimos raros, apenas uma espécie de produto sexual — óvulos ou sêmen — está presente numa pessoa, os senhores, contudo, não poderão senão ter dúvidas quanto à importância decisiva desses elementos e devem concluir que aquilo que constitui a masculinidade ou a **feminilidade** é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia.” Dessa maneira, ao longo deste trabalho, acompanho Freud no uso dos termos feminilidade e feminino.

Parte I

PAIXÃO MÃE-FILHA NO MITO E NA TRAGÉDIA



Deméter e Perséfone

As identificações se apresentam, marcas de relações, marcas de paixões.

(NOSEK, L., 1997) ¹.

O mito relativo à Deméter concerne à perda de sua filha Perséfone, à qual estava apaixonadamente ligada. Quando a moça era ainda muito jovem, seu pai Zeus, sem consultar Deméter – que teria recusado –, acedera ao desejo de Hades, deus dos mortos, de fazer de Perséfone sua mulher. Para conseguir isso, Zeus fez brotar um belo narciso num vale sombreado e florido onde Perséfone passeava. Separando-se de suas companheiras, Perséfone avistou o narciso e o colheu. Nesse instante, a terra se abriu e Hades apareceu em seu carro puxado por ginetes azul-marinho. Ele se apoderou da jovem e voltou para o reino das sombras. Perséfone lançou um grito para chamar pela mãe, que não a ouviu; e quando chegou ao reino de Hades, continuou a suspirar, recusando qualquer alimento.

Quando Deméter soube do desaparecimento da filha partiu imediatamente à sua procura. Munida de tochas acesas, errou pelo mundo durante nove dias e nove noites, sem comer nem beber. Acabou, então, por encontrar Hélios, o deus-sol que tudo vê, e pediu a este que lhe contasse o que vira. Ele fez um relato detalhado do

¹A expressão de Nozek, L. (1997) coloca em evidência o caráter apaixonado, e, portanto, assim penso, sensualizado das identificações.

que se havia passado, mas acrescentou que Hades era um excelente partido para a jovem, e que possuía um belo e vasto reino. Deméter ficou tão desesperada com a notícia do rapto de Perséfone que assolou a terra com a seca e a fome. Desceu do Olimpo e vagou através do mundo até que Zeus, inquieto ao ver a terra tornar-se pouco a pouco estéril, compreendeu que se nada viesse apaziguar sua cólera, a raça dos homens não tardaria a desaparecer, e os deuses não mais receberiam suas oferendas. Enviou Íris até ela, para suplicar-lhe que voltasse a integrar a assembléia dos deuses do Olimpo. Mas esta se recusou a isso, enquanto Perséfone não lhe fosse devolvida. Zeus consentiu sob uma única condição: Perséfone não deveria ter comido nada durante sua permanência no inferno, pois o que quer que comesse ou bebesse, enquanto estivesse no reino de Hades, ficaria prisioneiro deste último para sempre. Zeus mandou Hermes buscar a jovem, e Hades aceitou separar-se dela. Mas, antes de sua partida, ofereceu-lhe uma romã. Ao voltar para o lado de sua mãe, esta lhe perguntou se havia comido alguma coisa em casa de Hades. Perséfone, a princípio, negou haver comido o que quer que fosse, mas teve de reconhecer, em seguida, haver comido algumas sementes de romã. Assim, Zeus decidiu que ela deveria passar a metade¹ de cada ano no reino de Hades, com seu marido. Enquanto as sementes estivessem enterradas no chão, brotando e amadurecendo (logo, do outono até as colheitas), Perséfone viveria junto à mãe. Mas uma vez que os grãos fossem colhidos e armazenados, iria reunir-se ao marido, e o solo ficaria árido e estéril (BIDAUD, 1998, p. 79).²

A mitologia e a tragédia grega são fontes, desde Freud, de interesse para a psicanálise na compreensão dos processos inconscientes. É significativo o fato de essas histórias chegarem até nós, tendo percorrido por volta de 4.000 anos ou mais: “Ligada diretamente à fertilidade da terra cultivada, Deméter é uma antiquíssima deusa-mãe, cuja origem deve remontar, no mínimo, ao Neolítico”³ A antiguidade e paradoxal atualidade do mito é indicativo de sua pertinência ao humano. Deméter e Perséfone instigam a refletir sobre a paixão mãe-filha, e suas repercussões na transformação de menina em mulher. O mito está relacionado com a fertilidade, a fecundidade, a periodicidade, a virgindade e sua perda; e a sexualidade pertinente a essas questões. O objetivo deste item é compreender o mito como metáfora de processos constitutivos da feminilidade nas mulheres pelo acesso à sexualidade adulta, dependendo tanto do afastamento da mãe, quanto da proximidade

¹ Existem várias versões do mito com algumas variações, dentre elas, o período de permanência de Perséfone com Hades, que é relatado também como de apenas um terço do ano, ou seja, apenas durante o inverno.

² Bidaud, Eric. “Um certo destino de ligação com a mãe”. In: *Anorexia mental, ascese, mística*, 1998. Uso a descrição que Éric Bidaud faz do mito como reconhecimento do crédito do meu interesse despertado pela leitura deste texto.

³ Ribeiro, Wilson. Mitologia. Os deuses olímpicos. Deméter. <<http://greciantiga.org/mit>>. Acesso em: 17 de junho de 2005.

identificatória com ela. O mito neste trabalho é uma primeira aproximação dos elementos em jogo na paixão entre mãe e filha.

Homero, século VII a.C., escreve o *Hino II a Deméter*, provavelmente o primeiro registro gráfico do mito: ...“Descreve o rapto de Perséfone por Hades, a tristeza de Deméter, a vingança contra os outros deuses, sua busca pela filha, a volta de Perséfone e o estabelecimento dos mistérios de Elêusis.” (RIBEIRO, W., 2005). Deméter e Perséfone, também chamadas “as duas deusas”, eram cultuadas em Elêuses, lugar próximo a Atenas. O culto dos mistérios, de origem pré-helênica, significava cerimônias e rituais, dos quais participavam apenas aqueles denominados de iniciados. Os rituais secretos, nos quais se cultuava as duas deusas, eram abertos apenas às mulheres; neles se agradeciam a fecundidade da terra e as colheitas. Deméter é a grande deusa materna da terra, a divindade da fertilidade; seu nome significa “Terra--Mãe” (BIDAUD, 1998). Perséfone, em algumas versões do mito, é inicialmente chamada de Koré, que significa virgem em grego. Seu novo nome, Perséfone, acompanha a mudança de virgem à esposa de Hades, deus dos mortos, mas não a própria morte, que é Tânatos. Hades é um deus fecundante, favorecia a colheita e a abundância (RIBEIRO, W., 2005).

Existem poucas referências de autores psicanalíticos ao mito, uma delas é Éric Bidaud (1998). Esse autor, ao abordar a questão da anorexia mental, dedica um capítulo de seu livro a compreender o laço entre mães e filhas por meio da análise do mito. O que parece tê-lo motivado foi a compreensão da dinâmica psíquica da relação mãe-filha na patologia. Bidaud (1998, p.81) descreve os riscos desta relação na anorexia mental: ...“O par mãe-filha se cola, formando ‘uma união tissular’, ‘uma cilada narcísica’.” O autor percorre, também, os possíveis caminhos da feminilidade (não patológica) a partir desse laço inicial com a mãe; a trajetória de menina à mulher e seus riscos.

Na análise desse autor, Deméter é o modelo da mãe inconsolável, que não entende ceder seu rebento ao desejo de um homem, nem obedecer a uma lei que não seja a sua. Perséfone é o modelo da jovem intacta, da virgem, fascinante e terrificante, que dispensa o homem e permanece numa ligação original com a mãe; porta a marca do incesto com a mãe. Pelo ato de comer as sementes de romã, oferecidas por Hades, Perséfone rompe o estreito laço com Deméter. “Comer, significando aqui o acesso ao desejo do homem, é ato de feminilidade da virgem...”

(BIDAUD, 1998, p.81). Na mitologia grega comer significa simbolicamente união sexual¹. Hades é o deflorador, o sedutor original.

É a fantasia de ser “violada” pelo pai que permite à menina separar-se da mãe, escreve Bidaud ². O acesso ao próprio desejo na mulher dá-se por meio da sedução, da violação devido a peculiaridades de seu destino sexual: “O fato de ter sido sujeito/objeto do desejo do pai, ativo e passivo, leva Perséfone a desprender-se do domínio da mãe e aceder ao amor edipiano” (BIDAUD, 1998, p. 81). É o pai de Perséfone que cede ao desejo de Hades; o rapto é consentido pelo pai, e Perséfone não parece oferecer resistência, apenas grita para chamar a mãe.

A título ilustrativo, apresento a seguir uma escultura³ em vaso com a expressão de Perséfone ao ser raptada por Hades – a situação não lhe parece desagradável:



Para Fairfield (1994), o mito refere-se a questões pré-edípicas no que diz respeito à separação–individuação. A sedução de Hades representaria a presença do pai em uma triangulação precoce. A influência do pensamento kleiniano é evidente nesse autor.

Kulish e Holtzman (1998), psicanalistas americanas, sustentam que o mito representa o conflito edipiano nas mulheres, sendo uma resolução melhor e mais característica do feminino do que o drama edipiano original⁴, o qual é modelado a partir das referências masculinas. As autoras enfatizam três aspectos do mito:

¹ Foley, H. P., 1994.

² Essa formulação de Bidaud lembra as fantasias de sedução paterna relatadas pelas pacientes histéricas de Freud, fantasias que são organizadoras do psiquismo feminino.

³ Retirada do site www.greciaantiga.org. Acesso em 17.06.2005.

⁴ A tragédia de Édipo.

primeiramente, é uma forte representação da perda da virgindade e da entrada na vida adulta heterossexual; segundo, o mito pode ser compreendido como uma formação de compromisso, resolvendo conflitos de amor e lealdade à mãe e ao pai; terceiro, o mito pode ser um paradigma de valor para o complexo de Édipo feminino, já que representa bem suas características fundamentais.

Considero que o mito ilumina questões pré-edípicas de difícil acesso, pouco referidas na teoria e na clínica psicanalítica: a sedução materna e os desejos incestuosos entre mãe e filha; temas abordados ao longo deste trabalho.

Kulish e Holtzman (1998) consideram que a resolução do mito seria, como já dito, uma formação de compromisso: Perséfone mantém sua lealdade à mãe e ao mesmo tempo conquista o acesso à sexualidade adulta. No entanto, mesmo estando casada com Hades, Perséfone passa metade do ano com sua mãe, e em outras versões do mito, Perséfone passa apenas o inverno com seu marido. Será que essa temporalidade representa o espaço psíquico da relação mãe-filha ao longo da vida de uma mulher? Talvez.

O mito catalisa a possibilidade de nos aproximarmos da intensidade dessa paixão entre mães e filhas e seus riscos narcísicos, representados pela flor do narciso que encanta Perséfone. A menina para ser mulher precisaria usufruir sua sexualidade com um homem e consentir no rapto: primeiramente do pai e posteriormente do marido¹. Eles são os herdeiros da relação originária com a mãe; são uma segunda chance, menos carregada de riscos fusionais. A situação edípica para a menina pode ser um refúgio da relação especular com a mãe, se ali houver abrigo, ou seja, se existir um pai seguro, um porto seguro. Um pai confiável é aquele capaz de apreciar a feminilidade de sua filha, e também de reconhecer e aceitar a interdição dessa relação. Tanto que no mito, Zeus acede ao desejo de Hades; é o pai que entrega a mão da filha em casamento, como um bastão ao seu acordado sucessor.

Deméter representa o desejo não civilizatório de uma mãe: jamais ceder seu rebento ao desejo de um homem (do outro), mesmo que ele possua um belo e vasto reino. Deméter vagou pelo mundo, tornando a terra pouco a pouco estéril; expressão da sua frustração e ira. Ela acalma sua cólera apenas diante da declaração de

¹ É cultural aos italianos raptar a noiva para a realização do casamento na calada da noite, situação que acontece ainda hoje.

Perséfone: havia comido as sementes de romã, havia consentido, talvez prazerosamente, ao desejo de Hades; aceitou a decisão proferida pelo pai – Zeus, a lei civilizatória – de que passaria metade (ou um terço) do ano com o marido. A partir desse momento, no qual há o reconhecimento do terceiro, do pai, da lei, a fertilidade volta à terra dos homens.



The return of Persephone, de Frederic Leighton, 1890-1.

Perséfone passa a transitar em mundos distintos, a “terra-mãe” e o “mundo subterrâneo”, que em parceria são férteis. Os cultos, apenas para mulheres iniciadas, que aconteciam nos Mistérios dos Elêusis, eram dedicados “as duas deusas”:

As cerimônias e rituais secretos eram dedicados à deusa Deméter e sua filha Perséfone... Deméter era a deusa da agricultura; sua filha Perséfone era esposa de Hades, o sombrio deus do mundo subterrâneo que reinava sobre os mortos. Perséfone vivia seis meses com o marido, sob a terra, e seis meses com a mãe, no Olimpo, junto aos demais deuses. Esse ciclo aparente de morte–renascimento simboliza a agricultura: depois de plantada, a semente fica ‘dormente’, durante meses produz uma nova planta, que no tempo certo finalmente emerge do solo (‘renasce’) (RIBEIRO, W., 2005).

A fertilidade da mulher, no sentido da sua capacidade criativa e orgástica, está associada à possibilidade de transitar produtivamente entre mundos distintos – mãe e pai. Para que exista uma relação fértil com um homem é necessário manter-

se em uma tensão dialética entre o afastamento e a proximidade identificatória com a mãe.

Para usufruir sua heterossexualidade, uma mulher dependeria da capacidade de transformação da sua erótica paixão inaugural com a mãe, objeto de análise ao longo deste trabalho.

A seguir, para investigar teoricamente a paixão entre mãe e filha, percorrerei sucintamente a obra de Freud e M. Klein, tendo como norte essa questão.

O apego à mãe: amor e ódio

O desenvolvimento sexual da criança está ligado de forma inextricável às suas relações de objeto e a todas as emoções que moldam desde o início sua atitude diante da mãe e do pai.

(Klein, 1945)

Considero contribuições significativas à temática da paixão entre mães e filhas, articulações do pensamento freudiano e kleiniano, no que se refere à ligação inicial da menina à mãe. Utilizo textos freudianos sobre a feminilidade, o complexo de Édipo feminino e suas identificações heterossexuais e homossexuais, a vinculação pré-edipiana à mãe, e o conceito de bissexualidade psíquica¹. Trago para discussão textos kleinianos sobre a fase da feminilidade, a relação com o corpo da mãe, o complexo de Édipo feminino e seus componentes pré-genitais. O relato a seguir é a leitura desses textos conduzida pelo tema que é o foco da minha investigação. No entrelace feito com os conceitos, tanto freudianos, quanto kleinianos, há a problematização das questões que acompanharam o diálogo com eles.

O objetivo deste item também é explicitar a origem de alguns conceitos na obra freudiana e kleiniana, que serão trabalhados por psicanalista contemporâneos², referidos nos itens posteriores para a compreensão da relação mãe e filha.

Começamos pelo conceito de bissexualidade na obra freudiana. A bissexualidade constitucional foi um termo sugerido a Freud por Wilhelm Fliess. Há vários comentários, ao longo da obra, sobre a bissexualidade, descrita em 1905 no texto *Três ensaios sobre a sexualidade*, com acréscimos de notas de rodapé em 1910, 1915 e 1920. Em 1923 (*O ego e o id*) ao discutir as identificações com os pais, Freud escreve:

¹ Será, também, objeto de reflexão no item *Bissexualidade psíquica: conceito à vista*.

² O conceito de bissexualidade psíquica faz parte da argumentação teórica desenvolvida por J. McDougall (1997), Ogden (1992) e Godfrind (1997).

... A dificuldade do problema se deve a dois fatores: o caráter triangular da situação edipiana e a bissexualidade constitucional de cada indivíduo. ...Um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e devido à bissexualidade originalmente presente na criança (FREUD, 1923, p. 46).

Apenas em 1938 (*Esboço de Psicanálise*), Freud usa o termo bissexualidade psicológica e não mais constitucional. O conceito é compreendido neste trabalho no que se refere à identificação com os pais (em especial com a mãe) e sua trama no complexo de Édipo nas meninas. Essa articulação é importante para a reflexão a respeito das identificações primárias na relação mãe-filha e suas marcas corporais na feminilidade das mulheres. “O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe...,” Freud (1938, p. 216) escreve. Se ampliarmos a parte (o seio) para o todo – o corpo da mãe –, podemos inferir que há uma relação erótica entre a mãe e seu bebê, menina ou menino.

Há aspectos interessantes a serem considerados para a temática aqui levantada, quanto à questão da sedução materna. Em 1932 (*Feminilidade*) Freud escreve que o sedutor é regularmente a mãe; em 1938 (*Esboço de Psicanálise*) sustenta que:

...através dos cuidados com o corpo da criança, ela se torna seu primeiro sedutor. Nessas duas relações (alimentação/cuidados corporais) reside a raiz da importância única sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos (FREUD, 1938, p. 217).

Freud escreve, em 1933 [1932] que a criança nunca supera o sofrimento de perder o seio materno e que essas primeiras catexias objetais são, habitualmente, em grau elevado ambivalentes. Em 1931 diz sobre o temor da menina de ser morta ou devorada por sua mãe, devido às frustrações inevitavelmente impostas por ela (mãe), e, também, pela imaturidade do psiquismo infantil, favorecedora de mecanismos projetivos. É evidente que Melanie Klein leu atentamente este Freud.

Percorrendo textos de 1915 a 1925, podemos observar como Freud construiu suas hipóteses sobre a relação mãe-filha; presentes para o leitor atento às entrelinhas do texto. Porém, apenas em 1931 e 1933 [1932] (*Sexualidade feminina e Feminilidade*) formula explicitamente suas ideias¹.

Em 1915, Freud faz um breve relato sobre *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença*. Estava intrigado com o fato de que o delírio paranóico tinha como protagonista uma pessoa do sexo oposto, já que “os pacientes que sofrem de paranóia lutam contra uma intensificação de suas tendências homossexuais...”. (FREUD, 1915, p. 299). No caso apresentado nesse artigo, a moça, já com seus trinta anos, morava com a mãe e o pai falecera quando ela ainda era menina. Freud esteve com essa mulher por dois encontros. No primeiro, ela fora trazida pelo seu advogado que desconfiara das acusações que sua cliente fazia a um colega de trabalho dela. Freud relata que a moça tentava desfazer-se de sua ligação homossexual com a mãe aproximando-se de um homem, porém, eclode o delírio paranóico, afastando-a do pretendente que se tornou seu perseguidor. Freud descreve um superpoderoso e não dominado complexo materno formado pelas relações infantis com a mãe, ou seja, a dificuldade de se diferenciar e se separar da mãe. Destaco, para discussão posterior, os dois termos usados por Freud nesse texto: a ligação homossexual da filha com a mãe e o superpoderoso complexo materno.

Em 1919 (*Uma criança é espancada*) ao analisar a fantasia de ser espancado, Freud propõe que essa teria como correspondente no inconsciente do menino a fantasia de ser amado pelo pai, ou seja, por efeito da repressão, ser amado pelo pai transforma-se na fantasia de ser espancado por este. Discorre que em ambos os sexos... “a fantasia de espancamento tem sua origem numa ligação incestuosa com o pai” (FREUD, 1919, p. 247). Pensando sobre essa fantasia – uma criança é espancada –, levanto a seguinte questão: – Como aconteceria entre mãe e filha? Seira essa fantasia também pertinente à ligação incestuosa com a mãe? Se Freud considerou o complexo de Édipo dúplice (negativo e positivo), por que a relação incestuosa da menina não foi considerada? A fantasia incestuosa da menina com a mãe e sua conseqüente inversão – minha mãe está me

¹ Kristeva (2002, p. 146) ao referir-se aos textos freudianos de 1931 e 1932, comenta que a mãe de Freud faleceu em 1931, fato que provavelmente teve impacto em suas formulações.

maltratando/espancando – seria também uma hipótese viável? Seria essa uma via de facilitação para o masoquismo feminino? Para a menina existiria um risco fusional intensificado pela identificação narcísica entre mãe e filha, “o corpo e a psique com o selo do idêntico” (ENRIQUEZ, M., 1999). Se o risco de fusão for proporcional à reação de ódio, ou seja, quanto maior o risco de fusão, maior o ódio para, paradoxalmente, desvincularem-se e manterem-se vinculadas, em um embate sem fim?¹ E quanto maior o ódio, mais intensificado o masoquismo²; como a tragédia grega de Electra tão bem exemplifica. Enigmas difíceis de serem desvendados, por isso vamos um pouco mais adiante nos textos freudianos.

Em 1920, Freud faz o relato de um caso clínico: *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Aborda novamente a questão da bissexualidade:

Assim, sua última escolha correspondia não só ao ideal feminino, como também ao masculino; combinava a satisfação da tendência homossexual com a da tendência heterossexual. É bem sabido que a análise de homossexuais masculinos em numerosos casos revelou a mesma combinação, o que deveria nos alertar contra formarmos uma concepção demasiado simples de natureza e gênese da inversão e mantermos em mente a bissexualidade universal dos seres humanos. Mais adiante no texto: Em todos nós, no decorrer da vida, a libido oscila normalmente entre objetos masculinos e femininos. E,... uma medida muito considerável de homossexualismo latente ou inconsciente pode ser detectada em todas as pessoas normais (FREUD, 1920, p. 195, 196, 211 e 313).

Como se dá ou não, a elaboração, mesmo que parcial do vínculo homossexual inconsciente na relação mãe-filha? Quais os possíveis destinos desse intenso investimento?

Em 1925, no texto, *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud escreve: “O complexo de Édipo tem uma longa pré-história e constitui, sob certos aspectos, uma formação secundária” (FREUD, 1925, p. 313). Essa formulação instiga a pensar na formação primária, originária do complexo de Édipo. A tenacidade da ligação edípica com o pai, na menina, seu decorrente desejo de ter um filho, é herdeira de uma tenacidade vincular primária com a mãe,

¹ Tema que será discutido mais amplamente na análise da tragédia de Electra.

² Halberstadt-Freud (1998), psicanalista holandesa, em um artigo intitulado *Electra versus Oedipus; Femininity reconsidered*, no qual diz que o masoquismo feminino deriva do ódio à mãe e de impulsos matricidas.

articulação feita por Freud apenas em 1931, porém, germinada em textos anteriores (como este de 1925).

No texto de 1931 – *Sexualidade feminina*; e de 1932 (publicado em 1933) – *Feminilidade*, Freud manifestou inquietação no que diz respeito a esta delicada relação entre mães e filhas. Em 1931, dois acontecimentos o impressionaram: “... o fato de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada” (FREUD, 1931, 259), e que a duração dessa ligação – que foi anteriormente subestimada – estende-se até os cinco anos. No mesmo texto relata: “... com muitas mulheres temos a impressão de que seus anos de maturidade são ocupados por uma luta com os maridos, tal como suas juventudes se dissiparam numa luta com suas mães.” (FREUD, 1931, 265).

Em 1933 (1932), Freud inicia sua conferência com a conhecida e citada expressão: “... através da história as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade” (FREUD, 1933, p. 140). A feminilidade reporta-se ao cifrado, obscuro, enigmático. Na sequência do texto, retoma o conceito de bissexualidade: “... a proporção em que masculino e feminino se misturam num indivíduo, está sujeita a flutuações muito amplas..., aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (FREUD, 1933, p. 141). Podemos pensar em um mais além e um mais aquém da anatomia: “... a distinção anatômica [entre os sexos] deve expressar-se em conseqüências psíquicas” (FREUD, 1933, p. 153). A experiência psíquica com um corpo masculino ou com um corpo feminino teria destinos psíquicos diversos, porém extremamente plásticos. Anatomia não é destino, mas é parte da trajetória e marca a história psíquica ¹.

O complexo de castração, no texto *Feminilidade* (1933[1932]), é compreendido como o que prepara a menina para sua entrada no complexo de Édipo: “... a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se esta fosse um refúgio.” (FREUD, 1933, p. 159). O interesse da menina pelo pai parece não ser apenas mobilizado pela desilusão e ofensa narcísica – o fato de a mãe não ter

¹ Questão discutida no item *A experiência com um corpo feminino*.

equipado a filha com um pênis –, tema discutido detalhadamente no item *O pai no olhar da mãe*.

Freud (1933 [1932]) escreve sobre o complexo de Édipo feminino: “... As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto.” (FREUD, 1933, p. 159). É interessante pensarmos que a entrada na situação edipiana é um refúgio, a relação com o pai pode ser um bálsamo diante das intensidades identificatórias conflitivas e fusionais entre mães e filhas.

No mesmo texto, Freud (1933 [1932]) teoriza sobre as duas camadas de identificação de uma mulher com sua mãe – a pré-edipiana e a do complexo de Édipo: “... sem dúvida justifica-se dizermos que muita coisa de ambas subsiste no futuro e que nenhuma é adequadamente superada no curso do desenvolvimento.” (FREUD, 1933, p. 164). Essa é uma constatação que destaco: não há uma superação, mas a coexistência de camadas diversas de identificação.

Freud considera que o desenvolvimento de uma menina seria mais difícil e complexo que o dos meninos, pois a mulher tem duas tarefas extras: mudar de zona erógena e de objeto: “... não há nada de equivalente no desenvolvimento de um homem.” (FREUD, 1933, p. 159). A feminilidade e a masculinidade são árduas conquistas psíquicas, com desafios próprios, específicos, com os quais não parece ser pertinente fazer analogias, idéia compartilhada com Freud no texto de 1931: “... Há muito tempo, afinal de contas, já abandonamos qualquer expectativa quanto a um paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino” (FREUD, 1931, p. 260). Ao longo desta investigação, a tarefa feminina de mudar de objeto – da mãe para o pai – é problematizada: haveria uma mudança, ou quais outras possibilidades existiriam?

Freud constata, em 1933, que a menina se separa da mãe por meio de sentimentos hostis:

O afastar-se da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se muito influente e durar toda a vida; pode ser muito cuidadosamente supercompensado, posteriormente; geralmente, uma parte dele é superada, ao passo que a parte restante persiste. (FREUD, 1933, p. 150).

Na tentativa de compreender a hostilidade das filhas dirigidas às mães, Freud comenta que as meninas responsabilizam a mãe pela falta de um pênis. No texto de 1931, ele descreve uma lista de motivos, dentre os quais essa falta, que justificaria a hostilidade da menina em relação à mãe, concluindo: “Alguns deles decorrem inevitavelmente da natureza da sexualidade infantil; outros aparecem como racionalizações imaginadas posteriormente, para explicar a mudança incompreendida no sentimento” (FREUD, 1931, p. 269). Em 1933, retoma novamente a questão das acusações e queixas contra a mãe: “muitas dentre elas são evidentes racionalizações e as verdadeiras origens da hostilidade restam por ser encontradas.” (FREUD, 1933, p. 150). As verdadeiras origens da hostilidade (da menina) em relação à mãe ainda precisam ser compreendidas.

Posso, a partir da argumentação acima, alicerçar uma hipótese: a mudança no sentimento – de intensa paixão para hostilidade – deve-se a tentativa de diferenciação psíquica entre mães e filhas? Será preciso odiar a mãe para se apartar e, fazendo uso da hostilidade, desidentificar-se? Tudo faz crer que a mútua identificação entre mãe e filha, e o fato de ser uma relação sob o selo narcísico do idêntico, exigiria um esforço maior no delineamento de um “eu feminino”. O matricídio simbólico faz parte, como veremos, da constituição da feminilidade nas mulheres.

Paradoxalmente, o uso da hostilidade, como recurso psíquico de diferenciação, também pode aprisionar pelo ódio, transformando-se em uma tentativa naufragada de separação entre mãe e filha. Exemplo trágico do ódio que aprisiona é Electra, que viveu para odiar (amar) a mãe até a morte¹. No entanto, a relação de ódio à mãe, quando não é levada aos extremos de Electra, faz parte da trajetória de menina à mulher, como observou Freud em 1931.

¹ Tragédia apresentada no próximo item.

E o que pensava Melanie Klein sobre mães e filhas?

Seguindo o estilo das articulações feitas com textos freudianos, destaco algumas contribuições do pensamento kleiniano para a compreensão da intimidade da relação mãe-filha. Freud (1923) já havia postulado: "... o ego é, antes de qualquer coisa, um ego corporal...". No entanto, é Klein que explora clínica e teoricamente as sensações corporais mais arcaicas e suas ligações com a fantasia inconsciente.

Cintra e Figueiredo (2004, p. 151) escrevem:

No pensamento kleiniano, as sensações corporais são muito importantes na formação do tecido da fantasia: ela é a configuração psíquica das mais arcaicas sensações e sentimentos, é o lugar no qual se constitui a mais profunda imagem inconsciente do corpo. A fantasia é o lugar de registro daquilo que Melanie Klein chamou de 'memórias em sentimento' (memory in feelings), mas que poderíamos chamar, de maneira mais exata, de 'memórias em sensações'.

As sensações corporais do bebê despertadas pelos cuidados maternos denominada por Freud de sedução materna, e as memórias dessa interação corporal – excitada e fantasiosa – entre mãe e filha, tornaram-se, também, objeto de estudo desta investigação.

A linguagem dos textos kleinianos coloca-nos em contato com a concretude, a corporeidade da fantasia infantil, nem sempre fácil de acessarmos; além disso, há o risco de uma compreensão precária, ou uma rejeição imediata do texto. Particularmente, para lermos Klein, seria bom ter em mente observações pessoais e clínicas das brincadeiras infantis e de bebês. Com Klein entramos no campo do arcaico, do primitivo. Está aí o desafio de lê-la e de citá-la, de maneira mais palatável, dentro do contexto da relação mãe-filha.

A teorização de Klein auxilia-nos na compreensão dos componentes orais e anais das fantasias edípicas, devido ao entendimento que essa autora tem sobre a origem precoce do complexo de Édipo – entre o quarto e o sexto mês de vida, concomitante à posição depressiva e ao desmame (KLEIN, 1957, p. 228). Para Klein todas as posições libidinais (oral, anal e genital) estão sempre presentes desde os

primeiros meses de vida e inter-relacionadas. As sensações corporais geradas na interação mãe e bebê são a matéria prima das fantasias inconscientes.

Podemos compreender melhor a precocidade da triangulação edípica, a partir do texto de Cintra & Figueiredo (2004, p. 68):

Os personagens desse triângulo ou drama edípico precoce são a **criança** – cujo ego começa a constituir-se de forma mais nítida no momento mesmo em que pode perceber a mãe como objeto total – a **mãe** – que começa a ser reconhecida – e o **estranho** – cuja existência é dolorosamente descoberta justamente porque vem assinalar a ausência da mãe.

Partindo dessa perspectiva, o pai é o primeiro estranho/familiar, ou seja, para bebês de ambos os sexos, o estranho é o gênero masculino. A mãe é o objeto primário para meninos e meninas; o pai é quem, imediatamente após a precoce percepção que o bebê tem da mãe como um outro (objeto total), surge no horizonte afetivo da criança, o pai. Dizendo de maneira diversa, o pai é experienciado primeiramente como um estranho – não é a mãe.

Sobre a presença psíquica do pai para uma filha, Klein escreve em 1930 e publica, em 1932, o artigo *Os efeitos das primeiras situações de angústia sobre o desenvolvimento sexual da menina*. No *post-scriptum* comenta o texto de Freud (*Feminilidade*, 1933 [1932]), suas diferenças e aproximações com o pensamento freudiano. Os artigos são contemporâneos, Klein explicita:

Freud acredita que o longo apego da menina à mãe é exclusivo e ocorre antes de ela ter entrado na situação edípica. Mas a minha experiência de análise de meninas pequenas convenceu-me de que o apego prolongado e poderoso que elas têm à mãe não é nunca exclusivo e está vinculado a impulsos edípicos. Além do mais, a ansiedade e sentimento de culpa delas em relação à mãe afetam também o curso daqueles impulsos edípicos; pois, na minha maneira de ver, a defesa da menina contra a feminilidade provém menos de suas tendências masculinas do que do medo que tem da mãe (KLEIN, M., 1932-b, p. 256).

A precocidade da triangulação edípica, da presença do pai (ou terceiro) para sua filha, marca e distingue o pensamento de Klein. O bebê do sexo feminino é impelido, pela frustração oral imposta pela mãe, a voltar-se para o pai por volta dos seis meses¹.

Para Klein a triangulação edípica, ou melhor, a “situação edípica” é precoce. Figueiredo (2006, p. 138) destaca: “a isto chamaremos de ‘situação edípica’, aproveitando o termo usado por Melanie Klein em 1926 e desde o início associado às experiências de impedimentos a uma gratificação plena, às privações.”

Essa diferenciação que se insinua precocemente na “célula narcísica” mãe e bebê tem seu primeiro delineamento na posição depressiva, aos seis meses de vida, concomitante ao que Klein denominou de fase feminina em meninos e meninas.

Klein (1928) postula a existência de uma fase da feminilidade: identificação inicial com a mãe em ambos os sexos. Tanto meninos quanto meninas voltam-se – de uma maneira feminina – do primeiro objeto, mãe, para o pai, isto é, os bebês de ambos os sexos, identificados com a mãe, voltam-se para o pai. A relação primária com a mãe deixa marcas tanto nas construções posteriores da feminilidade, quanto na masculinidade, ou seja, na identidade sexual. Porém, a importância da fase da feminilidade para Klein esmaeceu teoricamente após ela ter descrito a posição depressiva (HINSHELWOOD, 1992, p. 105).

Considero uma perda a não continuidade da atenção de Klein para esse conceito, pois ele é fundamental na compreensão de uma feminilidade primária em bebês, anterior à constatação da diferença entre os sexos, que se dá por volta de um ano e meio, com efeitos *a posteriori* nos tempos psíquicos da diferenciação sexual².

Klein relata a e ferocidade de ataques, em fantasia, ao corpo da mãe, em ambos os sexos. Dizendo de outra forma: a profunda ambivalência da natureza humana, que se caracteriza por intensos sentimentos de amor e ódio ao objeto. O palco inaugural de todos os processos e desenvolvimentos sexuais e afetivos são o

¹ Concomitante a posição depressiva, conceito que será articulado por Klein em 1935 e 1945.

² A posição feminina será objeto de discussão no item “A feminilidade nas mulheres”. Florence Guignard (1997, p.51) destaca a importância da “fase feminina primária” para suas reflexões; desenvolve seu conceito de espaço psíquico do *feminino primário* a partir da conceitualização kleiniana.

corpo/psiquismo da mãe. Klein destaca a intrincada interação entre os complexos positivos (heterossexuais) e negativos (homossexuais) do complexo de Édipo:

...em ambos os sexos, não importa quão divergentes seus desenvolvimentos, o ciúme paranóide e a rivalidade na situação edipiana direta e invertida são baseados na inveja excessiva em relação ao objeto originário, a mãe, ou melhor, seu seio (KLEIN, M., 1957, p. 233).

As noções precoces (inconscientes) da vagina e suas sensações são importantes contribuições kleinianas para a compreensão da complexa interação entre sensações corporais e fantasia: "... fui levada a concluir que uma noção inconsciente da vagina, assim como sensações nesse órgão e no resto do aparelho genital, são despertadas logo que surgem os impulsos edipianos." (KLEIN, M., 1928, p. 222). Klein ressalta a natureza interna e receptiva do órgão sexual feminino, o que corrobora as angústias femininas a danos internos e as ansiedades da mulher a respeito de seus atrativos físicos, e da integridade do interior de seu corpo/psiquismo. Melanie Klein considera secundária, para a menina, as angústias clássicas de castração e inveja do pênis:

Como sabemos, sob o predomínio dos desejos orais, o pênis é equacionado com o seio (Abraham) e, em minha experiência, a inveja do pênis na mulher pode ser remontada à inveja do seio da mãe. Verifiquei que, se a inveja do pênis nas mulheres é analisada desse ângulo, podemos ver que sua raiz está na relação mais arcaica com a mãe, na inveja fundamental do seio materno e nos sentimentos destrutivos a ela associados. (KLEIN, M. 1957, p. 231).

Klein dá ênfase ao que é interno ao corpo da mãe e interno ao próprio corpo. As angústias femininas dizem respeito à destruição interna dos órgãos reprodutores e dos bebês imaginários. Expressando de outro modo: a destruição da capacidade criativa. A angústia feminina de destruição do interior do corpo é decorrente dos ataques – fantasiados – ao corpo da mãe: a inveja¹ da capacidade criativa da mãe, seus seios fartos de leite, seus bebês, seus atrativos que seduzem o pai. Em *Inveja*

¹ “A inveja é, fundamentalmente, uma estratégia de desinvestimento libidinal.” (CINTRA E FIGUEIREDO, 2004, p. 163.)

e *Gratidão* (1957, p. 231) escreve: “... a relação invejosa com a mãe expressa-se através de uma rivalidade edípica excessiva. ... Mais tarde na vida, cada sucesso em sua relação com os homens torna-se, por conseguinte, uma vitória sobre uma outra mulher.”. Isso parece significar que mesmo estando em relacionamentos com homens, a sombra da mãe permanece.

Klein (1932-a, p. 309), ao definir a principal angústia¹ nas mulheres², faz uma importante contribuição para a compreensão da feminilidade:

Em minhas análises de pacientes femininas de todas as idades constatei que o medo de serem devoradas, despedaçadas ou destruídas pela mãe, brota da projeção de seus próprios impulsos de idêntica natureza sádica contra a genitora, e que esses medos estão na raiz de suas mais primitivas situações de angústia.

É plausível que a intensificação dessa angústia feminina de ter o interior do corpo destruído, consequência do retorno das fantasias sádicas dirigidas à mãe, seja devido à predominância do desencontro entre mães e filhas.

Considero um desencontro a dificuldade ou incapacidade de a mãe ser continente às angústias de seu bebê³, especificamente, aqui, do sexo feminino. Para Klein (1946), a realidade predominantemente insatisfatória e frustrante reforça as fantasias sádicas, que por sua vez, reforça o medo da retaliação materna, fixando uma trajetória de cisões extremamente defensivas e empobrecedoras do psiquismo.

Klein (1932) articula, como Freud, como já referido, que o apego ao pai é profundamente afetado pelo apego inicial da menina a sua mãe, e que um é edificado sobre o outro, tendo como decorrência, na idade adulta, o fato de que o relacionamento das mulheres com seus maridos tende a repetir seus conflitos com a mãe.

Freud considerou, de maneira diversa de Klein, que o apego exclusivo da menina à mãe duraria até os cinco anos. No entanto, Klein (1932-a, p. 311)

¹Se considerarmos que a destrutividade, que pode se manifestar como inveja, é intensificada pela precariedade da mente da mãe de dar sentido à experiência emocional do seu bebê – a *rêverie* de Bion –, é provável que a intensificação da angústia feminina, de ter o interior do seu corpo destruído seja transmitida de geração a geração, como aquilo que não foi “digerido mentalmente” entre mãe e filha.

²Para Klein, a angústia de castração nas meninas é secundária.

³Capacidade de *rêverie materna*.

acompanha Freud quando relata que o apego ao pai é fundamentalmente afetado pelo apego da menina à mãe, escreve: “Freud, devo acrescentar, também assinala que um é edificado sobre o outro, e que muitas mulheres repetem sua relação com a mãe em sua relação com os homens”¹. Ambos estavam ocupados com o tema entre 1930 e 1932. No entanto, Klein põe em evidência a precoce presença paterna – o pênis no seio (objeto parcial), dizendo de outra maneira, o pai dentro da mente da mãe; como objeto interno no psiquismo materno². Ela considera a presença do pai desde o início e refuta a idéia de um idílio inicial entre mãe e filha; pensa os primórdios da relação mãe e filha, impregnados de ambiguidade e culpa.

Para Klein, o início da vida é uma experiência de caos infernal, momento do domínio do sadismo. No princípio é preciso morder a vida³, morder a mãe. Projetar, introjetar, clivar e, por fim, entristecer, integrar, se identificar e reparar.

Retomo aqui as principais contribuições do pensamento kleiniano para o tema proposto: a fantasia inconsciente (o *phantasma*) e suas *memórias em sensações*; a precocidade da *situação edípica*; a primordial angústia feminina ligada a danos internos (ao interior do corpo da mãe e da filha); a fase da feminilidade – identificação precoce com a mãe nos dois sexos (a feminilidade nas meninas e nos meninos); a fantasia inconsciente dos pais combinados e o fato de todas as posições libidinais (oral, anal e genital) estarem presentes desde o início e em interação.

Esses conceitos serão retomados ao longo do texto. Apenas para finalizar esse item com Klein (1957, p. 233): “se a identificação com um objeto internalizado bom e propiciador de vida puder ser mantida, ela se torna uma força propulsora para a criatividade.”. Se a culpa levar à reparação, o interior do corpo e do psiquismo estará preservado – a capacidade de a mulher gerar orgasticamente bebês imaginários poderá encontrar caminhos de realização. Dessa maneira, a fantasia dos pais combinados passa a ser experienciada como fértil e propiciadora de vida.

No entanto, quando predominam as angústias esquizoparanóides, prevalece a impossibilidade da integração depressiva, do reconhecimento da alteridade, do

¹ Faço uso dessa tradução mais antiga (1969) porque, quanto a esse item, me pareceu mais clara. Na tradução de 1997, p. 257, está escrito assim: “Freud também assinala que uma se constrói sobre a outra e que muitas mulheres repetem suas relações com a mãe nas suas relações com os homens.”.

² Reflexão que é feita no item *O pai no olhar da mãe*.

³ Guignard, F. *Intricação pulsional e funções do sadismo primário*, 2005, p. 264.

ódio e da consequente retaliação, como exemplifica a tragédia grega de Electra, comentada a seguir.

Electra, um elogio ao ódio

Assim pode-se traçar um paralelo entre a neo-realidade delirante do paranóico e, no mais não havendo diferença, o relacionamento paranóide de uma filha com sua mãe. Este relacionamento é uma mescla inextricável de amor e ódio. Toda vez que o amor é expresso, o ódio é reprimido, e vice-versa.

(Green, 1988)

Considero de uma riqueza ímpar na tragédia grega a trajetória psíquica para a qual somos inevitavelmente conduzidos quando assistimos a uma boa adaptação teatral, ou quando lemos o texto. A tragédia tem o mérito de nos atingir em lugares psíquicos de difícil acesso. A paixão mãe-filha e sua cara metade – o ódio – pertencem a tal território, como Freud (1931, p. 260) escreveu¹:

Tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises – tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar – que era como se houvesse sucumbido a uma repressão especialmente inexorável.

O que abordo aqui talvez pertença a um terreno psíquico de aproximação penosa – se considerarmos a idealização cultural contemporânea do amor dirigido à mãe²: o ódio à mãe e seus componentes orais e anais. Para tal empreitada, trago a teoria já exposta com alguns acréscimos: o conceito de “anuidade primária” de André Green (2004)³; a discussão feita por Halberstadt-Freud (1998 e 2001) sobre a tragédia de Electra; a expressão usada por J. Godfrind (1994) “o pacto negro”; e o “elogio do matricídio”, escrito por J. Kristeva (2002) a partir do texto de M. Klein sobre a tragédia de Orestes, irmão de Electra. O intuito é compreender, em uma microscopia afetiva, os possíveis caminhos e descaminhos na diferenciação psíquica entre mães e filhas.

¹ Já citado nas *Notas introdutórias*.

² Exemplificado na mídia pelo fenômeno do dia das mães.

³ Introduzo o conceito de “anuidade primária” pelo fato de Electra – assim compreendo – evidenciar as funções estruturantes do ódio para o eu; que estão descritas com precisão fenomenológica por Green (2004).

A tragédia de Electra

Mas o culto à mãe — e isso é essencial — se inverte na visão de Klein em... matricídio. É da perda da mãe — que equivale para o imaginário a uma morte da mãe — que se organiza a capacidade simbólica do sujeito.

(Kristeva, 2002)

Electra é um personagem da tragédia grega. Chegaram até nós três versões: a de Ésquilo, a de Sófocles e a de Eurípides. Em Ésquilo, Electra é apenas coadjuvante, sendo seu irmão Orestes, o personagem principal. A peça teatral é intitulada Coéforas. Em Sófocles e Eurípides, Electra é o personagem central; a peça carrega seu nome e há destaque dos sentimentos humanos e vingativos de Electra. Ésquilo apresenta a vingança como uma ação religiosa¹. Uso, como objeto de análise, o texto de Sófocles por apresentar a intensidade trágica dos sentimentos vingativos e de ódio à mãe em Electra. Apresento brevemente a tragédia.

Os poetas gregos restringiam-se a algumas histórias míticas, constantemente representadas, dentre elas, a dos filhos de Agamêmnon, comandante supremo na guerra de Tróia. Após dez anos ausente de casa, Agamêmnon retorna ao lar, sendo recebido por sua esposa com um “cutelo de bronze” usado para assassiná-lo. Ela foi ajudada pelo amante e também primo de Agamêmnon, Egisto. O pretexto do crime, declarado por Clitemnestra e Egisto, foi a vingança. O crime deve-se ao fato de que Agamêmnon, antes de partir para Tróia, sacrificara Ifigênia, uma das filhas do casal, em prol de bons ventos para seus navios. Restaram Ifigênia, Crisôtemis, Electra e Orestes. Tal motivação — a vingança — é considerada por Electra apenas um pretexto. Ela acusa a mãe de que a razão primeira do crime é o fato de Clitemnestra e Egisto serem amantes e desejarem ser os soberanos do palácio.

Por ocasião do assassinato cometido contra Agamêmnon, Electra consegue salvar seu irmão Orestes — ainda menino — da morte, enviando-o para longe. Orestes era o único filho homem, sucessor natural de Agamêmnon, e, portanto, seu vingador. Electra permanece com as irmãs, e com a mãe e com Egisto, aguardando ansiosamente a volta de Orestes para vingar a morte do pai. A peça desenvolve-se

¹ Ribeiro Jr., Wilson. Home Page “Grécia Antiga”; Aspectos da estética aristotélica na tragédia grega. URL: <http://warj.med.br/mit/mit07-7.asp>. Acesso em: 16 de setembro de 2004.

no momento do retorno de Orestes, tornado homem, chega a Micenas, cidade de seu pai, acompanhado do preceptor – antigo criado de Agamêmnon – e do amigo Pílates. O preceptor apresenta-se no palácio com a falsa notícia da morte de Orestes. Passaram-se muitos anos e dificilmente alguém o reconheceria. Orestes dirige-se ao túmulo do pai para oferecer uma mecha de seus cabelos. Electra dialoga com o coro, expressando sua dor, seu ódio e imenso sofrimento. Encontra Crisótemis, sua irmã, que está se dirigindo ao túmulo do pai, levando oferendas enviadas por Clitemnestra, preocupada com um sonho, interpretado por ela (Clitemnestra) como premonitório de uma vingança relativa ao crime que cometera. A conversa de Electra com Crisótemis é intermediada pelo coro, devido às diferenças de postura e sentimentos das duas irmãs diante da mesma tragédia – o assassinato do pai. Electra mostra-se, o tempo todo, vingativa e consumida por um intenso ódio. Crisótemis pede a Electra que seja sensata, razoável, para proteger-se de males ainda piores (SÓFOCLES, 1958).

Segue-se um árduo diálogo entre Clitemnestra – que também se dirige ao túmulo com oferendas – e Electra. O preceptor chega dando a notícia da morte de Orestes a Clitemnestra e Electra. Clitemnestra revela o alívio que sente com a notícia: agora está livre do medo da vingança do filho. Electra desespera-se, não encontrando mais sentido para sua vida. Clitemnestra e o preceptor voltam ao palácio. Electra manifesta sua dor com o coro; logo chega sua irmã, Crisótemis, comentando com efusiva alegria o indício de que o irmão teria voltado: a mecha de cabelo no túmulo do pai. Há um longo diálogo entre elas, no qual Electra tenta convencer a irmã de planejarem a morte de Egisto. Crisótemis recusa tal proposta, deixando Electra sozinha com sua sede de vingança.

Chega Orestes. Carrega seus falsos restos mortais, e os oferece a Electra. Diante dos intensos e dolorosos lamentos de Electra, Orestes revela sua identidade. O contentamento contamina os dois. Electra, Orestes e Pílates, dirigem-se ao palácio para executar o plano do assassinato de Egisto e Clitemnestra. Orestes mata primeiramente a mãe e depois Egisto, acompanhado pelas falas de júbilo de Electra, pela vingança realizada.

O destino de Electra após a tragédia não é relatado no texto de Sófocles. Em Ésquilo, Orestes é perseguido pelas Erínias, as quais apenas ele vê. Apresenta-se ao tribunal de Atenas, sendo absolvido do matricídio cometido. Em Eurípides, os

deuses ordenam a Orestes, casar a irmã Electra com o amigo Pílates (RIBEIRO, W., 2004).

Sobre o matricídio, Kristeva (2002) faz referência ao texto de Klein, no qual ela analisa a tragédia de Orestes como metáfora da posição depressiva e do processo de simbolização. O ato de matar a mãe é libertador, pois permite o acesso à capacidade de simbolizar e pensar. Matar significa individualizar-se. Já que a mãe não basta, é necessário o símbolo. Kristeva (2002, p. 155) escreve:

...o elogio kleiniano do matricídio é um arrazoado em prol do salvamento da aptidão simbólica dos humanos. O simbolismo, que seria próprio do homem, se apresenta a essa mãe da psicanálise como um milagre incerto, sempre já ameaçado, e cuja sorte depende muito da mãe, mas com a condição de que 'eu' possa 'me' privar dela.

Os diálogos de Electra são ricos de manifestações de ódio e repúdio à mãe. Electra não consegue individualizar-se; seu ressentimento a remete à mãe, unida inseparavelmente pelo ódio/amor. Essa situação lembra a vingança obsessiva do paranóico: o ato vingativo dá fim ao objeto e ao eu, representando a impossibilidade de separação. Parece ser mais fácil reconhecer a dificuldade de diferenciação na relação idílica entre mãe e filha, do que na de ódio. Contudo, são apenas duas possibilidades de uma mesma questão.

André Green (2004), ao descrever o conceito de analidade primária, traz um vértice de reflexão interessante para o tema aqui desenvolvido: ...“a analidade se converte no suporte de uma destruição fria, desencarnada, ‘descorporizante’. Pessoalmente a nomeio de ‘desobjetalizante’.”¹ Tal destruição desencarnada, assim penso, aproxima-se da descrição trágica de Sófocles dos sentimentos de Electra em relação à mãe.

Qual seria a especificidade do conceito de Green? O que se segue é o relato de algumas características dos sujeitos descritos por ele, prisioneiros da analidade primária. Um desses hipotéticos sujeitos poderia ser Electra, que, aqui, exemplifica-os.

¹ GREEN, André. *Analidade primária. Relações com a organização obsessiva*, 2004.

Os aspectos narrados a partir do conceito de analidade primária são diversos dos descritos sobre a analidade clássica, formação mais tardia, portanto, secundária. A analidade primária é marcada por uma fixação narcísica (narcisismo anal): “o narcisismo desses sujeitos encontra-se ferido e despedaçado” (GREEN, 2004, p. 54). Green descreve a obstinação dessas pessoas esfoladas vivas, alicerçada por rígidos princípios morais. Electra considera justo seu ódio e desejo de vingança. Em momento algum da tragédia ela duvida de seus sentimentos. Ao dirigir-se a Clitemnestra, fala:

Aponta-me a todos como desleal,
ou petulante, ou ainda impudente,
pois se sou bem dotada de tais qualidades, herdei-as de ti; não
desmereço teu sangue !

Corifeu

Vejo-a respirar rancor, mas já não cuida
de saber se está ou não com a justiça.
(SÓFOCLES, 1958, p. 26)

O coro, na voz de seu principal protagonista – o corifeu –, tenta trazer para o diálogo de Electra com a mãe, um pouco de bom senso. Tentativa vã, desbancada pela irracionalidade dos sentimentos e pela intensidade paranóica da certeza de Electra de estar sendo justa.

Green (2004) relata que há nesses sujeitos uma “erotização inconsciente dos conflitos”. No texto da tragédia, encontramos:

Por que te enamoras da desgraça?

...

Espero-o indefinidamente,
sem filhos, infeliz, errante, sem esposo,
desfeita em lágrimas,
esmagada por desgraças sucessivas...

...

Jamais me livrarei de minhas mágoas,
de meus soluços incessantes.
(SÓFOCLES, 1958, p. 6, 7 e 9)

Podemos compreender essa fala – impregnada de erotização –, a partir da concepção de Klein (1932-a, p. 268) sobre o masoquismo feminino:

Assim, parece que a raiz mais profunda do masoquismo feminino é o medo da mulher aos perigosos objetos internalizados, em especial o pênis do pai; e seu masoquismo, em última instância, nada mais seria que a inflexão dos instintos sádicos, que ficariam dirigidos para dentro, contra esses objetos internalizados.

Posteriormente a Klein, Halberstadt-Freud (1998, p. 45) escreve que o masoquismo feminino pode ser compreendido como algo derivado do ódio à mãe e dos impulsos matricidas.

Retomando Green (2004), o conflito é algo que tenta dar fronteira ao eu: “diferença adquirida no combate”. Tal prazer na batalha assemelha-se à paranóia, principalmente pela “intensidade do funcionamento projetivo intermitente”. Não há, porém, o sentimento de perseguição verdadeiro, nem a deformação da realidade, mas “a convicção de não ser feito para a realidade tal como ela é”. A partir de Electra, ilustro:

Terei de conformar-me com o meu destino:
ser escrava dos assassinos de Agamêmnon !
Bela perspectiva!...Mas enquanto viver
não retornarei ao convívio dessa gente !
Deixar-me-ei ficar assim, fora das portas,
E só, sem amigos, consumirei a vida.
Os assassinos, se os importuno, matem-me!
Se viver é um suplício, antes a morte!
(SÓFOCLES, 1958, p. 37)

A respeito do ódio, Green (2004, p. 56) escreve:

Com efeito, o amor toma aqui facilmente a forma de ódio e o ódio é o sinal de um laço que ninguém pode desatar. O ódio sela um pacto de fidelidade eterno ao objeto primário o qual pode ser substituído por outros que, contudo nunca deixam esquecer o primeiro, apesar das aparências.

Semelhante ódio é expresso por Electra quando se dirige à mãe:

Não me é lícito, sequer, dar-te conselhos;
irás dizer que falo mal de minha mãe,
mas eu te considero menos mãe que algoz,
tão grandes são os males que me fazes hoje
para maior satisfação do teu comparte.

O ódio à mãe está presente na fala de Electra durante todo o percurso da tragédia, ou seja, a mãe é indissociável da filha, atada pelo ódio. Segundo Klein [1963 (1985), p. 323]: ...“O motivo primário para o ódio de Electra é que aparentemente ela não havia sido suficientemente amada por sua mãe e seu anseio de ser por ela amada havia sido frustrado.”.

Green (2004, p. 60) constrói uma hipotética gênese para os sujeitos aprisionados na analidade primária:

A de uma primeira relação de objeto fusional, extremamente intensa e passional seguida de uma decepção incurável na fase anal pela tomada de consciência do estado separado do objeto e onde o papel do terceiro tornou-se traumático, este sendo representado pelo pai ou pelo irmão caçula.

Se fizermos uso dessa gênese hipotética para Electra, podemos pensar que a sua paixão pela mãe foi intensa, seguida por uma decepção insustentável. A mãe ficou depositária de seu ódio e rancor, o pai e o irmão, objetos idealizados, portanto, distantes e incestuosos na fantasia. Electra exemplifica a cisão entre a mãe má e o pai idealizado (HALBERSTADT-FREUD, 1998, p. 49). O ódio poderia ter sido uma saída, uma etapa (talvez) necessária à diferenciação mãe-filha, caso não tivesse se cristalizado. A decepção teria sido intransponível? O diálogo de Electra com Crisôtemis mostra como, para a irmã, foi possível transitar por uma gama maior de sentimentos, que não a paralisaram:

Electra: Que volte sem demora! Não tenho receios.
Crisôtemis: Para sofreres ainda mais? Já não pensas?
Electra: Para ficar longe de toda essa gente!
Crisôtemis: Não cuidas, sequer, de tua vida presente?
Electra: Minha vida é uma grande maravilha...
Crisôtemis: Mas poderia ser, se fosses razoável.

Electra: Não me ensines a trair os meus amigos!
Crisôtemis: Ensino a ceder diante dos mais fortes.
Electra: Adula-os! Teus motes não são para mim!
Crisôtemis: Sei, mas prefiro não cair por teimosia.
Electra: Prefiro cair exaltando nosso pai!
Crisôtemis: Sou assim, e penso que ele me perdoa.

Para Crisôtemis, há o perdão pela humanidade dos pais e dela mesma; o mundo pode ser um lugar de pertencimento, de convivência com as tragédias humanas. Electra segue outros motes: da teimosia, dos ideais, de jamais perdoar a mãe – uma traidora. Qual seria a imperdoável traição da mãe? Ser mulher, usufruir de uma sexualidade independente da filha, escolher o outro, o estranho, o terceiro, o pai. O mito representaria, entre outras coisas, o horror dos filhos (e em especial da filha) diante da sexualidade da mãe, que impõe um terceiro, ferida narcísica na infância de meninas e meninos? Parece-me que sim.

Destaco o lugar, oral e anal, de indiferenciação eu e não eu, no qual a decepção de Electra parece ser intransitável. Green (2004, p. 60), ao propor o conceito de analidade primária, descreve as características que justificam a referência libidinal anal: negativismo, oposição, obstinação, redução das trocas libidinais, combatividade, agressividade e desejo de controle, assim como, aquelas características que justificam a primariedade: “a ligação com a oralidade da qual a analidade se desprende mal... As marcas da relação oral (avidez afetiva, dependência, etc.) infiltram de tal maneira a analidade que deveríamos falar em oranalidade”. Green (2004, p. 60) diz de uma fragilidade do eu; o objeto é ou o inimigo intrusivo, ou... “o alterego, cuja presença é indispensável ao sentimento de existência”. Tais características também são marcantes em Electra: a necessidade de combater a mãe para diferenciar-se dela; o desejo de estar perto do irmão, vivido como distante e idealizado, assim como a lembrança do pai morto que dará sentido à sua vida; a erotização do sofrimento, a sua tenacidade e combatividade evidentes.

A questão que move esta investigação impõe-se novamente: – Haveria uma especificidade da trajetória feminina? A menina parece ter uma maior dificuldade na construção de sua identidade feminina separada de sua mãe, já que seu objeto primário faz parte de uma relação entre semelhantes, portanto, com características homoeróticas.

H. Deutsch¹ (1944-1945) diz que a menina nasce e continua a viver sob o legado de um vínculo homoerótico; seu primeiro objeto de amor é do mesmo sexo. Considerando que a constatação da diferença entre os sexos se dê *a posteriori* (por volta de um ano e meio), tal constatação vai recair sobre o vínculo originário entre mãe e filha, que tem como característica a similitude.

A percepção da semelhança entre elas (mãe e filha) acontece, sob o vértice da filha, a partir da constatação da diferenciação entre os sexos. Porém, sob o prisma da mãe, ela (mãe) vive uma relação com um bebê do mesmo sexo que o seu; pode estar cuidando e apreciando (na melhor das hipóteses) o corpo feminino de seu bebê. Contudo, se existe dificuldade ou impossibilidade no prazer entre corpos femininos (mãe e bebê menina), esses impedimentos, inscritos no psiquismo como “memórias em sensações”, podem ser o alicerce arcaico das disfunções femininas², manifestadas pela via somática e/ou psíquica.

Halberstadt-Freud (2001, p. 160) considera que a tragédia de Electra é uma excelente metáfora para o complexo de Édipo feminino:

O laço ambivalente não resolvido com a mãe; a cisão entre o ódio dela e a idealização do pai distante; uma forte força homossexual subjacente; a inveja do irmão e o desejo de domesticá-lo; o risco de perder tanto o pai como a mãe como objeto de desejo, e não receber nada em troca, pois também se desistiu da sexualidade na barganha; e também – por último, mas não menos importante – a força e resistência feminina, e ser guiada por um superego incansável, implacável e descomprometido.

Essa autora (2001) compreende que, por meio do ódio, Electra confessa seu desejo inconsciente do amor materno, idéia essa, também presente na expressão “pacto negro” de J. Godfrind (1994). Ou seja, por trás do ódio há um amor passional pela mãe, amor nostálgico e violento. Esse amor passional aproxima-se da descrição de Green (2004) sobre a hipotética gênese dos sujeitos da analidade primária, tratada anteriormente neste texto.

¹ Deutsch, H. *The psychology of women*, 1944-1945.

² A frigidez feminina, na vida adulta, pode ser uma das resultantes da impossibilidade da mãe de ter uma experiência de apreciação do seu bebê do sexo feminino. Nesses casos, podemos pensar na transmissão da frigidez de mãe para filha.

J.Godfrind (1994) diz que a proximidade idílica entre mãe e filha, mais fácil e comum de observarmos na vida cotidiana e na clínica, pode ser um contra-vestimento do ódio. Ambos, tanto a proximidade quanto o ódio, são proteções a uma dependência emocional da mãe, que poderia ser vivida como desestruturante e desorganizadora. Como já abordado, não importa se é cara (ódio) ou coroa (aproximação idílica), a moeda é a mesma: a impossibilidade de se diferenciar da mãe, pelo fato de, provavelmente existir uma “falha” no objeto. Dizendo de outra maneira, não é possível, ou torna-se mais difícil, separar-se de uma mãe com quem realmente (e prazerosamente) não estivemos juntos. J.Godfrind (1994) relata que as mães de suas pacientes são descritas como insuficientes ou falhas em vários e diferentes aspectos. A separação e a diferenciação entre mãe e filha, somente é possível quando existiu uma “mãe suficientemente boa”, para dizer com Winnicott, ou uma mãe com razoável capacidade de *rêverie*, para dizer com Bion.

Não se separar da mãe¹, não cometer o matricídio simbólico², é comprometer, mesmo que parcialmente, a capacidade de pensar e a liberdade psíquica para as realizações na vida. No caso feminino: as realizações como mulher, como mãe e como profissional. Se a menina ata-se à mãe – pelo amor idílico (culto à mãe), ou pela hostilidade aberta (Electra) –, há uma constituição frágil do eu, como escreve Kristeva (2002, p. 151): “É preciso se desprender da mãe para pensar...”.

Cintra e Figueiredo (2004, p. 16) ao discutirem o conceito de analidade primária dizem:

...quanto mais um objeto falta em suas funções constitutivas, mais barulho faz, quanto mais ele se ausenta em suas funções, quando necessitava estar presente, mais sua presença é ofuscante e perturbadora, atraindo a atenção do clínico e do teórico.

¹ A separação da mãe é sempre parcial.

² Devemos considerar uma transição gradual ao matricídio simbólico, ou seja, uma gradação, já que não é incomum encontrarmos mulheres que tem certo desempenho profissional e que estão impossibilitadas de uma separação com a mãe. Em 1915, Freud faz um breve relato sobre *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença*, já citado, no qual a filha estava com sérias dificuldades em separar-se da mãe por um “superpoderoso complexo materno”. No entanto, exercia suas funções de funcionária.

A paixão – amor e ódio – se intensifica entre mãe e filha pela semelhança/similitude; a tensão paradoxal entre o horror e a fascinação ao idêntico. Terá sido esta a “cilada narcísica” de Electra e de Clitemnestra? Talvez sim.

Diante dessa articulação podemos pensar que houve uma falha, ou uma insuficiência entre Electra e Clitemnestra, e que o “extra-ordinário”, o fora do comum, o excesso, revela o que pode passar despercebido pelo ordinário – a hostilidade entre mães e filhas, descrita por Freud (1933 [1932]). Quais seriam realmente as funções organizadoras do psiquismo feminino, da agressividade e da hostilidade entre mães e filhas?

A compreensão da hostilidade da filha em relação à mãe pode aqui encontrar uma outra sustentação, como Freud (1933, p. 150) havia suspeitado: “As verdadeiras origens da hostilidade restam por serem encontradas.” A origem da hostilidade não parece ser o fato de a mãe não ter oferecido um pênis à sua filha, mas o fato de não haver um pênis¹ entre elas, um corpo e um órgão masculino que possam ser oferecidos como um apoio psíquico a uma diferenciação; um apoio anatômico como proteção diante do risco fusional².

A hostilidade parece ser esse apoio, não anatômico, mas subjetivo, que tem a importante função de diferenciação – quando não se fixa – entre mãe e filha, hostilidade essa já observada e bem descrita por Freud (1931 e 1933 [1932]). Além da função de um apoio subjetivo para a diferenciação, a hostilidade – quando se fixa – é o que restou do desejo onipotente de permanecer na fusão simbiótica com a mãe; a separação com o objeto, a entrada do terceiro, é insustentável.

Electra e Clitemnestra, assim como Deméter e Perséfone, são metáforas extra-ordinárias para compreendermos a trajetória bebê-menina-mulher e seus riscos na formação de duplos: a *cilada narcísica* e a *ilusão simbiótica*.

¹ O pênis paterno, compreendido como o objeto de desejo da mãe, é fundamental para o rompimento da célula narcísica mãe-filha. O pai como um porto seguro para que se dê a separação entre mãe e filha, objeto de discussão no item *O pai no olhar da mãe*.

² Essa idéia será sustentada teoricamente no item *a Feminilidade nas mulheres*.

O império do mesmo: *Ilusão simbiótica e cilada narcísica*

A aproximação identificatória entre mãe e filha, eventualmente até o duplo, praticamente não tem equivalente masculino.

(Jacques André, 2001)

As fronteiras entre mãe e filha são construídas por um intenso trabalho psíquico. No entanto, são sempre parciais e momentâneas, feitas e refeitas ao longo da vida de uma mulher. Sabemos que há momentos críticos: o adolecer de menina em mulher, a sexualidade e a maternidade primigesta – situações em que as fronteiras se delineiam, ou não. Podem, também, sofrer desmoronamento. É por meio dos excessos, da desmesura, que afiamos o olhar para aquilo que, de forma comum, acontece. Por esta razão, abordo a *hibris* entre mãe e filha. Para a compreensão desse fenômeno na relação (mãe-filha) emprego dois articuladores teóricos: os conceitos de *cilada narcísica* (Éric Bidaud, 1998) e de *ilusão simbiótica* (Halberstadt-Freud, 2001). O mito de Deméter e Perséfone e a tragédia de Electra, já apresentados, ilustram esses dois conceitos.

O império do mesmo é o título do texto introdutório de um livro organizado por Jacques André (2003): *Mères et filles. Lês Menaces de L'identique*¹. Introdução: *L'empire du même*. Esse livro é fruto de um seminário – entre mães e filhas – ministrado por J. André (2001 e 2002). Esclareço que esse autor não dá um estatuto de conceito à expressão o “império do mesmo”; seria apenas uma forma – que não deixa margem a dúvidas – de nomear um fenômeno observado entre mães e filhas. Por esse motivo, faço uso desta bem nomeada expressão.

J. André (2003) expõe em sua introdução algumas questões importantes que retomo brevemente, pois fazem uma ligação com o tema *o desejo de um filho*, trabalhado por mim em outro texto², trabalho esse que me conduziu a esta pesquisa sobre a relação mãe e filha. Esse autor diz que o conflito psíquico da fusão e da

¹ Agradeço ao Prof. Dr. Luís Cláudio Figueiredo pela indicação desse livro.

² Ribeiro, Marina F. R. (2003) “Psicanálise e infertilidade: Desafios contemporâneos”. Dissertação de Mestrado publicada na coleção *Clínica Psicanalítica: Infertilidade e reprodução assistida; desejando filhos na família contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

diferenciação entre mãe e filha está sempre presente, tanto na gravidez quanto nas situações de infertilidade (J. ANDRÉ, 2003, p. 14). Pergunta-se: como um ser humano pode nascer de outro? Como um pode se transformar em dois? Nessa proposição simples, está todo o mistério da origem. Quando uma mulher tem uma filha, esse bebê é um outro que é o mesmo. Confusão, indiferenciação e duplicação entre mãe e filha. Essa seria uma via narcísica de facilitação da transmissão de uma problemática de mãe para filha (J. ANDRÉ, 2003, p. 19).

Os conceitos de *cilada narcísica* (BIDAUD, 1998) e *ilusão simbiótica* (HALBERSTADT-FREUD, 2001) são compreendidos à luz da questão formulada por J. André (2003, p. 21): será possível a história e a vida, não apenas como uma simples reprodução, quando o mesmo engendra o mesmo?

Na clínica e na vida cotidiana¹, podemos observar o *império do mesmo* entre as seguintes duplas: mãe e filha, pai e filho, duas irmãs ou dois irmãos, gêmeos idênticos ou não, mas geralmente do mesmo sexo. A semelhança, a proximidade e a importância desses vínculos parecem ser vias de facilitação para a formação do que também podemos designar como um duplo².

Além do âmbito das relações familiares, podemos incluir como um fenômeno que beira ao duplo, a relação entre duas amigas adolescentes – *the best friend*. A melhor amiga na adolescência parece ser uma reedição da relação pré-edípica com a mãe, e, também, um meio para se separar dela (da mãe). Podemos compreender essa relação da melhor amiga como um fenômeno de transição. Essa intensa amizade na adolescência é um fenômeno observado principalmente entre meninas. As duplas partilham roupas, tomam banho juntas, dormem na mesma cama, andam de mãos dadas ou abraçadas, e nada do que acontece com uma pode deixar de ser relatado para a outra. Não é incomum dividirem o interesse pelo mesmo menino, sendo que, nesse caso, quando uma das meninas começa a namorar esse menino, inicialmente compartilhado, a dupla se desfaz com justificados ressentimentos³.

¹ Muitas vezes, essas duplas são tão eficientes na sua função de proteção narcísica em relação às demandas da vida, que apenas quando fracassam ou tornam-se sintomáticas é que chegam ao consultório.

² Estou usando o império do mesmo e a formação de um duplo como expressões de um mesmo fenômeno. O fenômeno do duplo foi abordado por Freud (1919, p. 293) no texto *O estranho*: "... o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (self), ou substitui o seu próprio eu (self) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (self)".

³ Encontro em Freud – *Fragmentos da análise de um caso de histeria*, (1905[1901], p. 62) – o seguinte: "... Há muito se sabe e já se tem assinalado que, na puberdade, com , tanto os meninos quanto as meninas, mesmo nos casos normais, mostram claros indícios da existência de uma inclinação para pessoas do mesmo sexo. A amizade

O *império do mesmo* navega por águas narcísicas, nas quais a diferenciação, a fronteira entre o eu e o outro, não são hóspedes bem-vindos. Assemelha-se à identificação projetiva¹ pelo apagamento das fronteiras, tanto no seu caráter de comunicação entre mentes, quanto no seu caráter mais patológico. A similitude da relação mãe-filha parece gerar vias de facilitação para *ciladas narcísicas*, tais como a formação de um duplo, que é o mesmo.

Freud (1920), ao analisar a psicogênese de uma escolha homossexual em uma mulher, comenta que a filha se retira (da disputa das mulheres pela admiração dos homens) em benefício da mãe. A filha deixa os homens para a mãe, e passa a interessar-se por mulheres, achando que dessa maneira poderia ter o amor da mãe, já que não mais seria sua rival. Para explicar a expressão “retirar-se em benefício de alguém”, Freud (1920, p. 198) escreve uma interessante nota de rodapé, na qual comenta ter conhecido, uma vez, dois irmãos gêmeos:

... Um deles era muito bem sucedido com as mulheres e tinha casos sem conta com mulheres e moças. O outro, a princípio, seguiu o mesmo caminho, mas lhe desagradou estar violando os terrenos do irmão e, devido à semelhança entre ambos, o possível equívoco de ser tomado por ele em ocasiões íntimas; assim, saiu-se da dificuldade tornando-se homossexual. Deixou as mulheres para o irmão, retirando-se em benefício dele.²

Na sequência Freud cita dois outros casos, entre pai e filho e entre irmãos fraternos. Esse comentário de Freud lembrou-me uma paciente gêmea idêntica que atendi. Quando ela começou a namorar, depois de algum tempo em análise, tinha a fantasia angustiante de que o porteiro de seu prédio não saberia se o namorado era dela, ou da irmã. Essa moça relatava situações de confusões identitárias significativas, da ordem do horror: de relance, não distinguia sua voz da voz da irmã; ao ver fotos precisava se lembrar da situação para conseguir saber se era ela, ou a irmã. No início do nosso trabalho, não havia distinção entre as irmãs quanto a roupas, quarto, conta bancária, etc. Não havia nenhum outro relacionamento importante na vida dessa paciente, além da irmã. A análise inaugurou um espaço de

entusiástica por uma colega de escola, acompanhada de juras, beijos, promessas de correspondência eterna e toda a sensibilidade do ciúme, é o precursor comum da primeira paixão intensa de uma moça por um homem. Em circunstâncias favoráveis, a corrente homossexual amíuê seca por completo, mas, quando não se é feliz no amor por um homem, ela torna a ser despertada pela libido nos anos posteriores e é aumentada em maior ou menor intensidade.”

¹ Bion (1950), em seu trabalho *O gêmeo imaginário*, descreve o uso maciço de identificações projetivas.

² Grifo meu.

triangulação e, portanto, de individualidade, seguido por muitos outros, até culminar no namorado.

Podemos pensar que, nesse caso, um mesmo território (um mesmo eu) precisa dividir funções, áreas de atuação, etc., fazendo jus à lógica do duplo – um eu, para dois. A expressão de Freud – retirar-se em benefício de alguém – parece exemplificar a construção de um duplo. Faço essa compreensão a partir da nota¹ já referida que Freud escreveu associada à análise da relação da sua paciente com a mãe. O movimento psíquico é sempre paradoxal; retirar-se em benefício tanto evidencia a existência de um duplo (um eu para dois), como é uma tentativa tênue de diferenciação, já que o idêntico também é da ordem do horror, devido à perda de fronteiras identitárias.

Parece que há uma suscetibilidade ao império do mesmo na relação mãe-filha. Halberstadt-Freud (2001) desenvolve algumas idéias sobre a trajetória de menina à mulher que considero significativas para a compreensão dessa suscetibilidade. Há dois pontos problemáticos no desenvolvimento da feminilidade: a separação entre mãe e filha e o desenvolvimento sexual da mulher. Os desafios e tarefas femininas são dois: primeiro, a mulher deve separar-se, pelo menos parcialmente, da imagem interna de sua mãe; segundo, deve descobrir seus sentimentos sexuais e aceitar sua identidade sexual. A experiência sexual suficientemente boa de uma mulher com um homem é indício de que uma separação, mesmo que parcial, pôde ser elaborada. A impossibilidade de um encontro com um homem implica uma dificuldade na separação mãe e filha. A realização amorosa e sexual de uma mulher com um homem é dependente de um afastamento da mãe, como podemos entrever no mito de Deméter e Perséfone. Na tragédia de Electra, o apego odioso entre mãe e filha impossibilita a filha de buscar um encontro amoroso com um homem.

A menina está duplamente vinculada à sua mãe: por sua inicial (e inaugural) relação objetal homossexual e pela identificação com ela. Halberstadt-Freud (2001, p.145) diz: “... O mesmo gênero, as semelhanças entre elas e a ausência de diferença sexual oferecem amplas oportunidades para mãe e filha engajarem-se numa identificação mútua sem separação,...”.

¹Destaco que Freud estava descrevendo o que podemos compreender, assim penso, como a busca de diferenciação identitária entre a mãe e a filha.

Uma mãe insatisfeita narcisicamente toma a filha como extensão. Forma-se um duplo, ou o império do mesmo, no qual a filha somente existe para realizar os projetos narcísicos da mãe. Se a filha ousa recusar esse projeto de vida, sua existência fora dessa extensão narcísica não é reconhecida pela mãe¹. A separação pode não ser psicologicamente suportável para a filha, que passa a sentir-se responsável pelo bem-estar da mãe, mesmo que à custa do seu próprio. Nesses casos, a separação pode ser vivida por ambas como uma traição, gerando culpas muitas vezes intransitáveis, ou a propensão a relações masoquistas.

Halberstadt-Freud sustenta que o masoquismo feminino está vinculado aos problemas de separação entre mãe e filha. Quando o vínculo mãe-filha é parasitário e intrusivo, “estar sujeita à mãe pode ser transformado em uma fantasia de ser violentada por homens... sendo que... as fantasias eróticas masoquistas das mulheres referem-se, assim, à agressão reprimida à mãe...” (HALBERSTADT-FREUD, 2001, p. 148). Quando uma filha é a extensão narcísica da mãe, a sua independência e sexualidade, caso seja possível – nem sempre é –, acontece à custa de muita dor psíquica para ambas.

Essa autora cunha o termo *ilusão simbiótica*² – unidade idílica entre mães e filhas – para descrever a não resolução do vínculo com a mãe. O conceito é usado por ela, para compreender as relações patológicas, o fracasso completo na separação: ...“Simbiose, como ilusão, pressupõe que nem ódio, nem inveja, nem agressão – nem mesmo diferença de opinião – podem ser tolerados entre os dois membros do idílio.” (HALBERSTADT-FREUD, 2001, p. 159).

O malogro na separação entre mães e filhas pode ser transmitido de uma geração a outra. Com um bebê do sexo feminino, a mãe revive mais intensamente sua própria trajetória feminina. O par mãe-filha, que estava no palco na geração anterior, é novamente atualizado; as violentas ambivalências podem durar gerações, ou seja, não há história, apenas a reprodução do mesmo. Halberstadt-Freud (2001) diz que essa transmissão geracional parece ocorrer mais facilmente ao longo da linhagem feminina de descendência, devido à dupla vinculação da menina com sua mãe.

¹ A construção clínica, *Liz: entre a ilha e o continente*, mostra a filha funcionando psicologicamente como uma extensão narcísica da mãe.

² *Simbiose*: termo desenvolvido por Margareth Mahler para designar a ilusão/desilusão de que o bebê é um com a mãe.

Paradoxalmente, as meninas precisam de suas mães para se separar delas. Isso torna as filhas mais suscetíveis às demandas e insatisfações narcísicas das mães, o que gera experiências traumáticas de aprisionamento aos ideais maternos. A filha passa a ser a mulher que a mãe gostaria de ter sido; a filha é aprisionada no projeto narcísico da mãe.

Outro autor que se aproxima dessa reflexão, no entanto, por uma trajetória diferente¹, é Éric Bidaud (1998). Bidaud, ao investigar o vínculo passional da paciente anoréxica com sua mãe, revela dinâmicas psíquicas que pertencem à trajetória do feminino nas mulheres. Utiliza o mito de Deméter e Perséfone para descrever o modelo da mãe inconsolável, que não aceita a presença masculina na vida de sua filha. Perséfone é o modelo da virgem que dispensa o homem e permanece numa ligação intacta com a mãe. Designa esse vínculo mortífero, como um *laço demetriano*: a mãe é ao mesmo tempo indispensável e inaceitável; há uma redução de toda alteridade, de toda diferença. Há uma incapacidade de tolerar distância e separação; o par mãe-filha se cola formando uma *união tissular*, uma *cilada narcísica*. Tal vínculo lembra uniões homossexuais.

Destaco a proximidade dos conceitos: *ilusão simbiótica* (HALBERSTADT-FREUD, 2001) e *cilada narcísica* (ÉRIC BIDAUD, 1998). O *império do mesmo* entre mãe e filha parece ser efeito de um tipo de queda na *cilada narcísica* e/ou na *ilusão simbiótica*. A relação mãe e filha, por ter como especificidade, já de início, uma relação entre iguais, parece ser propiciadora de uma via de facilitação à formação do duplo.

Essa relação, que tem a característica de intensas identificações narcísicas, é favorecedora de um vínculo sem fronteiras, sem alteridade e, claro, sem sexualidade genital, como a tragédia de Electra e o mito de Deméter e Perséfone elucidam.

No mito, a filha tem a experiência da sexualidade a partir do rapto. A separação entre Deméter e Perséfone propicia à filha, liberdade de transitar por dois mundos diferentes – mãe e pai, assim como ter acesso a uma sexualidade feminina genital. Na tragédia (versão de Eurípides), Electra casa-se com Pílates, melhor amigo do irmão, após o matricídio. É preciso matar a mãe simbolicamente, diferenciar-se, mesmo que em parte, para que um encontro amoroso com um

¹ Podemos dizer mais freudiana.

homem aconteça. O que separa mãe e filha é a sexualidade da mulher, único território não partilhável.

Penso que as questões abordadas tenham levantado alguns embates conceituais. Considerando isso, parto para uma discussão teórica a respeito do conceito de feminilidade na trajetória bebê-menina-mulher.

PARTE - II

A feminilidade nas mulheres, a trama dos conceitos.

O compromisso de um pesquisador, assim me parece, é pensar na contribuição de alguns autores sobre determinada questão. Acredito ser essa atitude, uma qualidade, e, também, um prazer e uma confirmação: constatar que outros já se debruçaram sobre questões próximas. O psicanalista, hoje, tem diante de si a complexa tarefa de articular conceitos que se assemelham e, também, diferenciam-se, pois partem de arcações teóricas diversos. É menos complexo permanecer dentro de uma filiação. No entanto, *atravessar paradigmas*, tendo como norte a experiência clínica, sempre me pareceu uma experiência difícil e arriscada, porém rica:

Ao falarmos em *atravessamento de paradigmas*, estamos assinalando que algumas velhas separações e oposições, vigentes no plano das teorias, são vigorosamente desfeitas e transpostas nas novas perspectivas. Por exemplo, criam-se pensamentos e estilos clínicos que fazem justiça à *pulsão*, e às *relações de objeto*; que levam conta, de um lado, *desamparo* e *dependência original*, e, de outro, *desejo*; que pensam em termos de *conflito* e de *déficit*; que investigam as dimensões da *fantasia*, e do *trauma*, vale dizer, dão atenção ao *intrapsíquico* e ao *intersubjetivo*. A partícula *e* no lugar do *ou* aponta para o caráter complexo e paradoxal assumido pelas teorizações e estilos que então se forjam, desconstruindo as velhas oposições paradigmáticas. (FIGUEIREDO, 2009, p. 18).

Motivada pela investigação da especificidade da trajetória feminina, percorri textos de autores diversos, e quanto mais aprofundava minhas leituras fui percebendo que havia possibilidade de diálogo nas diferentes articulações teóricas.

Diante dessa constatação, levanto a possibilidade de estar diante de conceitos que permitem, considerando alguns limites e especificidades, um colóquio: *identificação feminina primária, homossexualidade primária, posição feminina primária, materno primário e feminino primário*.

Com o intuito de estabelecer um diálogo, discuto esses conceitos, assim como suas origens e desenvolvimentos. Antecipo que a articulação dos dois primeiros é parcialmente contígua, devido ao fato de ambos os autores — Paulo C. Ribeiro e Jacqueline Godfrind — partirem de referências comuns: as idéias de J. Laplanche e J. André. A articulação do conceito de M. Klein — *fase da feminilidade* — com seu desenvolvimento teórico no pensamento de Florence Guignard exige que se teça com empenho a trama, já que representa um salto na filiação¹ teórica, possível apenas por meio da explicitação de algumas diferenças.

O objetivo desta parte é, também, destriçar e nomear uma complexa rede conceitual que cerca o termo feminilidade em psicanálise, explicitando as escolhas teóricas feitas. Ao mapear, estamos definindo fronteiras e evidenciando o território que surge a partir do recorte. Pretendo discorrer sobre o percurso do bebê, identificado como feminino², em direção à feminilidade, alicerçando teoricamente a especificidade da trajetória da feminilidade nas mulheres.

A partir do objetivo exposto, evidencia-se a seguinte complexidade: ao abordar a feminilidade estamos, também, descrevendo processos constitutivos do psiquismo. Pelo fato de esses conceitos estarem imbricados — feminilidade e constituição do eu —, faz-se necessário o esclarecimento: a constituição do eu não é o foco desta investigação, ou expressando de outra forma, essa diferenciação presta-se para fins de articulação teórica, ou seja, para uma definição mais apurada do objetivo do trabalho que é a averiguação de como se constitui a feminilidade nas mulheres.

Nossos protagonistas são tanto a mente da mãe quanto a mente incipiente do recém nato; a interação, continência e intrusão desse encontro e suas ressonâncias na trajetória rumo à feminilidade nas mulheres. Considerando que, sob o prisma do psiquismo da mãe — em suas facetas conscientes e inconscientes —, o sexo biológico de seu bebê toca em sua (da mãe) trama identificatória, marcando de imponderáveis formas o psiquismo emergente do bebê; marcas que farão parte da feminilidade.

Posto isso, vamos ao início, ou o que se supõe do princípio. Começo com o conceito de *identificação feminina primária*...

¹ Freud e Klein seriam o casal parental da psicanálise? Para alguns, sim.

² Segundo Robert J. Stoller (1993), a identidade de gênero nuclear resulta de uma “força” biológica, da designação do sexo no nascimento, da influência das atitudes dos pais, especialmente das mães, sobre o sexo do bebê e de fenômenos “bio-psíquicos”.

A identificação feminina primária: o pensamento de Paulo de Carvalho Ribeiro

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa.

(FREUD, 1921)

Este item objetiva não só apresentar o conceito de *identificação feminina primária*, mas também empregá-lo como ferramenta teórica para pensar a feminilidade e suas transformações de mães em filha. Paulo de Carvalho Ribeiro (2000), em seu livro¹ *O problema da identificação em Freud – recalçamento da identificação feminina primária*, faz uma rigorosa sustentação teórica do conceito. Esse é um minucioso e vasto trabalho, no qual o autor defende a tese de uma *identificação feminina primária* recalçada.

A partir desse conceito, esculpido por meio de uma longa investigação na obra freudiana, concedi-me a licença de usufruir alguns posicionamentos finais de sua trajetória.

Todavia, não é possível compreender o conceito de Paulo C. Ribeiro sem abordar seus dois principais interlocutores. Em primeiro lugar, Freud e as articulações teóricas que sustentam seu pensamento sobre identificação, algumas das quais P. C. Ribeiro coloca em discussão; em segundo, a teoria da sedução generalizada de J. Laplanche (1992). Também faz parte de sua argumentação, o pensamento de Jacques André (1996) - *As origens femininas da sexualidade* – que, de maneira similar a Paulo C. Ribeiro, utiliza a teoria da sedução generalizada para desenvolver seus conceitos. Cabe esclarecer que a questão que me conduziu a esses textos – a pesquisa sobre a trajetória da feminilidade nas mulheres – diferencia-se do que parece ter mobilizado esses autores: a origem do sujeito psíquico.

Pelo fato de haver, no conceito de *identificação feminina primária*, imbricações teóricas, apresento brevemente um panorama da teoria da sedução

¹ Esse livro é fruto, em grande parte, da tese de doutorado do autor, defendida na França em 1992, tendo como orientador Jean Laplanche.

generalizada, na forma elaborada por J. Laplanche (1992), a partir das idéias de Freud, Ferenczi e com a colaboração de Pontalis.

A teoria da sedução generalizada de J. Laplanche

O termo passividade primitiva antecede à feminilidade. É necessário um tempo de história, mesmo que mínimo, para que possamos designar a feminilidade de um bebê, e um outro tempo para que diferenciemos a feminilidade em bebês meninos e meninas.

A situação originária (passividade originária) é o confronto entre o bebê recém-nascido (linguagem da ternura) e o mundo adulto (linguagem da paixão). A evidente defasagem entre os protagonistas (a criança e o adulto) é o terreno do traumático, da confusão de línguas (FERENCZI, 1932) ¹.

André Green (2000, p. 52) articula essa idéia da seguinte forma: ...“Vê-se, efectivamente, que a passividade – propus o termo “passivação” – da criança é justamente a condição para que o “enxerto” sexual – linguagem da sensualidade, segundo Ferenczi – pegue.”.

Tendo em vista essa passividade originária do bebê, voltemos à construção conceitual da *sedução generalizada*. A entrada no mundo a partir da cesura do nascimento tem o caráter de uma intrusão, Laplanche (1992, p. 100) diz: ...“para o pequeno humano, o problema de abrir-se ao mundo é um falso problema; a única problemática será, isto sim, a de se fechar, de fechar um si mesmo, ou um ego, qualquer que seja, aliás, a periferia, a circunferência desse ego.”

Laplanche e Pontalis (1985) tentam salvar a teoria da sedução, relegada por Freud – “não acredito mais em minha neurótica” (FREUD, 1896, Carta 69, endereçada a Fliess) –, no que ela tem de mais profundo e interessante. Esses autores retomam os textos freudianos entre 1895 e 1899, destacando que Freud estava ocupado em demonstrar o estreito vínculo entre sexualidade, traumatismo e

¹“Vemos no seu artigo ‘Confusão de linguagem entre os adultos e a criança’ um verdadeiro prefácio da ‘teoria da sedução generalizada’.” (LAPLANCHE, 1988, p. 115).

defesa, no caso o recalque, evidenciando que é da natureza da sexualidade ter um efeito traumático (LAPLANCHE E PONTALIS, 1985, p. 27-31).

O sexual advém do adulto que dispensa cuidados com o corpo do bebê e suas necessidades: ...“a sexualidade irrompe literalmente de fora para dentro, penetrando por efração num mundo da infância, que se supõe inocente, onde ela se enquista como um evento brutal sem provocar reação de defesa: o evento não é patogênico per se.” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1985, p. 29).

O trauma psíquico aconteceria em dois tempos. No primeiro, a sexualidade é enquistada no psiquismo pelo adulto, do exterior (adulto) para o interior (criança), permanecendo como um corpo estranho (exterior internalizado). No segundo tempo, da puberdade, eclode do interior. O que está em jogo é a prematuridade do bebê humano, sua passividade (ou “passivação”, como sugere GREEN, 2000) diante do adulto sexualizado, e o excessivamente tarde da puberdade. Laplanche e Pontalis, na compreensão bitemporal do trauma psíquico, estão acompanhando Freud. Finalizam o texto, concluindo: ...“a sedução seria um mito, mito da origem da sexualidade por introjeção, do desejo, da fantasia, da ‘linguagem’ adulta’.” (LAPLANCHE E PONTALIS, 1985, p.35).

Laplanche (1992) retoma a teoria da sedução infantil, relegada por Freud. Emprega a descrição freudiana da sedução precoce: a partir dos cuidados corporais destinados ao bebê, por parte da mãe, ela desperta a pulsão sexual. Laplanche considera que a sedução precoce, aprofunda e retoma a importância da sedução, no que diz respeito ao seu caráter constitutivo do psiquismo¹. Para exemplificar, cito Freud (1905, p. 210) ao referir-se à sedução precoce:

...Talvez se queira contestar a identificação do amor sexual com os sentimentos ternos e a estima da criança pelas pessoas que cuidam dela, mas penso que uma investigação psicológica mais rigorosa permitirá estabelecer essa identidade acima de qualquer dúvida. O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa — usualmente, a mãe — contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está

¹ Não se trata aqui da sedução por parte de um adulto perverso.

despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior deste. Ela considera seu procedimento como um amor “puro”, assexual, já que evita cuidadosamente levar aos genitais da criança mais excitações do que as inevitáveis no cuidado com o corpo. Mas a pulsão sexual, como bem sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo a que chamamos ternura um dia exercerá seus efeitos, infalivelmente, também sobre as zonas genitais.

A partir desses dois níveis de sedução, a sedução infantil (geralmente o protagonista é o pai), a sedução precoce (geralmente a protagonista é a mãe), Laplanche (1992, p.137) articula o conceito de sedução originária, que seria o terceiro e primordial nível de sedução: ...“A sedução originária é a essência última das duas outras devido ao fato de que só ela introduz a dessimetria ‘atividade-passividade’. Os cuidados ‘maternos’ ou o ataque ‘paterno’ só são sedutores porque não são transparentes, mas opacos, veiculando o enigmático.”

O enigmático são todos os significantes, verbais, não verbais, comportamentais, impregnados com a sexualidade adulta inconsciente, enigmas que o bebê não tem como decodificar¹. Para exemplificar, Laplanche (1992) refere-se ao seio que amamenta e, é, concomitantemente, investido sexualmente pelo inconsciente da mãe². Também inspirado na cena da amamentação, Freud (1905, p.170) escreve:

A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida.

Evidenciam-se, nos escritos freudianos, que a ternura e a sexualidade provêm da mesma fonte, ou melhor, não há essa diferenciação. A textura, sensual e afetiva, do encontro da mãe com seu bebê invadem e constituem as sensações sensuais do bebê de ambos os sexos.

¹ Decifra-me ou te devoro!

² Green (2000, p.45) escreve: “No entanto, as mães menos defendidas confessam ter sentido um prazer de natureza francamente sexual ao amamentar o seu filho. Poderá isto não ter efeitos no lactente?”.

Retomando, a teoria da sedução generalizada implica os três níveis da sedução: a sedução originária e sua efetividade, a sedução precoce e a sedução infantil. Laplanche descreve a dupla alteridade com que se depara o bebê: o adulto que cuida e o inconsciente (desse adulto), também enigmático. Tal dupla alteridade exige da criança um trabalho de traduzir e decifrar o enigmático, proveniente do mundo adulto sexual e inconsciente¹.

Considero importante finalizar esta breve apresentação da teoria da sedução generalizada trazendo uma visão crítica e elogiosa do conceito laplancheano. Figueiredo (1994, p. 303), em seu artigo intitulado *A questão da alteridade na teoria da sedução generalizada*, faz a seguinte leitura da teoria da sedução generalizada:

Será que o positivismo de Laplanche faz justiça à sua intuição teórico-clínica que concede aos enigmas uma função destacada na subjetivação? Creio que não: falar em enigmas é já comprometer-se com um 'algo' que deixou de ser e ainda não é. Há nos enigmas uma falta – a falta de sentido, a falta de função – e um excesso – uma espécie de sobra irreduzível e promissora.

Em outro texto, Figueiredo, acompanhado de Coelho Júnior (2004), retoma a questão do enigmático e, portanto, traumático da sexualidade. Apresenta quatro matrizes organizadoras da experiência da intersubjetividade, sendo que uma delas é a intersubjetividade traumática, tendo nas teorizações de Freud, Ferenczi e Laplanche, seu apoio:

Nas teorizações de S. Freud, S. Ferenczi e J. Laplanche encontraremos remissões mais ou menos explícitas a esta intersubjetividade traumática, concebida a partir da idéia de que o outro me imporá a sua sexualidade como um forte impacto, não passível de assimilação e incorporação simbólica. A sexualidade inconsciente do outro aparece, assim, como simultaneamente constitutiva e traumática (COELHO JÚNIOR E FIGUEIREDO, 2004, p. 21).

A sexualidade é veiculada pelo outro (adulto) da sedução generalizada, enigmática para ambos, por essa razão, traumática. No que tange a este trabalho,

¹ Paulo de Carvalho Ribeiro (2000), nesse ponto, distancia-se de Laplanche, pois recusa a idéia de um bebê tradutor.

podemos pensar que o traumático da sedução, com sua ternura sensualizada, está naquilo que excede, que resta, que sobra entre a mãe e a filha. A sexualidade feminina, de mãe em filha, é simultaneamente constitutiva e traumática.

O pensamento de Jacques André sobre passividade, sedução e feminilidade

Jacques André, seguindo o mesmo vestígio do abandono da neurótica, por parte de Freud, levanta a hipótese de que a teoria da sedução talvez tenha sido recalçada¹ e não abandonada, indo mais além: “o abandono/recalcamento da teoria da sedução e a recusa da feminilidade estariam ligados.” (ANDRÉ, J., 1995, p.96).

Vamos acompanhar, brevemente, seu pensamento.

J. André (1995, p.98) vale-se, na sua argumentação, da teoria da sedução generalizada de Laplanche, e da posição de passividade originária da criança diante do adulto:

O momento inaugural da vida psicosexual situa-se, em relação ao infans, em uma dupla alteridade: a do adulto e a do inconsciente no adulto. Se, nesse “encontro”, trata-se menos de relação que de sedução, é porque a criança, dada sua prematuridade, vê suas capacidades de compreensão e elaboração ultrapassadas pelo que lhe é assim ‘injetado’. A vida psicosexual não começa pelo ‘eu introjetado’,..., mas por um ele implanta, ele intromete; e sem saber o que faz. A criança é tomada pela tormenta do sexual muito além do que sua ‘resposta’ auto-erótica lhe permite aplacar. A criança é penetrada por efração.

Podemos lembrar aqui que o prazer da mãe com o corpo de seu bebê é uma cena partilhada familiarmente e, também, publicamente³. Contudo, há um recalque quanto ao caráter sensual dessa intensa paixão da mãe por seu bebê, observada por Freud (1905). A dupla alteridade — da mãe e do seu inconsciente — parece

¹ Laplanche (1988, p. 115), indiretamente, também levanta a hipótese do recalque quando escreve: ...“Se a sedução como teoria sofre, para Freud, esta espécie de recalque e de desmembroamento que lamentamos, por outro lado, em compensação, o da ‘fatorialidade’, um aprofundamento importante se esboça, com a introdução de um segundo nível, que se pode chamar sedução precoce.”

³ A publicidade utiliza-se das intensas sensações evocadas por essa cena.

favorecer o traumático na inserção do bebê no mundo adulto sensualizado, ou seja, a mãe constitui e traumatiza a um só tempo.

Outro aspecto a ser destacado é: por meio dos cuidados maternos, a amamentação (o seio na boca), a higiene corporal (a cada troca de fralda), os sussurros no ouvido, as mordidas, os beijos no corpo, os supositórios (quando necessários), marcam zonas corporais, zonas erógenas. A esse respeito retomo Laplanche (1985, p.31):

Zona de circulação, igualmente zona de cuidados, isto é, os cuidados particulares e especiais da mãe. Essas zonas, pois, atraem as primeiras manipulações erógenas por parte do adulto. Fato ainda mais importante se introduzirmos no jogo a subjetividade do primeiro parceiro, essas zonas focalizam as fantasias parentais, e, sobretudo, as fantasias maternas, de tal forma que se poderia dizer, quase como imagem real, que elas são os pontos pelos quais se introduz na criança este corpo estranho interno que é propriamente, a excitação sexual.

A humanização – e a concomitante sexualização (ou libidinização) do bebê humano – é “inerentemente traumática”¹; acontece a partir da sedução do adulto que cuida, na passividade (ou “passivação”) do bebê, e implica uma dupla alteridade: da mãe e de seu inconsciente. A maneira como a mãe experiencia sua sexualidade, ou seja, aquilo que para ela (mãe) também é da ordem do enigmático, marca o psiquismo emergente de seu bebê².

Como se entrelaçaria a feminilidade com essas questões?

J. André (1995) articula o “ser penetrado feminino” e o “ser invadido originário” da sedução. Postula que a feminilidade primitiva seria uma primeira representação da passividade do bebê diante da sedução originária e, justamente por essa proximidade, objeto do recalçamento mais profundo em ambos os sexos. Retomando a questão: a sedução originária é uma experiência de efração; o adulto, por meio dos cuidados e dos carinhos dispensados ao bebê, conjuntamente com os significados inconscientes (portanto enigmáticos também para o adulto) dos seus gestos sensualizados, invade e introduz no psicossoma da criança, o sexual. Dessa

¹ “A sexualidade humana é inerentemente traumática.” (MCDUGALL, 1995. p. IX)

² Não podemos esquecer que o bebê, também, desperta sensações diversas na mãe, ou seja, é sempre uma via de mão dupla.

forma, a efração da sedução originária pode ter como primeira representação/elaboração o ser penetrado do feminino:

...o ser-penetrado, que qualifica a posição feminina, mantém com o ser-efractado, que define a abertura da criança pequena para a vida psicosexual, uma relação de superposição. Essa feminilidade primária da criança pequena (inclusive o menino) pode ser qualificada de pré-feminilidade, se quisermos, no sentido de que ainda não é tomada e instaurada na diferença entre os sexos. (J. ANDRÉ, 1995, p. 131)

Parece ser esclarecedor o termo usado por J. André, “pré-feminilidade”, em meninas e meninos, anterior à constatação da diferença entre os sexos. A averiguação da diferença (entre os sexos) equaciona-se ao recalçamento secundário, como veremos com Paulo C. Ribeiro.

Retomando o pensamento de J. André (1995, p.115), a passividade originária do bebê articula-se à posição feminina:

Quando Freud escreveu, em 1897, que “o elemento essencial recalçado é sempre o elemento feminino”, ou quando, muito depois, fez da “recusa da feminilidade” um dos grandes entraves do processo analítico, foi onde se aproximou mais de perto de uma articulação entre a feminilidade e a alteridade, entre o feminino e o outro no interior de nós. Nossa própria hipótese, assim, tende a nos levar das origens da sexualidade feminina para a feminilidade das origens da psicosexualidade.

O inconsciente, sua interioridade e a feminilidade, estão estreitamente articulados no pensamento de J. André, possibilitando uma inversão original: as origens femininas da sexualidade.

Se o primeiro movimento do bebê é delinear um si mesmo, um eu, o sentido inverso: o apagamento dos limites e fronteiras, ou seja, a passividade seria a situação mais angustiante para o eu, pois está associada ao seu desaparecimento. No entanto, paradoxalmente, a passividade é condição do prazer feminino:¹

¹J. André (1995, p. 113), discute a feminilidade masoquista implicada na questão efração/penetração: ...“A dor começa com o excesso de prazer, com a impotência do bebê para “metabolizar” a desproporção da fantasia.”.

Tudo o que é insuportável para o eu – a passividade, a perda de controle, o apagamento dos limites, a intrusão da penetração, o abuso de poder, o desapontamento – é precisamente o que contribui para o gozo sexual. (...) A derrota, em todos os sentidos da palavra, é condição do gozo feminino.¹

O prazer feminino, ou sua impossibilidade, a frigidez tão comum às mulheres, talvez seja decorrente, entre outras coisas, das lesões narcísicas demandadas ao eu pelo gozo feminino². Todavia, há uma intrincada complexidade no que se refere ao prazer feminino³.

Retomando, a partir das teses de J. André, já explicitadas⁴, Paulo de Carvalho Ribeiro acrescenta um ingrediente fundamental: a identificação com a mãe.

A identificação com a mãe

...nós sustentamos que a identificação com a mãe é imprescindível para o surgimento da feminilidade.

(PAULO C. RIBEIRO, 2000)

Paulo de Carvalho Ribeiro parte principalmente da postulação de J. André de que a feminilidade primária é a primeira representação da passividade do bebê diante do adulto sedutor, contudo, de maneira diversa (a J. André), atribui "... à identificação uma função central na instauração da feminilidade primária de meninos e meninas." Escreve: "... nós sustentamos que a identificação com a mãe é imprescindível para o surgimento da feminilidade." (2000, p. 247).

¹Schaeffer, J. "Horror femine ou les déliaisons non-dangereuses." In: *Revue Française de Psychanalyse*, v. LVII, número especial do congresso, 1993, p. 1763. *Apud* J. André (1995, p. 114).

² Clarice Lispector (1980) escreve no livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, sobre a experiência do gozo sexual feminino: "Eu sou tua e tu és meu, e nós é um."

³ Tal complexidade será tratada, ainda que em parte, ao longo deste trabalho.

⁴ Há discordâncias teóricas entre J. André e Paulo C. Ribeiro, explicitadas no texto do último. Como não fazem parte do tema abordado aqui, não foram objetos de discussão.

Esse autor faz uma diferenciação que considero esclarecedora: articula a identificação feminina primária com os dois tempos do recalçamento secundário. A questão da temporalidade, dos efeitos *a posteriori* na constituição psíquica é a marca do pensamento freudiano (e, claro, laplancheano). Transcrevo o texto de Paulo C. Ribeiro pela relevância da tese desenvolvida:

Nossa hipótese é a seguinte: o primeiro tempo do recalçamento da feminilidade primária corresponde ao processo pelo qual a criança é moldada de acordo com a feminilidade consciente e inconsciente da mãe, sem que essa feminilidade, para a criança, se oponha à diferença anatômica dos sexos ou com ela se relacione. Penetrar e ser penetrado, ter e ser o objeto, coalescem, nesse primeiro tempo, numa experiência única, na qual passivo e ativo, masoquista e sádico não são pares de opostos, mas vivências homogêneas de um gozo sem oposição. O segundo tempo coincide com a descoberta da diferença anatômica dos sexos, sua incidência sobre a diferença dos gêneros e o imperativo de se posicionar perante essas diferenças. Esse é o momento em que a feminilidade primária se sexualiza (nos dois sentidos do termo) e passa a ser comparada, avaliada e medida a partir do padrão fálico. (2000, p.257).

A feminilidade primária ou pré-feminilidade (J. ANDRÉ, 1995) está aquém da diferença anatômica entre os sexos, porém, a partir do momento no qual a feminilidade sexualiza-se — no segundo tempo do recalçamento secundário —, suas “raízes” são lançadas nesse solo comum aos dois sexos: a feminilidade primária.

Paulo C. Ribeiro defende a importância da identificação com a mãe na feminilidade primária, alicerçando teoricamente o conceito de identificação a partir de seu caráter inconsciente, passivo, penetrante e *mimético*¹. É por meio dos cuidados corporais com o bebê e suas sensações cinestésicas que se dá a identificação com a feminilidade da mãe:

...Acima de tudo, há mimesis de uma relação a partir da qual o eu incipiente da criança é modelado por algo que não é exatamente nem o eu nem o corpo da mãe, mas a afetação desse corpo e desse

¹Sobre mimesis: “Mimesis requer então uma potência de liberdade e criação, mas sua produção sempre estará “reproduzindo” a liberdade de uma outra potência produtora.”. (RIBEIRO, P.C., 2000, p. 236). Conceito de J. Derrida conforme citação de Ribeiro, P.C. “J. Derrida. Economimesis”. In: *Mimesis: desarticulations*. Paris: Aubier-Flammarion, 1975.

eu pelo objeto-fonte da pulsão¹ que a presença da criança faz ressoar. Mimesis, então, e não imitação, porque se trata de uma relação entre duas produções de estados subjetivos e não entre duas pessoas devidamente representadas no psiquismo uma da outra: a criança é modelada ao ser identificada à potência modeladora que ela própria involuntariamente induz no corpo e no psiquismo da mãe. (2000, p. 274).

A complexidade da interação identificatória entre a mãe e o seu bebê está bem descrita por Paulo C. Ribeiro. O encontro, entre a mãe e seu bebê, é marcado pelo arcaico, pela inscrição corporal. A corporeidade e a primariedade desse encontro estão em cena no momento da identificação feminina primária entre mães e filhos.

A identificação feminina primária dá-se no primeiro tempo do recalçamento secundário, ou seja, no momento anterior à constatação da diferença anatômica entre os sexos; momento de um gozo sem oposição e sem diferenças. Considerando essa característica temporal, passam a ser experienciados de maneira única: penetrar e ser penetrado, ser ativo e passivo, ter e ser o objeto. É um gozo entre a mãe e seu bebê, no entanto, sem a marca da diferença e da individuação; há dois, mas não são experienciados como dois. O caráter sexuado, cindido, de oposição, se dá a partir da diferença entre os sexos e conseguinte constatação do desejo da mãe pelo pai, isto é, no segundo tempo do recalçamento secundário (RIBEIRO, P.C., 2000, p. 279).

Finalizando sua argumentação sobre a identificação feminina primária, Paulo C. Ribeiro escreve:

É, portanto, esse resto da relação mimética de penetração, resultante do efeito de diferenciação e oposição gerado pela descoberta tanto da diferença anatômica quanto do desejo da mãe pelo pai, que denominamos identificação feminina primária e que é, na verdade, o resto recalçado de um estado do eu primitivo. Concomitante ao surgimento dessa identificação feminina primária recalçada, e em oposição a ela, surgem as identificações masculinas e femininas, responsáveis pelo aparecimento da identidade de gênero. (2000, p.281).

¹ Sobre o objeto-fonte da pulsão, conceito laplancheano: “Ao concebermos o objeto-fonte da pulsão como um “corpo” traspassado pela excitação e entregue a todo tipo de penetração, conferimos a esse conceito uma dimensão de ligação e organização, sem, no entanto, deixar de assinalar que se trata de um corpo que hesita entre a dispersão auto-erótica e a unificação narcísica.”. (RIBEIRO, P.C., 2000, p. 224).

O autor propõe uma compreensão metapsicológica esclarecedora de questões complexas: nossas origens são femininas; o eu primitivo é identificado de forma *mimética* com o feminino. A partir do segundo tempo do recalçamento secundário estamos no âmbito das oposições, da sexuação e dos gêneros.

Continuando a usufruir do pensamento de Paulo C. Ribeiro, o autor descreve as vicissitudes identificatórias de meninos e meninas. É a partir dessa articulação que alicerço a hipótese levantada neste trabalho. Ele descreve três eixos da identificação feminina na menina:

- A constatação de pertencer ao mesmo sexo e ao mesmo gênero que a mãe.
- A descoberta da natureza orificial e penetrável da vagina.
- Descoberta do pênis paterno como órgão penetrante, desejado e valorizado pela mãe. (RIBERO, P. C., 2000, p.281).

No menino a identificação também ocorre em três eixos:

- A constatação de pertencer a um gênero e sexo diferentes da mãe.
- A suspeição da natureza orificial e penetrável do órgão que, nas mulheres ocupa o lugar do pênis.
- A descoberta do desejo da mãe pelo órgão, que o identifica com o pai. (RIBERO, P. C., 2000, p.281).

Os três eixos identificatórios no menino trazem algumas especificidades que são abordadas, mesmo que sucintamente, no que se segue: o pênis como o órgão que diferencia a mãe do filho pode ser um refúgio identificatório a partir do dado anatômico e sua representação psíquica no inconsciente da dupla mãe/filho¹. É claro que a posse do pênis expõe o menino a outros desafios psíquicos, também, descritos e fundamentados por Paulo C. Ribeiro. O autor escreve sobre o desejo de castração do menino; desejo que intenciona uma volta a um estado não diferenciado com a mãe: identificação feminina primária. A luta do menino pela desidentificação²

¹ Schaffer, J. (2006) corrobora essa idéia, escrevendo que a homossexualidade primária entre mãe e filha é mais incestuosa. A posse do pênis (suporte da simbolização) no menino permite a ele se diferenciar da mãe. <http://www.spp.asso.fr>, acessado em 27.09.2006.

² Greenson, R., 1993. *Des-identificação em relação à mãe: sua especial importância para o menino.*

com a mãe, também é árdua e repleta de desafios psíquicos. A conquista da masculinidade e do prazer do órgão que o diferencia da mãe¹ é um extenso percurso de menino a homem.

Greenson (1993, p. 263) comenta que o fato de a menina ter a mãe como objeto de identificação – objeto tanto primário, quanto secundário – no seu processo de vir a ser uma mulher, traria uma tranquilização no diz respeito a sua feminilidade. Para o menino, seria um fator de insegurança, já que sua masculinidade seria ameaçada pela identificação infantil primária com a mãe: ...“A capacidade de des-identificação do menino determinará o êxito ou fracasso de sua identificação posterior com o pai.”. O menino tem como desafio sua des-identificação à mãe e, concomitante, contra-identificação ao pai. O menino também deseja ser uma mulher como a mãe; desejo explicitado pelo fato de o travestismo ser predominantemente masculino. Penso ser essa uma constatação da fantasia de um homem, de ser mulher, mesmo que momentaneamente². Greenson (1993, p. 265) diz que o temor da homossexualidade nos homens neuróticos é o temor da perda da identidade de gênero. Podemos refletir que esse temor é sustentado pelo desejo, que não se cala jamais, de retorno a um estado de fusão e indiferenciação com a mãe.

Freud (1933 [1932]) escreve que a relação da mãe com seu filho é a mais livre de ambiguidades, pois a mulher, como mãe de um menino, estaria finalmente de posse de um pênis. A observação de Freud, de que a hostilidade entre uma mãe e seu bebê menino é menor, talvez seja decorrente de uma possibilidade psíquica da mãe³ de apreciação da alteridade sexual que representa um filho do sexo masculino. Uma mãe apaixonada por seu pequeno menino – resguardados os excessos – favorece uma boa, ou suficiente, sustentação narcísica para a identidade de um homem⁴.

Dizendo de outra maneira, um filho é um outro e não o mesmo para a mãe. Além do fato de que o menino realmente possui o objeto do desejo da mãe: o pênis.

¹ “A primeira obrigação de um homem é não ser mulher.”. (ZIMMERMAN, E, 2000, p. 223.)

² Exemplificando: o travestismo no carnaval, os *drags queens* e os *crossdresser*.

³ Uma possibilidade para algumas mães.

⁴ Encontro na biografia de Freud (JONES, 1989, p. 19) o seguinte: “Outro efeito do orgulho e amor maternos pelo primeiro filho deixou uma impressão mais intensa, e até mesmo indelével, no jovem em crescimento. Mais tarde ele (Freud) escreveu: ‘Um homem que foi incontestavelmente o preferido de sua mãe tem por toda a sua vida o sentimento de um conquistador, essa confiança no sucesso que muitas vezes ocasiona o sucesso real’. Essa autoconfiança, que era uma das principais características de Freud, raramente fraquejou, estando ele indubitavelmente certo ao relacioná-la com a segurança do amor de sua mãe.”

Isso pode trazer um asseguramento narcísico imediato, ou seja, basta crescer e ter um faz pipi igual ao do pai, como expressou o pequeno Hans (FREUD, 1909). De maneira distinta, também podemos especular que quando existe a forte promessa de um trono – quando se nasce príncipe deve-se naturalmente ser rei –, as desilusões podem ser mais violentas, isso significa que também há uma suscetibilidade narcísica na trajetória do menino ao tornar-se homem¹. Outro aspecto, que corrobora a observação de Freud de que a relação entre a mãe e o filho é mais livre de ambiguidades, é o fato de que o menino terá como referência identificatória, predominante, o pai². O pai, assim me parece, é um relacionamento que se inicia com os benefícios de um distanciamento parcial, e não de uma indiferenciação na origem, como é com a mãe, tanto para bebês do sexo feminino, quanto masculino. Se a mãe é o primeiro outro – sempre o feminino –, o pai é o outro do outro³.

Greenson (1993) ao considerar o aspecto de que a menina e, posteriormente, a mulher, podem ter uma maior segurança e tranquilização quanto à feminilidade, diferentemente do homem quanto à masculinidade⁴, escapa-lhe que o mesmo fator também é, assim penso, um desafio na trajetória feminina. A constatação de pertencer ao mesmo sexo e ao mesmo gênero da mãe é, justamente, o campo propício a confusões identificatórias na representação psíquica inconsciente da dupla mãe-filha. A *cilada narcísica* (BIDAUD, 1998), a *ilusão simbiótica* (HALBERSTADT-FREUD, H. C., 2001) e *o império do mesmo* (J.ANDRÉ, 2003) são articulações teórico-clínicas⁵, de diferentes psicanalistas, sobre a relação mãe e filha, que podem ser pensados a partir de uma suscetibilidade maior ao risco de indiferenciação ou fusão identitária nessa dupla.

Podemos ponderar, também, que sob o vértice do psiquismo da mãe, esperar um bebê do sexo feminino pode ativar reações inconscientes precoces, tanto de fusão, como de rivalidade. A partir dessa compreensão, temos como sustentar a especificidade da feminilidade nas mulheres: para o bebê do sexo feminino, sua similitude com a mãe favorece tanto uma aproximação amorosa, quanto uma

¹ Meninos não choram e homens não podem fracassar.

² Mesmo que sejam as identificações paternas e masculinas da mãe, essas questões são debatidas na parte quatro deste texto.

³ Tema que é trabalhado no item *O pai no olhar da mãe*.

⁴ Questão que pode ser exemplificada pelas brincadeiras entre amigos quanto à incerteza da masculinidade.

⁵ Conceitos abordados no item *O império do mesmo: ilusão simbiótica e cilada narcísica*.

competitividade, que poderá impor um distanciamento prematuro (GODFRIND, J. 1990).

A hostilidade entre mães e filhas pode ser compreendida como o representante do trabalho psíquico de se estabelecerem fronteiras identificatórias, constantemente ameaçadas pelo fato de mãe e filha pertencerem ao mesmo gênero. A hostilidade não seria somente tributária do fato de a mãe não ter oferecido um pênis para sua filha, como Freud (1933 [1932]) expressou, mas seria decorrente do desejo de possuir um refúgio, por meio de um apoio anatômico, para uma identidade separada da mãe. Em outras palavras, poder amar a mãe sem se perder, poder amar a filha sem se perder; a fronteira entre identidades que a anatomia como representação psíquica pode favorecer¹.

O desejo da mãe pelo pai – o pênis é o objeto parcial – pode ser uma dolorosa e necessária ferida na díade mãe e bebê do sexo feminino. Ao contrário do menino, a menina não possui o pênis. A inveja do pênis na mulher pode ser compreendida da seguinte forma: a menina deseja possuir o objeto do desejo da mãe – pênis/ pai – para satisfazê-la; a menina deseja oferecer à mãe o que ela (mãe) busca no pai – o pênis. Sob esse aspecto, a menina não tem o asseguramento narcísico da posse de um pênis, que o menino tem; a menina é exposta a constatação de não ter o que a mãe procura².

Cabe ressaltar, novamente, que tanto a conquista de uma identidade masculina, quanto a da feminina, são complexas construções psíquicas. Os desafios ou encruzilhadas é que parecem ser sutilmente diversos. Não há atalhos, nem caminhos fáceis, apenas distintos.

Retomando, alicerçamos e justificamos a hipótese da especificidade da trajetória feminina: a suscetibilidade ao risco fusional entre mãe e filha, o consequente embasamento das fronteiras identificatórias da dupla e as defesas edificadas diante de tal perigo, considerando a trajetória teórica de Paulo C. Ribeiro (2000). Estamos no segundo tempo do recalçamento secundário, nos destinos psíquicos possíveis a partir da constatação da diferença entre os sexos, momento da

¹ Pode favorecer, ou não.

² Quanto a descoberta da natureza orifical da vagina, isso tem uma série de para a trajetória de menina à mulher, questão exposta no item *A experiência com um corpo feminino*.

identidade sexual e de gênero, que tem sua raiz comum aos dois sexos no recalçamento da identificação feminina primária.

Apesar de estarmos teoricamente no momento dos destinos psíquicos possíveis, a partir da constatação da diferença entre os sexos – no tempo psíquico das oposições, dos gêneros –, é preciso enfatizar suas raízes no solo comum a meninos e meninas: a identificação feminina primária. Talvez dessa maneira possamos compreender melhor o conceito de homossexualidade primária, anterior ao auto-erotismo, nas mulheres heterossexuais, que dialoga, penso, com o conceito de identificação feminina primária.

A homossexualidade nomeada de primária evidenciaria o aspecto sensual da identificação feminina primária? O termo homossexualidade seria pertinente para descrever um tempo mental anterior à constatação da diferença entre os sexos? Seriam dois conceitos diferentes abordando o mesmo fenômeno?

Tendo em mente essa discussão, vamos ao próximo item: as especificidades do conceito de homossexualidade primária...

Homossexualidade primária e sua secundarização: o pensamento de Jacqueline Godfrind

O uso do termo homossexualidade é geralmente associado à escolha como objeto de amor na vida adulta, por alguém do mesmo sexo. É um termo carregado de (pré)conceitos, dos mais diversos, o que justifica sua descrição neste trabalho. Pretendo abordar a homossexualidade denominada primária e seu processo de secundarização, seus destinos nas mulheres heterossexuais e sua importância na constituição da feminilidade. Tenho como referência as seguintes questões: como se dá, ou não, a elaboração, mesmo que parcial, do vínculo homossexual inconsciente na relação mãe-filha¹? Quais seriam possíveis desdobramentos desse intenso investimento? Quais possíveis destinos sublimatórios da homossexualidade nas

¹ A questão que intrigou Freud (1931 e 1933 [1932]) sobre como se dá a mudança de objeto na menina, da mãe (ligação homo) para o pai (ligação hetero), permanece em discussão.

mulheres? Como se articulam os conceitos de homossexualidade primária e secundária nas mulheres heterossexuais? Tais perguntas já foram formuladas pelos autores apresentados, corroborando esta linha de pesquisa.

A dupla mãe-bebê do sexo feminino funda e inaugura a vida psíquica a partir da semelhança, isto é, de uma relação homo, entre iguais, mesmo que esta semelhança seja, no momento inicial da vida, uma referência psíquica apenas da mãe. O bebê do sexo feminino, provavelmente, desperta na mãe, sensações específicas, situação diferente quando o bebê é um menino. A mãe marca o corpo e o psiquismo da menina com o que é “enigmático” (LAPLANCHE, 1992) também para ela (mãe): a sexualidade inconsciente. A possibilidade de trânsito sensual com o corpo feminino de seu bebê, ou seja, a capacidade de apreciar a feminilidade de sua pequena menina, está em jogo E, também, sua experiência emocional inconsciente com sua própria mãe e pai, isto é, o legado das identificações bissexuais da mãe.¹

Green (1991, p. 98) aborda essa questão da seguinte maneira:

Desta forma, para alguns esta ligação de homossexualidade dita primária entre a menina e a mãe dará à criança do sexo feminino a base do amor primário que prosseguirá por toda a vida, fundamentada no reconhecimento recíproco a partir do mesmo. Este pedestal afetivo terá como consequência facilitar a mudança do objeto ulterior. Para outros, pelo contrário, o caráter narcísico deste amor fundamentado nesta mutualidade criará ligações amorosas muito difíceis de desfazer para realizar a troca de objeto e a transferência das emoções amorosas do pai falóforo, ao qual o seio materno fará temível concorrência. Não é possível entrar em todos os detalhes desta interessante discussão. É também impossível desconhecer a influência do sexo da criança no desejo da mãe e os papéis da relação da mãe com sua própria mãe ou com seu próprio pai, no inconsciente.

É justamente a interessante questão descrita por Green (1991) o que supre esta investigação. Destaco que o autor faz uso do termo homossexualidade, dita primária. As construções clínicas apresentadas neste trabalho e os textos selecionados podem dar a impressão de que há uma ênfase no caráter narcísico, fundamentado na mutualidade do amor entre mães e filhas. No entanto, também, esses mesmos textos consideram que, se um pedestal afetivo suficientemente bom

¹ Tema que é mais detidamente abordado no item *Bissexualidade psíquica: conceito à vista*.

e sensual não foi erigido na relação mãe e filha, podem ocorrer sérias dificuldades no momento da mudança de objeto, da mãe para o pai. Dizendo de outra maneira, a construção de um pedestal afetivo e sensual entre mãe e filha é condição para a mudança de objeto — sempre parcial —, porém sob o risco da “cilada narcísica”.

De que maneira o conceito de homossexualidade primária de Godfrind colabora para a compreensão da construção de um pedestal afetivo entre mãe e filha? A que se refere esse conceito?

Jacqueline Godfrind é uma pesquisadora¹ do feminino arcaico. Sua tese é que a feminilidade primária (ou primordial) não é idêntica em meninos e meninas. O que pode ser chamado de “proto-sexual” depende das fantasias da mãe em relação ao sexo de seu bebê. A questão não é somente se a mãe é “suficientemente boa”, mas sim se é uma mãe “suficientemente boa sedutora”, ou seja, que investe (libidiniza) fantasmaticamente o gênero ao qual o seu bebê pertence².

Godfrind (1990, p. 83) considera que a importância do amor ao pai na constituição da identidade masculina é um tema versado na literatura psicanalítica com certa amplitude. Porém, o amor homossexual da menina à mãe, como componente constitutivo da identidade feminina não patológica, parece ser pouco referido na literatura – objeto de um “recalque inexorável” (FREUD, 1933 [1932]). Nos textos freudianos e kleinianos já trabalhados³, a intensidade e a importância da relação entre mães e filhas para a identidade e a sexualidade feminina é abordada. Entretanto, o aspecto sensual e erótico dessa relação não está evidente. Pode-se apenas entrever neles, essas questões.

Diz Godfrind (1990, p. 84), que a ambiguidade do termo homossexualidade feminina se deve a duas questões: primeiramente, a teoria falocêntrica⁴ – ou do monismo fálico – amplamente difundida na psicanálise; em segundo lugar, a dificuldade com o tema (tudo faz crer) deve-se ao fato de haver uma continuidade da relação primária com a mãe no encontro entre mulheres. Freud (1920, p. 195), ao analisar um caso de homossexualismo em uma jovem mulher, escreve: “A análise

¹ Resenha de Héléne Parat (2003), do livro de Godfrind (2001): *Comment la féminité vient aux femmes*.

² Godfrind (2001) refere-se ao trabalho de J. Laplanche (objeto-fonte) e de J. André (passividade da feminilidade primordial), autores já citados.

³ No item *O apego à mãe: amor e ódio*

⁴ Talvez essa supervalorização do pênis-falo (tanto nas mulheres, quanto nos homens) seja um recalque maciço referente ao encontro amoroso entre mulheres, escreve Godfrind (1990).

da jovem revelou, sem sombra de dúvida, que a amada era uma substituta de sua mãe.”.

A distinção entre homossexualidade primária e secundária, apesar de também ser controversa¹, pode nos auxiliar como um instrumento teórico na diferenciação de questões tão intrincadas, ou melhor, sobrepostas – como o Vaticano que foi edificado sob as ruínas de um templo romano (uma analogia com a metáfora freudiana, referida no início deste trabalho: “a civilização mino-miceniana por detrás da civilização da Grécia”).

Para Godfrind (1990, 1994 e 2001), a homossexualidade é determinante na organização fantasmática da mulher; nos seus movimentos identificatórios, que fundam uma identidade de gênero, e no prazer de ser mulher que será partilhado com um homem. O amor da mãe se constitui, também, a partir do sexo biológico de seu bebê. Para o bebê do sexo feminino, o amor da mãe é marcado pela similitude. A filha perpetuará a feminilidade que, de maneira inconsciente, a mãe lhe transmite. Como uma jóia de família que passa da avó para a mãe, da mãe para a filha, tendo em mente uma situação favorável; ou uma “feminilidade mortífera”, em uma condição desfavorável.

No pensamento de Godfrind (1990, 1994 e 2001), a noção de homossexualidade primária é pertinente para descrever a intimidade corporal da mãe com seu bebê menina. A doçura da pele, a delicadeza do gesto, a música da voz, inscrevem-se no corpo do bebê menina como as raízes do prazer sensual. Nesse diálogo corporal imprime-se a matriz da organização fantasmática da criança. A homossexualidade primária é pré-edípica e anterior ao auto-erotismo; a homossexualidade secundária é pertinente a uma organização edípica, ou seja, designa o complexo de Édipo invertido ou negativo – a mãe apreendida como mulher sexuada. O termo homossexualidade primária evidencia o aspecto sensual do amor primário à mãe, o que corrobora a aproximação feita neste trabalho² de que a homossexualidade primária seria uma nomeação que evidencia o caráter erótico e sensual da identificação feminina primária.

¹ Denis, P. (1982 e 1984) postula que a sexualidade primária é endereçada a um objeto indiferenciado quanto ao sexo, ou seja, anterior ao reconhecimento da diferença entre os sexos. Por outro lado, para Fréjaville (1982), o momento fundador da identidade sexual repousa nas fantasias compartilhadas entre pais e filhos do mesmo sexo. *Apud* Godfrind, 1990.

² No item *A trama, ou o que se trança a partir dos conceitos*.

Godfrind (1990, p. 86) levanta a hipótese de haver uma bipolaridade fundamental do investimento inconsciente materno em seu bebê menina: de um lado, rivalidade precoce, instauradora da distância; de outro, a similitude com seus riscos fusionais. As fantasias da mãe em relação ao seu corpo de mulher, sua experiência sensual, imprimem ao corpo da filha qualidades erógenas. Essas fantasias inconscientes partilhadas entre a mãe e seu bebê menina permeiam tanto a proximidade, quanto o distanciamento, precoce.

Apoiando-se na fala de suas pacientes, Godfrind (1990, p. 88) escreve sobre a intensa nostalgia da menina em relação ao amor da mãe: sempre desejado e jamais possuído totalmente. Relata que a insaciabilidade das mulheres, a contínua insatisfação, tem como força motriz a aspiração ao amor da mãe, e não a ausência de um pênis¹. As aproximações amorosas com a mãe, psíquicas e corporais, são fundamentais no tornar-se mulher e determinam a qualidade do encontro, posterior, com o homem. Manter-se na dialética da aproximação e do distanciamento com o corpo e o psiquismo da mãe é um dos grandes desafios de menina à mulher.

Essa psicanalista comenta que a secundarização da homossexualidade primária é vivida entre mulheres por meio de suas *futilité des coquetteries de femmes*: cabelos, unhas, roupas... São receitas partilhadas entre mulheres de como provocar a admiração dos homens. O pele a pele da mãe/mulher se faz pelo processo de secundarização: vestimenta, maquiagem, esmalte de unha, escreve poeticamente Godfrind (1990, p. 92). Ser mulher é assunto de mulheres/mães, no entanto, usufruir um corpo sexuado de mulher é algo a ser partilhado com um homem. O encontro homossexual primário e secundarizado (*coquetteries*) entre mulheres é destinado ao partilhar prazeroso com um homem. Parafraseando Godfrind (1990, p. 96): toda mulher terá de assumir a convicção profunda de que o acesso à feminilidade passa por um encontro homossexual com a mãe.

Ultrapassando fronteiras, ou melhor, tornando-as permeáveis, passo para outra filiação teórica, abordo a seguir conceitos kleinianos e seus desenvolvimentos atuais para a compreensão da feminilidade nas mulheres.

¹ Inveja do pênis (supervalorização do pênis no inconsciente masculino e feminino): o pênis é suscetível de seduzir à mãe, de satisfazê-la (GODFRIND, 1990).

A posição feminina primária ou fase da feminilidade: o pensamento de M.Klein

Esta perspectiva do maternal arcaico, que satura o objeto primário de desejo tanto quanto de angústia ilumina, de maneira dramática, a homossexualidade endógena da mulher. Melanie insiste nisso não somente antes de Freud, mas também com muito mais força do que ele o faz em seus artigos sobre a sexualidade feminina. De fato, Klein apresenta logo de início o conflito em vez da osmose entre as duas protagonistas. Já sabíamos: a angústia e a culpa estão muito cedo presentes, mas estão mais ainda entre filha e mãe.

(KRISTEVA, 2002)

Neste item retorno as contribuições importantes e inovadoras do pensamento kleiniano: o conceito de fase da feminilidade e o de *phantasia* inconsciente. Retomo o que já foi apresentado — *O apego à mãe: amor e ódio* — de uma maneira diversa. A intenção é articular, com mais precisão, o que considero significativos aportes do pensamento kleiniano para a compreensão da especificidade da trajetória feminina.

O conceito de fase da feminilidade consiste na identificação inicial e precoce do bebê com a mãe; por volta dos seis meses, o *infans* se volta para o pai, identificado com a mãe. Nesse momento há um primeiro esboço de que a mãe é um outro, e de que o pai é o outro da mãe. Para Klein, o pênis é encontrado primeiramente dentro da mãe. Para que haja uma identificação é preciso que aconteça um delineamento depressivo eu-outro. Tanto meninas quanto meninos se identificam com os atributos maternos/femininos e se voltam para o pai, identificados com a feminilidade da mãe.

M. Klein (1932-b, p. 258) situa na fase da feminilidade o ponto de fixação para a homossexualidade masculina: “Nesta fase, o menino tem uma fixação oral de sucção ao pênis de seu pai, exatamente como a menina. Considero esta fixação a base de sua verdadeira homossexualidade.” Podemos pensar – considerando o fato de Klein não expressar sua opinião sobre o assunto – que fazer uma escolha homossexual na vida adulta, para mulher, não seria uma fixação, como o é para o menino. Seria, sim, uma falha na identificação com a feminilidade da mãe. A mãe não foi “suficientemente boa sedutora”¹, isso pode favorecer, na menina, uma escolha homossexual na vida adulta. Essa falha pode ter como decorrência uma

¹ Expressão de Godfrind, como já dito.

busca infinda e nostálgica por esse contato primordial com a mãe (e sua feminilidade), por meio do relacionamento com outras mulheres.

A falha — fenda, brecha — na identificação com a feminilidade da mãe pode ocorrer por uma omissão ou lacuna na interação corporal da dupla. Para algumas mães, o contato corporal (por exemplo, na amamentação) com um bebê do sexo feminino pode apresentar sérias complicações, atingindo a impossibilidade, o que pode não acontecer quando o bebê é do sexo masculino. Por outro lado, uma mãe excessiva, entenda-se terna demais, quase incestuosa, pode promover outro tipo de falha: a impossibilidade de a filha diferenciar-se, podendo ter como decorrência dificuldades na sua realização como mulher.

Para os meninos, na fase da feminilidade, o que está em jogo é a possibilidade de sublimação de seus componentes femininos. A boa elaboração dessa fase, segundo Klein (1932-b, 268), propicia, na idade adulta, que um homem possa apreciar os atributos femininos, sem precisar menosprezá-los. A depreciação é defensiva em relação a uma mulher/mãe que se tornou, no psiquismo masculino, ameaçadora (quando predominam os sentimentos de inveja e ódio). O contato com o feminino, e sua interioridade parece propiciar nos homens qualidades psíquicas surpreendentes, dentre essas, a capacidade de apreciar a feminilidade de uma mulher.

Para a menina, essa identificação com a mãe na fase da feminilidade talvez exerça uma força de atração em relação ao arcaico. A cada fase (menarca, defloramento, primeira gestação e menopausa), a menina (e depois a mulher) é remetida à identificação com a mãe. A identificação precoce pode revelar-se por meio de manifestações físicas, ou pela repetição inconsciente da feminilidade da mãe. Exemplificando: dificuldades para engravidar, para amamentar, tensões pré-menstruais, dificuldades na relação sexual com um homem, podem ser expressões da força de atração ao feminino arcaico; podem ser também compreendidas como *memórias em sensações*, de mãe em filha.

Com o conceito de posição depressiva, Klein não retomou a fase da feminilidade, que parece, penso, estar ligada a uma construção teórica da feminilidade e da masculinidade. Considerando isso, se articularmos os dois conceitos — fase da feminilidade e posição depressiva —, talvez tenhamos bons

frutos. Penso que, se estamos sempre no âmbito de um processo constante e contínuo de construção e articulação entre um sujeito e um objeto, no qual a alteridade é sempre incerta e depressiva, a feminilidade e a masculinidade dialogam com essas questões. Um “eu feminino” forja-se, ao mesmo tempo, “eu + feminino”, junção indissociável. Tendo sempre em vista que nossas origens são femininas (J. ANDRÉ, 1996), o objeto primário é feminino, marcando a trajetória dos bebês de ambos os sexos com sutis diferenças.

Tentando esclarecer o emaranhado conceitual e fenomenológico do tema investigado, abordo também o conceito de *phantasia* inconsciente, sob o vértice da especificidade deste trabalho: a *phantasia* inconsciente entre a mãe e seu bebê do sexo feminino. Na identificação da menina com a feminilidade, estão em jogo as qualidades da feminilidade da mãe, e as *phantasias* inconscientes dela (mãe) a respeito de seu corpo feminino e do corpo de seu bebê menina.

O conceito de *phantasia* inconsciente é fundamental na obra kleiniana, sucintamente compreendido como o representante psíquico da pulsão, transitando entre o somático e o psíquico. Em artigo a respeito do assunto, Isaacs (1982, p.127) faz um breve resumo de sua articulação conceitual:

...as fantasias são o conteúdo primário dos processos mentais inconscientes; as fantasias inconscientes são, primordialmente, sobre corpos, e representam os anseios instintivos em relação aos objetos; os conceitos postulados por Freud de “realização alucinatória de desejo” e de sua “identificação primária”, “introjeção” e “projeção” constituem a base da vida de fantasia; as fantasias têm efeitos psíquicos e corporais, por exemplo, nos sintomas de conversão, qualidades físicas, caráter e personalidade, sintomas neuróticos, inibições e sublimações.

Figueiredo (2006, p. 127) comenta as fantasias inconscientes:

...as phantasias inconscientes atestam o poder imaginativo do corpo (o termo é nosso) ‘na direção de’ e ‘em resposta a’ ambientes e seus objetos, bem como a transição destas produções fantasísticas, estreitamente associadas aos acontecimentos e processos somáticos, às operações mentais mais desenvolvidas.

A *phantasia* inconsciente é a matéria-prima do pensamento; refere-se ao conteúdo primário do inconsciente. Kristeva (2002, p.163) descreve a *phantasia* inconsciente como metáfora encarnada.

Estamos no âmbito do arcaico, das trocas corporais entre mãe e filha. A sensualidade da dupla está sendo veiculada por meio das *phantasias* inconscientes partilhadas. No entanto, como já visto neste texto, essa é uma dupla assimétrica, devido à intrusão (sedução generalizada) do mundo adulto inconsciente no mundo da ternura do *infans*. As *phantasias* inconscientes de caráter erótico, da mãe para com seu bebê, marcam uma geografia sensual tanto no corpo da menina, quanto no corpo do menino, e são o esteio no qual *a posteriori* se constrói a feminilidade e a masculinidade, compreendidas aqui como *composições identitárias* extremamente plásticas do psiquismo.

A fase da feminilidade para os bebês de ambos os sexos seria essa reserva arcaica de *phantasia* inconsciente, partilhada com o corpo/psiquismo da mãe¹, havendo uma afetação mútua entre o bebê e a mãe na *phantasia* inconsciente da dupla: mãe-bebê do sexo feminino e mãe-bebê do sexo masculino. Como nessas duplas a corporeidade fala mais alto, o arcaico está em evidência. Ressalto, então, a importância de considerar as *phantasias* inconscientes – principalmente aquelas de caráter sensual, da mãe para com sua filha – como constitutivas da capacidade ou da dificuldade, na vida adulta, no que tange a sexualidade feminina: o prazer ou o desprazer de ser mulher².

O conceito de fase da feminilidade teve um significativo desdobramento nas construções teóricas de Florence Guignard, apresentadas a seguir.

O materno primário e o feminino primário: o pensamento de Florence Guignard

Florence Guignard (1987, 1997, 2000 e 2002), psicanalista francesa contemporânea, propõe a distinção de dois espaços psíquicos nos quais se organizam as configurações das identificações iniciais com a mãe.

Guignard (2000, p. 130) considera a hipótese da existência de dois tempos do feminino, nos quais as identificações iniciais com o objeto primário se organizam. O

¹ Articulação própria.

² Discussão no item *O prazer (ou o desprazer) de mãe para filha*.

primeiro tempo é o do materno primário (entre dois e três meses de vida); o segundo, é do feminino primário (por volta dos seis meses).

O espaço do materno primário constitui-se como o espaço interno dos investimentos pulsionais das primeiras relações identificatórias com a mãe, imprimindo violentamente o desconhecido do objeto na psique-soma da criança, e vetorizando as pulsões em direção ao objeto. Guignard (2000, p. 15) qualifica o desconhecido do objeto, como o “enigmático”¹ (LAPLANCHE), conceito já descrito².

O espaço do feminino primário é aquele no qual se instala o que Klein denominou fase da feminilidade ou posição feminina. A criança se identifica com o desejo da mãe pelo pai; é a identificação ao desejo do outro (mãe) pelo outro (pai). Acontece no limiar da posição depressiva, no fim da díade onipotente e narcísica mãe-bebê, e perante a primeira triangulação edipiana – o Édipo precoce, denominado por Klein. É o momento da des-idealização: o bebê não é tudo para a mãe. A mãe deseja um outro, o pai, o terceiro ou seu representante. Guignard (2002, p. 18) diz que, nesse momento, a filha deverá se identificar com aquela que a privou de seu status onipotente de único objeto de amor da mãe maternal: a mãe sexual.

Guignard escreve (2000, p. 140):

Considero o ‘feminino primário’ o espaço psíquico que se desenvolve em relação à primeira triangulação observável no ser humano. É o lugar inicial do desejo do Outro-do-Outro, da ausência, do negativo, do abandono recíproco e, por conseguinte, de toda a potencialidade dos processos de luto. Do bom estabelecimento desse espaço vai depender o equilíbrio econômico da bissexualidade psíquica em relação com o sexo biológico do indivíduo.

A partir da organização do espaço psíquico do feminino primário, há um aumento das identificações introjetivas. Constitui-se, de forma um pouco mais delineada, um dentro e um fora, o eu, o outro, e o outro do outro. Guignard (2000, p.140) considera que o núcleo do ego é constituído pelas identificações introjetivas, e, se essas são inicialmente femininas, o destino de ego passa a se encontrar ligado ao destino do feminino. Se as identificações são o que resta das paixões — “o que

¹ Guignard usa como referência o *enigmático* (LAPLANCHE) e o *estético* (MELTZER).

²Retomando a questão: a sedução originária é uma experiência de efração. O adulto, por meio dos cuidados e dos carinhos dispensados ao bebê, conjuntamente com os significados inconscientes (enigmáticos também para o adulto) dos seus gestos sensualizados, invade e introduz no psicossoma da criança, o sexual, portanto, a efração da sedução originária pode ter como primeira representação/elaboração o ser penetrado do feminino.

resta depois que tudo foi esquecido” (NOZEK, 1997) —, nossas identificações primárias são femininas.

As identificações introjetivas do *materno primário* e do *feminino primário* são necessárias para o equilíbrio econômico da bissexualidade psíquica, tanto para o menino, como para a menina. No entanto, em razão do destino de mulher e de mãe, essas identificações serão ainda mais requisitadas no que se refere ao ego corporal da menina. A hipótese de Guignard (2002, p. 25) é de que o investimento do maternal e do feminino por uma mulher adulta e mãe funciona em báscula e sob o signo da culpabilidade.

Apresentados os conceitos, espero que de maneira suficiente, siga para um diálogo textual, no qual intenciono que fique ainda mais claro do que trata essa trama.

A trama, ou o que se trança a partir dos conceitos

Aspiro, neste item, a uma discussão que revele aproximações, diferenças e limites entre os conceitos apresentados — identificação *feminina primária*, *homossexualidade primária*, *fase da feminilidade e o materno e o feminino primário* — sem intenções conclusivas.

Para uma visão panorâmica, faço três esquemas, considerando a temporalidade psíquica na formação do psiquismo. Os conceitos que avizinho parecem pertencer a momentos psíquicos semelhantes.

O primeiro tempo é originário, faz parte das fundações do psiquismo (anterior ao sexto mês de vida):

Identificação feminina primária ¹ (Paulo C. Ribeiro: “o objeto primordial de amor e identificação é do sexo feminino”)

Homossexualidade primária (J. Godfrind: “anterior ao auto-erotismo; evidencia o caráter sensual do amor primário à mãe”)
--

Materno primário (F.Guignard: “imprime violentamente o desconhecido do objeto — o enigmático — no psique-soma da criança”)
--

O segundo implica uma operação psíquica não descrita nos conceitos do primeiro esquema: um primeiro esboço da triangulação edipiana e um delineamento eu-outro², concomitante a uma referência, também primeira e ainda parcialmente delineada, de objeto total (por volta dos seis meses de vida):

¹A *identificação feminina primária* passa a ter o estatuto de secundária a partir do tempo psíquico da oposição dos sexos e das diferenças, ou seja, para além do sexto mês de vida, considerando que essa referência cronológica é sempre relativa.

² O delineamento eu-outro é decorrente de um processo que implica um primeiro luto da onipotência da díade mãe-bebê.

Fase da feminilidade ou posição feminina (Klein: a criança se volta para o pai, identificada com a mãe)

Feminino primário (F.Guignard: “o desejo pelo Outro-do-Outro”)

O terceiro esquema conceitual demanda uma organização edípica já decorrente do reconhecimento da diferença entre os sexos e a diferença entre as gerações; campo do objeto total (entre o primeiro e o terceiro ano de vida):

Homossexualidade secundária (J. Godfrind: organização edípica, designação do complexo de Édipo invertido ou negativo).

Identificação feminina secundária (Paulo C. Ribeiro: “marcada pela diferença e oposição dos sexos”).

Começo pela discussão do primeiro esquema, primeiramente por uma aproximação entre *identificação feminina primária* e *homossexualidade primária*. Faço também a contextualização dos conceitos na obra de Paulo C. Ribeiro e Jaqueline Godfrind.

A produção teórica desses dois psicanalistas é consideravelmente distinta assim como aquilo que parece tê-los mobilizado para o estudo dos conceitos. Os textos de Godfrind (2001) se referem, principalmente, à maneira como a feminilidade chega às mulheres¹, com especial ênfase no vínculo da mãe com sua filha. Seu livro (2001) é um conjunto de artigos escritos entre 1988 e 1996. No primeiro capítulo, Godfrind (2001, p. 17) posiciona-se teoricamente no universo de conceitos psicanalíticos sobre o feminino, a feminilidade e a sexualidade feminina. Ela considera que sexualidade feminina é a expressão que melhor representa uma concepção psicanalítica do funcionamento psicosssexual da mulher; e que o termo feminilidade inclui a sexualidade feminina. Essa autora usa a seguinte definição de feminilidade: conjunto de características próprias às mulheres em oposição à

¹ Possível tradução do título de seu livro: *Comment la féminité vient aux femmes* (GODFRIND, 2001).

masculinidade ou virilidade¹. O feminino – comum aos dois sexos – é compreendido como o termo que designa a posição primeira, a matriz das origens, o encontro primordial com a mãe, a experiência de ausência de representação: o irrepresentável, o domínio do arcaico, do recalque originário. Por fim, esclarece que seu interesse está na pesquisa do intrapsíquico inconsciente da feminilidade.

O livro de Paulo C. Ribeiro (2000), como já dito, é um rigoroso trabalho de leitura de alguns textos freudianos. Ele retoma a coerência dos conceitos a partir de uma leitura daquilo que o texto freudiano revela e encobre, concomitantemente. De certa forma, sustenta a genialidade e ousadia da obra de Freud, principalmente no que se refere à *identificação feminina primária*. É um trabalho de lapidação conceitual, fruto da sua tese de doutorado, dedicada à elaboração metapsicológica do conceito de *identificação feminina primária* com importantes repercussões clínicas para a compreensão dos fenômenos identificatórios arcaicos.

O conceito de *identificação feminina primária* aproxima-se, no registro clínico, sob o ângulo que sustento, da *homossexualidade primária*. Levanto a conjectura de que o termo *homossexualidade primária* seria uma apresentação conceitual (em termos fenomenológicos) parcialmente diversa da identificação feminina primária. Uma das diferenças, assim constato, estaria no fato de a *homossexualidade primária* colocar em evidência o caráter sensual da *identificação feminina primária*. Explicando melhor, o termo homossexualidade enfatiza o aspecto erótico e sensual da relação primária com a mãe².

Entretanto, o conceito de *homossexualidade primária* pode induzir equívoco quanto à sua compreensão. Godfrind (2001, p. 31) faz apenas uma breve alusão à distinção entre *identificação primária* e *homossexualidade primária*. Refere-se à dificuldade de compreensão dos conceitos de identificação e investimento de objeto na obra freudiana, questão discutida no texto de Paulo C. Ribeiro (2000)³. Godfrind conclui que o termo usado por Freud – *identificação primária* – não é suficiente para

¹M. et J. Cournut, 1993, apud Godfrind, 2001.

² O conceito de homossexualidade primária é também para Godfrind pertinente à dupla mãe-bebê do sexo masculino, já que nesse momento o bebê está identificado primariamente à mãe. Interessante destacar, mesmo não sendo o objetivo deste trabalho, que a homossexualidade secundária masculina também se articula com a homossexualidade primária: não poder *ter* a mulher, mas *ser* a mulher, ou seja, estar identificado com a mãe e sua feminilidade e escolher um homem como objeto erótico.

³ “A única forma, parece-nos, de desfazer ou, pelo menos, de compreender algo do imbróglio relativo às relações entre a identificação e o investimento de objeto em Freud é procurar encontrar as raízes desse verdadeiro atentado à coerência de seu pensamento.” (RIBEIRO, P. C., 2000, p. 55).

abarcando o que acontece entre a criança e a mãe, principalmente no que se refere à filha e à mãe.

Godfrind (2001) explicitou que os motivos pelos quais se distanciou do termo *identificação primária* foram os precisamente trabalhados na tese de Paulo C. Ribeiro: as contradições e os impasses teóricos na obra freudiana, devido ao recalçamento da *identificação feminina primária*, pelo próprio Freud. No entanto, Godfrind não leu o texto de Paulo C. Ribeiro, apesar de partilharem o mesmo idioma, o francês, e de uma filiação teórica semelhante: o pensamento de J. Laplanche e de J. André. Digo isso porque penso que a elaboração conceitual feita por Paulo C. Ribeiro de *identificação feminina primária* faz jus ao aspecto sexual¹ presente na relação primária entre o bebê e a mãe. Ele não precisa lançar mão de outro conceito, como faz Godfrind. Essa nomeação – *homossexualidade primária* – pode sugerir compreensões distorcidas, pois se confunde com a posição invertida do complexo de Édipo feminino – a homossexualidade denominada secundária, por Godfrind (1990), e com a homossexualidade na vida adulta, como já visto. Outro ponto a trazer dificuldades de compreensão é a expressão *homossexualidade primária* não fazer jus à importância das identificações arcaicas. No entanto, o texto de Godfrind, ao descrever a relação arcaica do bebê com a mãe faz, sim, jus a essas identificações, principalmente as entre filha e mãe; é apenas a nomeação do conceito que não evidencia a importância das identificações arcaicas.

O conceito de *identificação feminina primária* está bem elaborado em termos metapsicológicos, oferecendo uma sustentação teórica e clínica consistente, o que não parece ter sido a proposta de Godfrind ao optar pelo conceito de *homossexualidade primária e secundária*. Dizendo de uma outra maneira, Godfrind parece não buscar ou sustentar o estatuto metapsicológico desses termos, e sim articular uma experiência clínica significativa com a teoria disponível que melhor representasse o vivido na transferência e na contratransferência com suas pacientes². Pensar, detidamente, sobre o estatuto desses conceitos implicaria na feitura de um outro trabalho, mais voltado ao registro metapsicológico, que ao clínico.

¹ “... a feminilidade da mãe é transmitida para a criança pela imitação que ela (a mãe) faz do infantil, por meio da tradução corporal (gestos, jeitos, toques sons, afetos) daquilo que o contato com a criança induz nela e que ela não sabe que é um derivado de sua própria sexualidade recalçada.” (RIBEIRO, P. C., 2000, p. 273)

² Escolha que é feita e explicitada no primeiro capítulo do livro dessa autora.

No primeiro capítulo de seu livro – *Pour introduire l'identité au féminin*¹ – Godfrind (2001, p. 15) explicita algumas escolhas teóricas que fez dentro da vasta literatura psicanalítica existente sobre a feminilidade, colocando-se como herdeira das idéias de J. Chasseguet-Smirgel: “minha proposta se inscreve no fluxo contínuo de seus escritos.”² Explicita que compartilha do conceito de sedução originária de J. Laplanche: a sexualidade é veiculada pelo outro (adulto) da sedução generalizada, enigmática para ambos, por isso traumática, como já descrito.

A significativa contribuição de Godfrind, assim me parece, são os exemplos clínicos do conceito de *homossexualidade primária*, principalmente no que se refere à díade mãe e bebê do sexo feminino, assim como o aspecto sensual dessa dupla, e a importância dessa experiência para a feminilidade de uma mulher. Uma mãe “suficientemente boa sedutora” funda um desenvolvimento psicosssexual harmonioso, escreve Godfrind (2001, p. 128).

Abordo, agora, o conceito de *materno primário*, que se avizinha dos conceitos de *homossexualidade primária* e *identificação feminina primária*.

Retomando: F. Guignard (2000 e 2002), ao pesquisar as configurações identificatórias iniciais com a mãe, postula dois tempos e dois espaços do feminino: o *materno primário* e o *feminino primário*. Ao designar como *enigmático*, o que a mãe imprime na psique-soma do bebê, expõe sua proximidade e concordância, quanto a esse aspecto, com J. Laplanche. O *enigmático* é a sexualidade inconsciente da mãe que transparece em seus gestos sensuais ao cuidar de seu bebê. Sob esse aspecto, o conceito de o *materno primário* aproxima-se da conceituação de *identificação feminina primária*.

Cintra e Figueiredo (2004, p. 69) fazem uma aproximação do pensamento kleiniano (fundamento dos conceitos do *materno primário* e do *feminino primário*), no que se refere à idéia das fantasias de *penetrar* o corpo da mãe, no Édipo precoce, com a teorização de J. Laplanche e J. André – referências fundamentais para o pensamento de P. C. Ribeiro –, que considero importante para compreensão da trama conceitual deste texto:

¹ Para introduzir a identidade ao feminino, seria uma tradução possível.

² O pensamento de J. Chasseguet-Smirgel também é uma influência significativa nos trabalhos de Florence Guignard.

...se considerarmos o processo de erotização e pensarmos o corpo do bebê como tendo sido 'penetrado' pelo investimento materno – da maneira como Jean Laplanche e Jacques André sugerem que ocorre (teoria da sedução generalizada) –, não ficará tão estranho imaginarmos que, na vida de fantasia, a questão de 'penetrar e ser penetrado' pode se colocar muito antes de qualquer consciência clara da existência de um órgão genital como o pênis e da diferença entre os sexos, e pode ser remetida à experiência fundamental da erotização materna, uma vez que, do ponto de vista da criança, ela já foi 'penetrada', desde o início da vida, pelas excitações que os cuidados maternos geram em seu corpo.

Considerando a constatação da diferença entre os sexos e entre as gerações como uma passagem para um funcionamento psíquico diferenciado, verifico que o *materno primário* e o *feminino primário* parecem pertencer à mesma temporalidade psíquica que a *identificação feminina primária*. Explicando melhor: o *materno primário*, o *feminino primário* (e, conseqüentemente, a *posição feminina*) e a *homossexualidade primária* estão aquém do tempo marcado pela diferença e oposição entre os sexos.

Quanto às possíveis diferenças entre *homossexualidade primária* e *fase da feminilidade*, pude verificar, por um exame mais detalhado nos textos estudados, o seguinte: ao usarmos como referência a temporalidade psíquica, no sentido de ser anterior ou posterior na constituição do eu, a *fase feminina* (Klein) implica um psiquismo sutilmente mais evoluído, se é que podemos falar assim em relação a um bebê de seis meses. A homossexualidade primária é anterior ao auto-erotismo¹; tem como indicador uma posição libidinal e não uma relação de objeto. Esclareço: *homossexualidade primária* e *fase da feminilidade* são conceitos pertencentes a arcabouços teóricos diversos. Considerando essa diferença, quando nomeamos uma posição libidinal auto-erótica, estamos diante de certa dispersão. A unificação parcial do eu se dá a partir do narcisismo. A *fase da feminilidade* é concomitante à posição depressiva, que tem como conseqüência um delineamento eu-outro, ou seja, a experiência de um eu inicial, mas já com um esboço de contorno, não tão disperso. Haveria aqui uma sutil diferença temporal entre um eu mais delineado e depressivo para Klein, e um eu anterior ao auto-erotismo, ou seja, mais difuso, no conceito de *homossexualidade primária*.

¹ Auto-erotismo: ...“Sem referência a uma imagem do corpo unificada a um primeiro esboço do ego, tal como ele (Freud) caracteriza o narcisismo.” (LAPLANCHE E PONTALIS, 1985, p.47)

Quanto à *identificação feminina primária*, parece também acontecer nas cercanias do auto-erotismo, ou mais precisamente, entre a *dispersão auto-erótica* e a *unificação narcísica*:

A identificação feminina primária funciona como uma formação narcísica ainda hesitante entre a unificação e a dispersão, mas ainda assim capaz de organizar parcialmente um auto-erotismo inteiramente marcado pela ação traumática e invasiva da sexualidade inconsciente do adulto sobre a criança (RIBEIRO, P. C., 2000, p. 47).

Situando melhor, o primeiro tempo do recalçamento da *identificação feminina primária* é o momento em que a criança é moldada a partir da feminilidade da mãe. É o momento anterior à constatação da diferença anatômica entre os sexos; não há oposição, mas vivências homogêneas. O segundo tempo do recalçamento da *identificação feminina primária* afina-se com a constatação da diferença anatômica, com o tempo das oposições e das diferenças. Paulo C. Ribeiro (2000, p. 285) escreve ser a *identificação feminina secundária* marcada pela diferença e pela oposição dos sexos.

Penso que o conceito de *homossexualidade primária* avizinha-se do conceito de *identificação feminina primária*, e que o termo *homossexualidade secundária* aproxima-se da *identificação feminina secundária*. No momento secundário, a menina está identificada com a mãe, mas, a partir de uma configuração edípica.

O segundo esquema traz uma operação psíquica diversa – a situação edípica precoce – que é um significativo articulador teórico e clínico na teoria kleiniana, o que o diferencia do primeiro e do terceiro.

Para Klein, a situação edípica instala-se a partir da constatação da existência de um outro (pênis/pai; objeto parcial e objeto total), o terceiro, que é objeto do desejo da mãe. É justamente nesse momento que Klein articula o conceito de *posição feminina primária*: identificado com a mãe, o bebê se volta para o pai.

Guignard – autora que se posiciona como uma leitora cuidadosa dos textos kleinianos – considera que o espaço psíquico do *feminino primário* é o lugar onde se

instala a *posição feminina ou fase da feminilidade*. Concebe, a partir de Klein¹, existir um esboço de uma primeira triangulação – situação edípica precoce, sendo que o pai (o pênis) é descoberto primeiramente na mãe –, identificação ao desejo do outro pelo outro².

No que se refere a esse ponto – a triangulação precoce –, Godfrind (2001, p. 28) considera a importância do pai, na mente da mãe, como uma presença que instaura um espaço psíquico entre mãe e bebê. Aponto que, mesmo reconhecendo as contribuições kleinianas para a compreensão da psicosexualidade feminina, Godfrind não utiliza explicitamente, em seus textos, esses aportes teóricos³.

Na introdução de seu livro, Godfrind (2001, p. 30) refere-se aos termos usados por Guignard: *materno primário e feminino primário*. Levanta a seguinte objeção a essa diferenciação: a disposição para a maternidade é indissociável da feminilidade⁴; ela prefere falar de um maternal feminino. Embora tenha considerado esse comentário instigante, ao ler os textos de Guignard, compreendi-os de maneira diversa. Penso ser, a diferenciação entre o *materno primário* e o *feminino primário*, a apreensão de um espaço psíquico anterior à *posição feminina ou fase da feminilidade*, isto é, uma expansão, assim me parece, do conceito kleiniano. Como Guignard entende que o espaço do *materno primário* é o espaço da sedução originária, a sexualidade inconsciente da mãe está presente desde o início. A *mãe sexual* evidencia-se – mas já estava presente – no espaço psíquico do *feminino primário*, concomitantemente à descoberta do outro do outro (o pai, ou o que o representa). A identificação ao feminino da mãe introduz, na realidade, o sexual da mãe no mundo psíquico do *infans*, escreve Guignard (2002, p.17).

Concluo, a partir dessa colocação, que a sexualidade inconsciente da mãe está presente desde o início, porém se explicita com a descoberta pelo bebê de que

¹“Dando sequência ao ‘materno primário’, um segundo espaço psíquico se organiza, o qual denominei ‘feminino primário’ em homenagem à importância, para a minha reflexão, da descoberta, por Melanie Klein (1932), daquilo que ela denomina, em A Psicanálise de Crianças, a ‘fase feminina primária’.”(GUIGNARD, 1997, p. 51).

² “O importante não é o papel do objeto, não é o papel do sujeito, é simplesmente o fato de que não existimos enquanto pessoa se não estivermos numa situação triangular. Foi por esta razão que trabalhei sobre o materno primário e o feminino primário, dos quais falei nos dois livros que vocês talvez tenham lido e que estão traduzidos. Penso que a fusão ainda existente na relação, no espaço do materno primário, já é triangulada, porque o pai existe na cabeça da mãe.” (GUIGNARD, 2005, p. 377).

³ No campo das teorias das relações objetais, Winnicott parece ser uma referência teórica para Godfrind. No entanto, faz o seguinte comentário que considero pertinente: Winnicott dessexualizou o universo precoce do bebê.

⁴ Godfrind cita J. Chasseguet quando se refere a esse tema.

ele não é tudo para ela: o fim da ilusão onipotente; a mãe deseja o pai. Godfrind (2001, p.30) comenta que compreendeu a colocação de Guignard da seguinte forma: seria como se a sexualidade da mãe não estivesse presente desde o início, mas fosse introduzida apenas no espaço do *feminino primário*, no momento em que se volta para o pai, com o seu desejo de mulher¹.

Essa diferenciação de dois espaços do feminino – o *materno primário* e o *feminino primário* – tem o mérito de revelar uma questão delicada para as mulheres: a articulação desses dois espaços psíquicos, cuja introjeção identificatória é necessária tanto para a filha, quanto para o filho, no que se refere ao estabelecimento de uma bissexualidade psíquica equilibrada. No entanto, para a filha, há uma especificidade: o funcionamento em *báscula*² e sob o signo da culpabilidade, entre o *materno primário* e o *feminino primário*. A realização, tanto da feminilidade, quanto da maternidade, dependem de uma integração do feminino e do materno no psiquismo de uma mulher (GUIGNARD, 2002, p.25)³.

A diferença nos conceitos apresentados parece estar na compreensão da psicosssexualidade humana. Para Klein (1932-a, p. 287), a sexualidade tem a função de dominar a angústia e de reparar os objetos internos e externos:

...mesmo no que se refere ao indivíduo normal, o ato sexual, juntamente com a motivação libidinal, ajuda-o a dominar a angústia. As atividades genitais têm ainda uma outra força motivacional, que é o anseio de reparar, por meio da copulação, o dano ocasionado com as fantasias sádicas.⁴

Assim, a sexualidade é compreendida, predominantemente, na sua função de dominar a angústia e reparar⁵. A questão das identificações sexuais e do

¹“A ‘censura da mulher-amante’, cara a D.Brauschweig e M.Fain, clama por seus direitos na mulher-mãe, sustentada pelo amor e pelo desejo sexual de seu companheiro” (GUIGNARD, 2000 p.139).

² A imagem que pode exemplificar a *báscula* entre o feminino e o maternal é a figura do vaso ou das duas faces. Se enxergarmos o vaso, não vemos as faces, e vice-versa. O vaso constitui as faces, e as faces constituem o vaso, mas não podemos percebê-los concomitantemente, a não ser por uma alternância entre um e outro – uma *báscula*.

³ Na pesquisa anterior que fiz sobre *Infertilidade e reprodução assistida* (RIBEIRO, 2004) foram recorrentes os casos nos quais a impossibilidade ou dificuldade de gerar filhos tinha como decorrência uma insegurança manifesta dos atrativos femininos dessas mulheres.

⁴ KLEIN (1932-b, p. 236). Traduções distintas.

⁵ “No decorrer deste trabalho deixei claro o ponto que sustento de que a pulsão de morte (impulsos destrutivos) é o fator primário na gênese da ansiedade. Ficou, no entanto, também implícito, na minha exposição dos processos que conduzem à ansiedade e à culpa, que o objeto primário contra o qual se dirigem os impulsos destrutivos é o

desenvolvimento sexual da criança está presente, principalmente, nos primeiros textos da obra kleiniana (*Psicanálise da criança*). O conceito de *fase da feminilidade* é formulado em 1928 e 1932. Apesar desse conceito – *fase da feminilidade* – ter sido retomado sutilmente no texto de 1945 – *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas* –, o interesse de Klein, no terreno das identificações sexuais, esmaeceu (HINSHELWOOD, 1992, p. 107).

Para P. C. Ribeiro e J. Godfrind, devido às vertentes teóricas que prevalecem em ambos (Freud, J. Laplanche e J. André), a sexualidade está presente desde o início, e em momento algum deixa de estar; ela é transformada.

Analisando a questão da dessexualização da libido, Paulo C. Ribeiro, em algumas partes de *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 1921), reflete que parece ter se tornado difícil para Freud sustentar a publicação revolucionária do texto de 1905 – *Três ensaios sobre a teoria sexual* –, no qual considera que a sexualidade está presente desde o início da vida. Paulo C. Ribeiro (2000, p. 54) escreve: “... a idéia de uma identificação situada fora do campo da sexualidade deveria ser profundamente afastada.”

Apesar de a sexualidade ser um conceito de suma importância na psicanálise, ainda é uma questão em aberto para os psicanalistas, sujeita a controvérsias e a recalques teóricos (GREEN, 2000, p. 205). Freud (1921, p. 117) considera que o sexual em psicanálise pode ser compreendido no sentido de Eros – a coesão de tudo que é vivo –, apontando para o fato de Eros² e erótico serem termos mais elegantes:

A psicanálise, portanto, dá a esses instintos amorosos o nome de instintos sexuais, *a potiori* e em razão de sua origem. A maioria das pessoas ‘instruídas’ encarou essa nomenclatura com um insulto e fez sua vingança retribuindo à psicanálise a pecha de ‘pansexualismo’. Qualquer pessoa que considere o sexo como algo mortificante e humilhante para a natureza humana está livre para

objeto da libido, e que o que causa ansiedade e culpa é, portanto, a interação entre a agressividade e a libido – em última análise, a fusão, assim como a polaridade, das duas pulsões.” (KLEIN, 1948 [1991], p. 63)

² “... ao substituir a sexualidade pelo Eros, Freud efectuou uma verdadeira revolução no seu pensamento, uma vez que Eros significa pulsão de amor e que um amor sem objecto – ainda que o objecto fosse ele próprio – é inconcebível, Freud é o precursor da teoria das relações de objecto, com uma ligeira ressalva: o Eros implica que se mantenha uma libido em busca de prazer. E se a vemos em busca de objeto, é na medida em que a função deste será assegurar a junção entre o prazer e o amor... Desde aí se compreende que é o amor – a pulsão de amor – que se sobrepõe à sexualidade, sem dela se dissociar.” (GREEN, 2000, p. 119 e 220)

empregar as expressões mais polidas ‘Eros’ e ‘erótico’. Eu poderia ter procedido assim desde o começo e me teria poupado muita oposição. Mas não quis fazê-lo, porque me apraz evitar fazer concessões à pusilanimidade. Nunca se pode dizer até onde esse caminho levará; cede-se primeiro em palavras e depois, pouco a pouco, em substância também.

No entanto, com esses termos – Eros e erótico –, apesar de polidos, corre-se o risco de se reduzir o alcance da importância da sexualidade, como o próprio Freud expressou: a temeridade de perder a substância, ou seja, o principal.

Sexualidade é um conceito fundamental na psicanálise, embora renegado a inúmeras incompreensões, devido à sua complexidade e à recusa do sexual pelos próprios psicanalistas. André Green (2000) – *As cadeias de Eros* – fez o que considero um resgate do sexual no âmago da teoria psicanalítica. Por isso, aproprio-me de suas definições esclarecedoras:

Se o prazer é identificado desde a primeira infância, é possível afirmar-se acerca da sexualidade que ela é o ‘prazer dos prazeres’ no sentido em que se disse que a proibição do incesto era a regra das regras. É, de facto, o elo que une sexualidade e prazer que forma o fundamento do sexual em psicanálise. (GREEN, 2000, p. 30)

Se a proibição do incesto é a *lei das leis*, e a sexualidade é o *prazer dos prazeres*, como escreve Green, não há nada no psiquismo humano que escape dessas duas grandes forças. Por mais longe que possamos estar, são apenas derivações daquilo que caracteriza o psiquismo, também em seus primórdios.

Dessa maneira, a sexualidade pode ser usada para fins de reparação, como predominantemente¹ descreveu Klein, apesar de, assim penso, não se restringir a essa função.

É a partir da referência de que a sexualidade está desde o início presente, e nunca deixa de estar – por mais distantes que aparentemente estejamos dela –, que

¹ KLEIN (1932) considera a motivação libidinal, mas dá maior ênfase aos impulsos sádicos e conseqüentes tentativas reparatórias: “... Com a fantasia inconsciente, a teoria das pulsões deslocou-se ainda mais para o segundo plano... porque as fantasias podem ser geradas, de maneira defensiva, reparativa e criativa, o aspecto quantitativo das pulsões se perdeu.” (HINSHELWOOD, 1992, p. 365).

podemos compreender as identificações entre mães e filhas dentro de um registro sensual. Tal articulação já se encontra presente em Freud (1921, p. 173):

A psicanálise, que ilumina as profundezas da vida mental, não tem dificuldade em demonstrar que os vínculos sexuais dos primeiros anos da infância também persistem, embora reprimidos e inconscientes. Ela nos dá coragem para afirmar que sentimento afetuoso, onde quer que o encontremos, constitui um sucessor de uma vinculação de objeto completamente 'sensual' com a pessoa em pauta ou, antes, como protótipo (ou Imago) dessa pessoa.¹

Para falar da psicosexualidade humana, Guignard (2002, p. 21) observa ser necessário falar das transformações dos instintos em pulsões, sendo a expressão primeira das pulsões – a fantasia, e particularmente as fantasias originárias. Considero importante explicitar essa colocação de Guignard, pois, assim me parece, essa psicanalista consegue usufruir com rigor, tanto do pensamento freudiano, quanto do pensamento kleiniano. Para ela, a sexualidade está presente desde o início, com toda a sua força pulsional², deixando suas marcas na psique-soma do *infans*. Guignard também reconhece a importância do legado kleiniano: o formidável investimento nos conteúdos do corpo materno, a situação edípica precoce, a *fase da feminilidade*, entre outros conceitos referendados por ela, e já expostos.

Termino esta articulação dos conceitos, apresentados para uma compreensão mais apurada da transmissão da feminilidade de mãe em filha, com a expectativa de que essa trama conceitual seja uma bússola, ainda que parcial, nesse diversificado universo³ teórico do feminino e da feminilidade.

Parto agora para reflexões nas quais predominam o registro da experiência do prazer (ou do desprazer) entre mãe e filha.

¹Devo essa referência ao cuidadoso trabalho de leitura dos textos freudianos sobre identificação no livro de Paulo de Carvalho Ribeiro (2000).

² Guignard (2005), *Intricação pulsional e funções do sadismo primário*, constrói a idéia de uma genealogia das pulsões. Inicialmente há a pulsão de vida e a pulsão de morte, a partir de uma primeira intricação, temos as pulsões sexuais.

³ Ressalto que a apresentação dos conceitos e seus respectivos autores não esgotam esse complexo universo.

PARTE - III

O PRAZER (OU O DESPRAZER) DE MÃE EM FILHA

A homossexualidade secundária nas mulheres heterossexuais e seus avatares

Em todos nós, no decorrer da vida, a libido oscila normalmente entre objetos masculinos e femininos... E uma medida muito considerável de homossexualismo latente ou inconsciente pode ser detectada em todas as pessoas normais.

(Freud, 1920)

Separo este item dos anteriores por uma questão de precisão conceitual. Apesar de McDougall (1997)¹ usar a expressão *desejos homossexuais primários*, a autora, na minha compreensão, refere-se predominantemente ao complexo de Édipo invertido, no qual a menina deseja a mãe em uma parceria erótica, tendo o pai como rival. Esse momento é posterior à secundarização da homossexualidade primária.

Segundo McDougall (1997, p. XII), “a expressão ‘libido homossexual’ designaria a parte dos impulsos libidinais que, na infância, está dirigida para o genitor de mesmo sexo”. Para crianças, de ambos os sexos, os desejos homossexuais têm um duplo objetivo, complementar e contraditório: possuir sexualmente o genitor de mesmo sexo e, ao mesmo tempo, ser o genitor do sexo oposto. Tais desejos existem em todas as crianças e permanecem no inconsciente dos adultos.

McDougall (1997) descreve a importância dos desejos homossexuais na mulher heterossexual. Diz que “... a monossexualidade é, para homens e mulheres, uma das principais feridas narcísicas da humanidade”, devido à bissexualidade psíquica. Desejamos, no inconsciente, ter tanto as capacidades femininas por identificação à mãe – gerar bebês, ter seios, ser sensual e ter os atrativos do corpo feminino –, quanto as masculinas, por identificação ao pai – potência, desempenho, valor social,

¹ MCDUGALL, J. Os componentes homossexuais da sexualidade feminina. In: *As múltiplas faces de Eros; uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. 1997.

para citar apenas algumas. A questão da inveja, originalmente do pênis, passa a pertencer aos dois sexos. O menino, e depois o homem, também invejam as capacidades de uma mulher; invejam a potência feminina. Além disso, os meninos (e homens) também sofrem de sua própria inveja do pênis, haja vista a comparação do tamanho do pênis/potência do pequeno Hans (Freud, 1909), em relação ao do pai e ao dos cavalos. A disputa de potência entre os homens talvez dispense exemplos.

A ligação homoerótica da menina com sua mãe é de difícil integração na construção da identidade feminina. McDougall (1997, p. XII) pergunta-se, acompanhando Freud: “Como é que ela (menina) se destaca da mãe e integra o profundo vínculo erótico que partilhavam? Onde é investido, na vida adulta, esse componente homossexual vital?” McDougall (1997, p. 15-16) levanta cinco possibilidades para a integração da constelação edipiana homossexual da menina. Considera, inclusive, o caráter idealista de tal proposição:

- A estabilização da auto-imagem – “a menina deixa de querer ter a mulher a fim de ser a mulher”.
- A intensificação do prazer erótico – “é no ato sexual que podemos recriar a ilusão de sermos dos dois sexos...”.
- A intensificação dos sentimentos maternos – “o relacionamento das mulheres com seus filhos é também um tesouro de riquezas homossexuais...”.
- O emprego criativo das identificações homossexuais.
- O enriquecimento das amizades do mesmo sexo.

Halberstadt-Freud (1988), psicanalista holandesa, vem corroborar a compreensão, para a mulher, da importância do vínculo homossexual com a mãe. Escreve que a menina está duplamente vinculada à sua mãe: por sua inicial relação objetal homossexual e pela identificação à mãe – pertencem ao mesmo gênero. A menina nasce e permanece sob o legado de um vínculo homoerótico (HALBERSTADT-FREUD, 1998), como também escreveu H. Deutsch (1944).

A heterossexualidade apresenta-se como secundária, uma vez que “as meninas permanecem ligadas às suas mães por toda a vida e podem em seus parceiros renovar o que tiveram, desejaram ou perderam com elas”

(HALBERSTADT-FREUD, 2001, 164). As meninas permanecem ligadas às mães e em suas fantasias inconscientes; continuam com seu objeto homossexual.

As idéias desenvolvidas por J. Godfrind, J. McDougall e Halberstadt-Freud colaboram com a compreensão da especificidade da trajetória feminina.

Sob o prisma da mãe, o fato de gestar um bebê do sexo feminino, e cuidar dele, reavivam, por um processo de identificação, sua própria trajetória bebê-menina-mulher. A experiência sensual da mãe, a liberdade (ou não) de sentir prazer com o corpo feminino da filha, constrói uma geografia sensual entre mãe e filha, que será desfrutada, na vida adulta, com um homem.

A heterossexualidade nas mulheres vem sempre acompanhada de uma intensa corrente homossexual subterrânea (HALBERSTADT-FREUD, 1998), originária do prazer (ou desprazer) vivido entre mãe e filha.

A experiência com um corpo feminino

O relacionamento entre mãe e filha é a base de todos os relacionamentos amorosos ao longo da vida. Através dos olhos e das mãos da mãe, a qualidade da intimidade e do carinho amoroso são transmitidos de geração a geração. O amor mãe-filha é também o início do amor heterossexual e do prazer sensual.

(KLOCKARS AND SIROLA, 2001)

A intenção deste item é pesquisar se há uma especificidade da experiência psíquica no que se refere a peculiaridades de um corpo feminino: as sensações características do órgão feminino e os possíveis destinos dessa vivência. Considerando que anatomia não é destino, mas faz história:

Contesta-se muito, atualmente, a paráfrase de Napoleão utilizada por Freud: 'a anatomia é o destino', insistindo-se com toda razão sobre o papel das fantasias que têm o poder de se libertar das formas

anatômicas para atingir o gozo. Mas não podemos esquecer, também, que a forma e a configuração do corpo, assim como a conformação dos órgãos sexuais, induzem fantasias. Viu-se raramente a metáfora do pênis evocar o vaso ou o recipiente e a da vagina encontrar na espada ou na faca uma comparação que se bastasse a si mesma. (GREEN, 1991 p. 103).¹

É a partir desta referência – das fantasias induzidas por corpos femininos – que as idéias apresentadas são conduzidas. A experiência com o corpo de mulher da mãe, e a dela (mãe) com o corpo de seu bebê do sexo feminino, fazem parte de uma geografia de prazer ou desprazer de mãe em filha.

O corpo da mãe é um universo a ser explorado, impulso de conhecer que gera sensações das mais variadas: o corpo da mãe, visto como o palco de todos os processos e desenvolvimentos sexuais (KLEIN, 1928).

Seguindo as observações de Klein, McDougall (1997) destaca haver diferenças de experiências corporais e suas representações psíquicas. Isso se deve à visibilidade do pênis – e conseqüente facilidade de representação mental –, e a invisibilidade da vagina e sua dificuldade de representação. O menino, por estar de posse visual e tátil de seu órgão, tem uma tranquilização narcísica, que somente virá para a menina na menarca, na presença dos seios e na promessa de gerar filhos.

Outra singularidade do órgão feminino é favorecer confusões zonais: “... a vagina está fadada a ser igualada, no inconsciente, ao ânus, à boca e à uretra e, portanto, é passível de partilhar tanto os investimentos libidinais sádicos e masoquistas, quanto as fantasias que essas zonas implicam” (McDOUGALL, 1997, p. 7). Justamente pela característica de seu órgão sexual, e, pelo fato de pertencer ao mesmo gênero da mãe, a menina parece estar mais suscetível aos significados inconscientes que ela (mãe) imprime a seu corpo feminino. A qualidade da experiência materna com o corpo feminino da filha é significativamente importante na construção da feminilidade nas mulheres: “as comunicações não verbais sensuais e, mais tarde, as comunicações verbais entre mães e filhas.”

¹ Em outro texto, Green escreve (1988, p. 120): “Um homem não pode gerar filhos; uma mulher não pode inseminar. Assim a anatomia realçaria o núcleo da realidade em torno do qual a fantasia é construída em direção à verdade mais profunda. Sob estas condições, a anatomia decidiria que direção as catexias deveriam tomar: para a descarga externa no menino, para a captação interna na menina. A idéia de destino sexual é uma que quase transcende o nível pessoal: não temos opções quanto a ele. Porém não nos impede de criar a fantasia de que podemos escolher nosso próprio destino sexual.”

(McDOUGALL, 1997, p.8). A autora destaca que as confusões de sensações – clitorianas, uretrais e vaginais – têm importantes repercussões na sexualidade de uma mulher.

Doris Bernstein (1998) aproxima-se das mesmas observações feitas por McDougall (1997), investigando o papel da experiência corporal no desenvolvimento psíquico da menina. Sua tese é:

...a tarefa de integração da genitália do indivíduo em sua imagem corporal interage com outras tarefas de desenvolvimento, e algumas das angústias que a menina experimenta, nessa época, são resultados de suas lutas com a própria experiência corporal. (BERNSTEIN, 1993, p. 197)

Qual é o impacto de um corpo feminino? Bernstein (1998) baliza-se por essa questão, descrevendo três angústias genitais femininas inter-relacionadas:

- Angústia de acesso: a menina não tem acesso visual ao próprio genital, o acesso é tátil, sempre sexualizado.
- Angústia de penetração: a vagina é uma abertura corporal onde não há controle, como na boca e no ânus; dessa forma, outras aberturas podem ser envolvidas no esforço para dominar¹ o genital.
- Angústia de difusão: a genitália feminina é de natureza difusa; ao ser tocada, há difusão de sensações e estímulos para outras áreas – anal e uretral.

Bernstein (1998) considera que a natureza desconcentrada do órgão sexual feminino traz complicações para a menina; dificuldades de formar representações mentais de seu corpo com fronteiras e definições claras. Essa autora considera que a tarefa da mulher é compreender, integrar e localizar algo que está além da visão, toque, foco e controle. A menina precisa de sua mãe para conhecer seu genital, e para auxiliá-la a definir sensações difusas. Na adolescência, a menina necessita da mãe para ajudá-la a dominar suas angústias genitais. E, ao mesmo tempo, o impulso

¹A autora usa “... a expressão ‘modos de domínio’ para descrever o empenho e a integração das tarefas de desenvolvimento”. (BERNSTEIN, 1993 p. 215)

natural do desenvolvimento exige um afastamento, ou seja, as batalhas entre mães e filhas são inerentes aos conflitos da transformação da menina em mulher.

Bernstein (1998, p. 208) conclui: “... a ambivalência e intensidade das batalhas entre mãe e filha, a união e as brigas, são alimentadas por várias fontes, muito antes que surja a rivalidade com o pai.”

McDougall (1997, p. 8) diz: o que traz ainda mais dificuldades entre mães e filhas são os castigos fantasiados pela menina devido a seus devaneios eróticos de tomar o lugar da mãe. A destruição do interior de seu corpo — seus bebês imaginários e a capacidade de tê-los — , e, também, a própria morte seria um castigo. Uma paciente relatou-me o seguinte sonho que ilustra essa questão:

Estou deitada no sofá da sala com meu namorado; está frio, levanto e vou pegar um cobertor no armário do corredor. Quando fecho a porta do armário, minha mãe está lá com o uniforme do exército do meu avô (ele foi para a guerra). Parecia um filme de terror. Fico aterrorizada e volto para a sala; quem está lá agora é minha irmã. Ela ainda não tinha visto minha mãe; ela vai ao corredor e também leva um susto. Será que a nossa mãe enlouqueceu? De repente minha mãe está com uma faca e esfaqueia a barriga da minha irmã. Acordo tremendo de frio.

A mãe vestida com o uniforme do exército (do avô) é uma imagem sugestiva do que Klein (1928 e 1932) escreveu sobre a fantasia da figura combinada dos pais¹, ou do pênis dentro da mãe. Dizendo de outra forma, ilustra a mãe onipotente que contém tanto as qualidades femininas, quanto as masculinas; é homem e mulher ao mesmo tempo. Ter a barriga esfaqueada pela mãe onipotente é a angústia feminina por excelência; ter o ventre destruído por uma mãe má que não aceita o prazer da filha com o pai (o terceiro) ou o seu sucessor, o namorado.

Podemos pensar que a experiência prazerosa, ou não, com um corpo feminino, passa por um amálgama das fantasias inconscientes entre mãe e filha, sobre o desfrutar do prazer de ser mulher. Se há inibições no usufruir um corpo feminino por parte da mãe, essa imprimirá ao corpo de sua filha uma geografia de vergonha e desprazer por ser mulher.

¹ “A fantasia combinada dos pais é a de que os pais ou, antes, seus órgãos sexuais, acham-se entrelaçados em permanente relação sexual. É a fantasia mais antiga e primitiva da situação edipiana” (HINSHELWOOD, 1991, p. 338).

A dificuldade ou impossibilidade de uma mulher sentir-se amada por um homem – decorrente da insuficiência amorosa entre mãe e filha – é elucidada, a seguir, pela análise do filme *Sonata de outono*. O filme revela o desejo, expresso ou não, por muitas mulheres, da mútua apreciação entre mães e filhas. Essa revelação, no filme, se dá pelo fracasso, ou seja, quando a filha não se sente amada na relação com a mãe, isso a incapacita para outras relações amorosas ao longo da vida.

***Sonata de Outono*¹, a insustentável nostalgia da mãe**

Um filme de arte, como uma obra aberta², permite sempre leituras distintas, únicas e talvez inesgotáveis. *Sonata de Outono* é considerado por muitos – sejam psicanalistas ou não – um clássico quando se fala na relação entre mães e filhas. Tem sido, então, objeto de reflexão para autores³ interessados no tema. Entrementes, a plasticidade do olhar é um trunfo também pertinente ao psicanalista, por possibilitar liberdade de interpretação para um filme de tal envergadura. Em outras palavras, é possível vértices de compreensão diversos e ainda não explicitados por aqueles que também se dedicaram a análise do filme.

Ao usar o termo nostalgia no título desta parte do meu trabalho, tento designar algo que não aconteceu no passado, não acontece no presente, porém é sempre desejado. A nostalgia do prazer corporal e psíquico, da mútua apreciação entre mãe e filha, é algo compartilhado entre as mulheres. Contudo, a precariedade desse prazer – quando a impossibilidade de um encontro minimamente satisfatório

¹ Roteiro e direção do sueco Ingmar Bergman (1978), com Ingrid Bergman representando a mãe Charlotte e Liv Ullman, a filha Eva.

² “... uma obra de arte, forma acabada e fechada em sua perfeição de organismo perfeitamente calibrado, é também aberta, isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isto redunde em alteração de sua irreproduzível singularidade. Cada fruição é, assim, uma interpretação e uma execução, pois em cada fruição a obra revive numa perspectiva original” (ECO, 1968, p. 40).

³ Cito dois livros nos quais o filme é objeto de reflexão: *Mães-filhas, uma relação a três* (ELIACHEFF & HEINICH, 2004) e *A relação mãe & filha* (ZALCBURG, 2003). Localizei, também, uma dissertação de mestrado: *A concepção de melancolia em Freud e Stein: uma interpretação sobre Eva, personagem de Sonata de Outono, de Bergman* (MOREIRA, A.C.G., Psicologia Clínica, PUC-SP, 1992). Há, ainda, o texto *A filha “não suficientemente boa”* (ALONSO, 2008).

prevalece — pode ser desorganizadora da feminilidade na trajetória de menina à mulher. No entanto, mesmo quando há encontros — os possíveis —, esses são também da ordem da nostalgia, pois nunca será o sonhado, e, quanto mais precário ou insatisfatório, mais ardentemente desejado é o encontro com a mãe. Essa é a leitura específica que faço do filme *Sonata de Outono*; a análise dessa obra contemporânea objetiva iluminar a teoria já desenvolvida neste trabalho¹. Godfrind (1994) será o principal interlocutor teórico para a compreensão da relação mãe e filha no filme. Destacamos, novamente, que a constituição da feminilidade e do eu estão intrinsecamente amalgamados — um eu feminino — como mostra o filme.

A primeira cena já expressa a dor da precariedade do eu, decorrente de um encontro restrito entre mãe e filha. O marido — Viktor — lê este trecho escrito em um livro, cuja autoria é da esposa³:

Viktor (texto escrito de Eva): É preciso aprender a viver. Eu pratico todo dia. Meu maior obstáculo é não saber quem eu sou. Eu tato cegamente. Se alguém me ama como sou posso ter finalmente a coragem de olhar para mim mesma. Essa possibilidade é pouco viável.

Viktor comenta:

-Gostaria de dizer que é amada plenamente, mas não consigo dizer de uma maneira que acredite em mim. Não encontro as palavras certas.

A dificuldade do marido em acessar e reparar os sentimentos amorosos de Eva — sentir-se amada —, decorrentes de uma experiência amorosa insuficiente com a mãe, evidencia-se na frase de Viktor. É ele (Victor) quem relata a história, como um observador que pouco pode intervir, da mesma forma que o pai de Eva, que a consolava quando a mãe partia para suas turnês como pianista. Ser amada parece

¹Apenas algumas cenas do filme serão abordadas e não o filme na sua íntegra.

³ As falas citadas foram copiadas da legenda em português do filme, tradução de Diran Copelle. Fiz esta escolha, neste item, pelo fato de que as expressões usadas na tradução das legendas contêm pequenas variações, no entanto as considero significativas, do roteiro escrito por Begman e traduzido por Jaime Bernardes, Ed. Nórdica, 1988. Quando uso o texto roteiro, principalmente no item *Sonata de outono: um olhar masculino*, faço a referência ao livro.

significar ser apreciada e vista pela mãe; *essa possibilidade é pouco viável* diante de uma sucessão familiar mãe-filha, na qual há falhas (ou melhor, fendas) quanto à sofisticada, elaborada e edípica capacidade de amar.

Seguindo, vemos uma cena em que a filha, após sete anos sem ver a mãe, envia um convite a ela para passar uma temporada em sua casa: *vamos mimar você, mamãe*. A expressão denota inversão – quem é a filha quem é a mãe? A filha precisa mimar a mãe para que tenha a possibilidade de ser mimada. Assim, parece ser necessário a ela (filha), reparar a mãe para que tenha condições de ser mãe. O convite é feito em um momento de luto da mãe: acabara de perder seu segundo marido. Teria sido essa uma situação favorável a um encontro? Afinal a filha estava hospedando a mãe enlutada.

Ao longo do filme, Bergman revela que o luto é mútuo: Eva havia perdido seu filho (afogado) quando ele estava com quatro anos. A avó não esteve presente nem no nascimento, nem em sua breve vida, tampouco na morte do neto.

A ansiedade da chegada, para ambas, é intensa. A mãe que corre com o carro e a filha que desce as escadas correndo: expectativa vinculada ao encontro nostalgicamente sonhado, nunca vivido e fadado ao fracasso:

Charlotte: - Por que eu estava com tanta pressa de chegar aqui. O que eu estava esperando? O que desejava tão desesperadamente?

Eva: - Por que então ela veio? O que ela esperava de um encontro depois de sete anos? E o que eu esperava? Será que a esperança da gente nunca morre? Sempre mãe e filha!

A decepção é imediata. Quanto mais frustrante em suas demandas amorosas é a relação mãe-filha, mais idilicamente ela é sonhada, tanto pela filha quanto pela mãe. A mãe deseja resgatar na filha, o desamor que viveu com sua própria mãe – demanda impossível. Godfrind (1994) escreve que, nesses casos, a demanda de amor, da mãe, é percebida como totalmente vampírica; e a filha pode se defender por meio de um ódio protetor.

Após o primeiro encontro ansioso da mãe e da filha, as cenas que se seguem mostram a intensa ambiguidade de sentimentos: ambas esperando ser

compreendidas e vistas. Bergman vai revelando de maneira sutil os aspectos dramáticos da história, acrescentando fatos dolorosos, um a um. Eva comenta com sua mãe que a irmã (Helena) está na casa. Charlotte desespera-se e diz que não está preparada para encontrá-la. A irmã tem uma doença que paralisa os músculos gradativamente. Seria uma paralisia histérica? O filme não revela, mas a sugere, já que a paralisação se dá após a mãe ter se interessado pelo homem por quem a filha se apaixonara.

É importante trazer esse dado da trama para refletirmos sobre a impossibilidade de constituir-se corporal e psiquicamente – como um “eu feminino” – diante da “falha” materna, ou dizendo de outra maneira, ante uma mãe que não teve condições de ser minimamente suficiente. Quem cuida da irmã é Eva, que é também “mãe” da irmã mais nova. Eva vai traduzindo a irmã para a mãe, já que Charlotte não consegue entender o que Helena diz.

Durante o primeiro jantar da estada, Eva mostra o piano e a convida a tocar. Charlotte inverte o convite e comenta que gostaria de ouvir a filha. As expressões faciais das duas atrizes, captadas pela câmera de Bergman, dizem tudo sem que uma palavra seja pronunciada: a decepção e a reprovação da mãe; a tristeza e a vergonha da filha. Halberstat-Freud (2001, p. 146) escreve: “Uma mãe insatisfeita narcisicamente pode facilmente fazer surgir uma experiência traumática em sua filha. A menina, ansiando pelo amor e admiração da mãe, pode sentir-se uma falha que ela atribui a si mesma mais do que à mãe. Pode sentir, por exemplo, que ‘devia ter sido um menino’ – isto é, um objeto heterossexual – de maneira a satisfazer os desejos da mãe.”.

Após a sequência de um jantar emocionalmente denso, o filme apresenta a mãe tendo um pesadelo, no qual alguém com mãos femininas começa a acariciar suas mãos, abordando-a por cima de seu corpo, como se fosse iniciar uma relação sexual. Penso que esse pesadelo possa ser compreendido como o desejo e o horror do contato prazeroso (físico e psíquico) entre mãe e filha. Essa possibilidade – de um contato prazeroso – é violentamente recusada por Charlotte, provavelmente por não ter recursos psíquicos para sustentar um encontro satisfatório com a filha. Quando está só, em seu quarto, antes de dormir (parece ser este o resto diurno), Charlotte lembra-se do contato corporal com a filha Helena com três anos, e comenta: *aquele corpo macio e atormentado*. Um corpo que clama por ser amado

pela mãe, e justamente pela impossibilidade de que isso aconteça, um corpo que se paralisa. Essa cena parece ser uma ilustração para o que foi nomeado *homossexualidade primária*. Ou, utilizando outro conceito trabalhado, o sonho de Charlotte ilustra o que poderíamos entender como uma apresentação erótica da *identificação feminina primária* nas mulheres.

No roteiro publicado (BERGMAN, 1988, p. 71), a referência a Helena – filha paralisada – como aquela que se joga em cima da mãe, no sonho, é explícita. No filme, a presença de Helena é apenas sugerida pela mão feminina.

Charlotte acorda assustada com a imagem onírica e com a sensação provocada nela. Levanta-se e dirige-se à sala. A filha ouve os passos da mãe e vai ao seu encontro. Depois de um breve diálogo superficial, Charlotte pergunta à filha: - *Você gosta de mim?* Ao que a filha responde: - *Você é minha mãe.* Charlotte: - *É uma maneira de responder.*

Esse diálogo segue o pesadelo. Podemos refletir que essa associação seja uma confirmação, em palavras, do que penso estar representado na cena onírica: o desejo da mútua apreciação entre mãe e filha, e o terror que isso pode representar quando não é uma situação possível de ser sustentada, mesmo que minimamente, como no caso de Helena. Em outras palavras, para se constituir como um “eu feminino”¹ é preciso uma experiência mínima, mas suficiente, de apreciação entre a mãe e a filha.

Em razão dos anos sufocados pelo silêncio e pelo desencontro – e com a colaboração de um *drink* –, Eva começa a desabafar com a mãe.

O tom da conversa é de acerto de contas. O que é dito por Eva para a mãe é de uma expressividade ímpar²:

Eva: - Te amei, mamãe. Era uma questão de vida ou morte. Mas não confiava nas suas palavras, não combinavam com seu olhar. Você tem uma linda voz. Quando pequena eu a sentia no meu corpo inteiro. Mas instintivamente eu sabia que você não estava expressando seus sentimentos. Eu não entendia suas palavras. A coisa mais horrível era quando você estava com raiva e sorria, quando você estava cansada de mim e me chamava: minha querida filhinha.

¹ Mesmo que esse “eu feminino” se constitua de forma frágil e sintomática, como no caso de Helena.

² Ênfase que o roteiro foi escrito por um homem sensível à experiência feminina – Bergman.

Essa fala expressa sentimentos intensos entre mãe e filha: sentir a voz da mãe ecoando no corpo; amar a mãe como uma questão de vida ou morte; contradizer o sentido de suas palavras por meio do olhar – o duplo sentido que enlouquece, tendo como uma das suas consequências, a impossibilidade de confiar no objeto primário.

Eva: - Nada da minha verdadeira personalidade podia ser aceita ou amada. Não tinha coragem de ser eu mesma, mesmo quando estava sozinha, por que eu tinha ódio do que eu era. Ainda fico trêmula quando penso naqueles anos.

A inautenticidade do amor da mãe parece gerar na filha sensações de ódio e desespero em relação a si mesma. O olhar da mãe é internalizado e passa a ser representado por um objeto interno que odeia o próprio eu e seus aspectos femininos.

Eva: - Não me toquei que tinha ódio de você, pois estava certa que nós nos amávamos. Por não poder odiá-la, meu ódio se transformou num medo insano.

O apego à mãe pode ser um contra-investimento do ódio, e o ódio pode encobrir um amor passional à mãe (Godfrind, 1994). Dizendo de outra maneira, tanto o ódio quanto a proximidade idílica podem encobrir um amor violento à mãe. Godfrind (1994) descreve como um *pacto negro*, a transmissão de uma feminilidade mortífera entre mãe e filha: encoberto pelo ódio, há um amor nostálgico e violento.

Podemos entrever na frase da filha, tanto o amor idílico como o ódio: - *Não me toquei que tinha ódio de você, pois estava certa que nós nos amávamos.*

As pacientes que exemplificam o *pacto negro*, segundo Godfrind (1994), descrevem terem convivido com mães imaturas, deprimidas, imprevisíveis, irresponsáveis ou francamente psicóticas. Nessas mulheres, o ódio à mãe pode tomar proporções terríveis, mesmo que encoberto na infância e adolescência, por um contra-investimento que evoca uma proximidade idílica:

Eva: - Eu a amei, mas você me considerava repugnante, burra e um fracasso. Você conseguiu me prejudicar pelo resto da vida, assim como você foi prejudicada. Você atacou tudo que era sensível e frágil.

As perdas parecem percorrer gerações de mães e filhas. A mãe atacou, na filha e nela mesma, tudo o que era sensível e frágil. Podemos imaginar que, o fizesse, talvez, para estruturar-se como pessoa, mesmo que de forma precária. A maternidade poderia ter sido uma oportunidade para Charlotte entrar em contato com o que foi traumático na sua própria história. No entanto, esse não foi um caminho de elaboração possível para ela, apesar de ter se encantado com sua pequena e amorosa menina. O amor de Charlotte pela filha parece ser engolfante e vampírico. O ódio (tanto da mãe, quanto da filha, em diferentes momentos) parece ser uma proteção a esse amor passional (Godfrind, 1994):

Eva: - Você fala do meu ódio. O seu ódio não era menor, seu ódio não é menor. Eu era pequena, maleável e carinhosa. Você se amarrou em mim porque quis o meu amor, assim como o amor de todos. Eu estava totalmente à sua disposição. Tudo foi feito em nome do amor. Pessoas como você são uma ameaça. Deveriam ser internadas e tornadas inócuas.

Godfrind (1994) levanta a hipótese de que, atrás do ódio, há um amor passional pela mãe – amor nostálgico e violento. Esse amor violento, pelo risco da perda do “si mesmo”, provoca um recalçamento do amor à mãe e recorre a um ódio protetor. Charlotte também deseja ardentemente reencontrar o amor da sua mãe, na filha. Diante dessa demanda engolfante (e alienante), o ódio pode ser um instrumento de distanciamento seguro, mesmo que a um custo alto. Godfrind (1994) diz que o perigo em abandonar esse ódio salvador é de desintegração psíquica.

Eva: - Uma mãe e uma filha que terrível combinação de sentimentos, confusões e destruições. Tudo é possível e é feito em nome do amor e da solicitude.

As injúrias da mãe são passadas à filha. As falhas da mãe são pagas pela filha. A infelicidade da mãe é a infelicidade da filha. É como se o cordão umbilical nunca tivesse sido cortado. Mamãe será que é isso?

Será que a desventura da filha é o triunfo da mãe? Mamãe, minha desgraça é seu prazer secreto?

O ódio, o prazer na desgraça da filha, parece ser uma proteção ao amor passional por Eva. A filha (Eva) pode ser experienciada inconscientemente como duplo da mãe de Charlotte. Ou seja, os lugares e as gerações invertem-se: a filha transforma-se na mãe da mãe. Isso fica mais claro na seguinte fala de Charlotte: - *Acho que queria que você cuidasse de mim, me abraçasse e me consolasse. Eu era a criança.* A relação com a filha desperta o que não foi vivido com a própria mãe (avó de Eva), e essa demanda insaciável e impossível pode ser desestruturante, ou propiciadora de uma organização psíquica frágil e/ou falsa:

Charlotte: - Lembro pouco da minha infância. Não me lembro de meus pais terem me tocado, nem por carícias, nem por castigo. Eu ignorava qualquer coisa relacionada ao amor, ternura, toques, calor. Apenas através da música pude demonstrar meus sentimentos.

Charlotte apegou-se à música como único reduto no qual parecia ser possível, de forma protegida, ter algum contato com seus sentimentos. Na música ela podia inspirar-se. No entanto, por contraposição, na relação com sua família, especialmente com suas filhas, predominava um ódio protetor e um distanciamento psíquico. Essas proteções – barreiras de ódio – pareciam trazer alguma segurança para uma mãe frágil psiquicamente:

Charlotte: - Às vezes, quando fico acordada à noite, me questiono se realmente tenho vivido. Será que é assim para todo mundo? Acho que queria que você cuidasse de mim, me abraçasse e me consolasse. Eu era a criança. Ou será que algumas pessoas têm mais talento do que outras para viver? Ou será que há pessoas que nunca vivem, simplesmente existem. Então, o medo me pega e vejo um retrato horrível de mim mesma. Eu nunca amadureci. Meu rosto e meu corpo envelheceram, adquiri memórias e experiências, mas por dentro, nunca nasci. Não me lembro de nenhum rosto, nem o meu próprio. Às vezes tento lembrar o rosto de minha mãe, mas não enxergo. Sei que era alta, morena, tinha olhos azuis, um nariz grande e lábios grossos. Mas não consigo juntar os pedaços. Não consigo vê-la. Do mesmo jeito, não consigo ver seu rosto ou de Helena ou de Leonardo. Lembro-me quando dei à luz a você e a sua irmã, mas a única coisa que sei da concepção é que dói. Mas como era a dor? Não me lembro. Leonardo disse uma vez: o sentido da realidade é

uma questão de talento. Para a memória das pessoas falta esse talento e talvez seja melhor assim.

Godfrind (1994) escreve que o trabalho de análise – com pacientes que constituíram um *pacto negro* com suas mães – leva ao contato com a fragilidade e os limites da mãe “real”, e que esse reconhecimento por parte da filha nem sempre é suportável. Essa dificuldade de reconhecer e aceitar a fragilidade psíquica da mãe pode ser um impedimento para a continuidade da análise.

Charlotte: - Sempre tive medo de você, não compreendo isso. Acho que queria que você cuidasse de mim. Eu era a criança. Vi que você me amava e eu queria amar você, mas tinha medo de suas exigências. Não quis ser sua mãe, queria que você soubesse que eu era tão indefesa quanto você.

Eva: - Isso é a verdade?

A filha precisa separar-se da mãe – desidentificar-se. Caso isso não aconteça, sua existência fica em função de reparar a mãe. O processo de análise é uma chance de romper a transmissão de uma *feminilidade mortífera* – o *pacto negro* (Godfrind, 1994, p. 145).

Muitas vezes, porém, deixar que a esperança arrefeça parece não ser possível. Como se desligar do que precariamente aconteceu? Será este um luto passível de elaboração ao longo da vida? Bergman insinua, no final do filme, que a esperança é abalada, mas não deixa de exercer seus efeitos nefastos e benignos. A esperança de um dia sentir-se amada pela mãe pode estar sustentando todo o edifício psíquico, mesmo que de forma precária e a um preço de ouro – a própria vida, no que se refere à realização pessoal.

Eva: - Querida mamãe, percebi que fui injusta com você. Fiz exigências a você, ao invés de carinho. Atormentei-te com ódio velho e amargo que não é mais realidade. Quero pedir seu perdão. Não sei se você vai receber esta carta, nem sei se vai ler esta carta. Talvez seja tarde demais, mas espero que minha descoberta não tenha sido em vão. Afinal existe algum tipo de misericórdia. Refiro-me à oportunidade de cuidar uma do outra, de ajudar e de mostrar amor. Nunca vou deixar você sair da minha vida de novo. Vou persistir, não vou desistir, mesmo que seja tarde demais. Não acho que seja tarde demais, não pode ser tarde demais.

A possibilidade de perdoar a mãe, de perceber que a mãe também foi prejudicada é possível diante da experiência e da identificação com outra mulher – a analista. Aceitar as qualidades psíquicas da analista é fazer o luto pela mãe que não se teve, assim como, evidenciar e aceitar as falhas maternas. Processo nem sempre possível, e, talvez, uma *pedra no caminho* das análises entre mulheres.

Seria o filme a descrição intimista de um processo analítico? Podemos especular que esses diálogos poderiam fazer parte da busca pela verdade emocional, intenção presente em uma análise, verdade específica a cada um – “o sentimento da verdade é uma marca de talento.” (Bergman, 1988, p. 103). Será necessário o outono da maturidade para que situações dolorosas possam ser revisitadas? As pacientes descritas por Godfrind (1994) são mulheres maduras, profissionais, algumas já casadas e com filhos. Eva diz que fez o convite à mãe porque achou que estaria adulta e madura o suficiente para abrir a porta da infância. Entretanto “suas esperanças eram grandes demais,” (Bergman, 1988, p. 123).

Ao final, fica a nostalgia..., do que poderia ter sido, mas não foi; do que nunca foi, nem nunca será.

PARTE – IV

No horizonte da díade mãe-filha: o terceiro

Sonata de outono: um olhar masculino

Retomo um dado simples, mas extremamente importante: *Sonata de outono* é um texto-roteiro escrito¹ por um homem – Bergman (1988) –, e também, um filme. Bergman relata, acompanha e divide sua perplexidade com maestria e sensibilidade, diante dessa “terrível combinação de sentimentos entre uma mãe e uma filha.”

É esse olhar masculino, capaz de relevar um universo próprio ao feminino, que coloco em evidência neste item. A competência de Bergman – nomear e transformar em uma obra de arte, um conflito característico do feminino – deve ser fruto da capacidade de integração de suas identificações: tanto masculinas, quanto femininas; ou seja, ele é hábil o suficiente para transitar por universos interligados, no entanto, distintos.

É o marido de Eva – Viktor – aquele que narra a dor entre a mãe e a filha. Na abertura do filme, como já descrito, Viktor fala de maneira angustiada da sua impossibilidade de encontrar as palavras certas e críveis para dizer que Eva é amada. A possibilidade de ela sentir-se amada vai se revelando como um repertório ausente. Seria “como procurar na escuridão” (BERGMAN, 1988, p.12), uma língua que se aprende com o objeto primário.

É Viktor que atentamente ouve sua esposa ler a carta que vai enviar à mãe. Eva parece buscar que sua adequação seja confirmada. É ele que escuta as

¹ Como o item anterior – *Sonata de outono, a insustentável nostalgia da mãe* – contempla, predominantemente, as falas e cenas do filme, neste utilizo o livro-roteiro.

confidências dela sobre a constatação do muro narcísico intransponível, assim parece, entre Eva e a mãe:

Eva: Mãe estranha e incompreensível está aí, sem dúvida! (...) Acho que minha mãe é totalmente fria, não tem sentimentos.

(...)

Eva: Será que a gente nunca vai deixar de ser mãe e filha?

Viktor: São poucas as que conseguem sê-lo. (BERGMAN, 1988, p. 37).

É um comentário sem dúvida intrigante: não é possível deixar de ser, e, paradoxalmente, são poucas as que conseguem ser mãe e filha. Isso me leva a pensar em uma relação que se inclina ao estranho lugar de não poder deixar de ser e não poder ser: uma tensão paradoxal com poucas chances de desenlace para algumas mães e filhas.

Viktor entra em cena com pontuais intermediações apaziguadoras da potencialidade explosiva do relacionamento de Eva e Charlotte. A cena – na qual as duas tocam os prelúdios de Chopin – termina com os ânimos exaltados:

Viktor: Achei a análise de Charlotte simplesmente sedutora, mas a interpretação de Eva mais atraente. (BERGMAN, 1988, p.52)

Ele habilmente elogia, valoriza as duas, e não uma em detrimento da outra.

A semelhança entre Viktor e Josef (pai de Eva) é explicitada no seguinte comentário sarcástico da mãe:

Charlotte: É um homem triste, o Viktor, arrepiantemente parecido com Josef, embora mais insignificante... Vivem enchendo a paciência um do outro, certamente! (BERGMAN, 1988, p.71).

Eva descreve o pai como alguém submisso à mãe; relata que o consolava dizendo que a mãe ainda o amava. Tanto o pai quanto a filha idealizavam a mãe, suas viagens e concertos em vários países:

Eva: Nós ficávamos ali sentados, feitos dois imponentes idiotas, lendo suas cartas duas, três vezes, e achando que não podia existir pessoa mais maravilhosa do que você. (BERGMAN, 1988, p. 76).

Charlotte, assim me parece, estruturou-se psiquicamente por meio de uma armadura narcísica quase intransponível; apenas a idealização favorece fragilmente seus vínculos.

Eva (diz para a mãe):...eu te amava e vivia permanentemente convencida de que você tinha razão e eu estava errada. (BERGMAN, 1988, p. 91).

O pai estava constantemente presente na infância de Eva. Filha e pai consolavam-se pela ausência da mãe – de ambos, podemos especular. Talvez o pai de Eva se identificasse com o sofrimento da filha, pela ausência da mãe, ou seja, ele mesmo teria como referência materna uma ausência impregnada de idealização.

A criança está exposta à maneira como o casal parental se relaciona – conscientemente e inconscientemente –, contexto emocional materno e paterno no qual está completamente submersa¹:

Eva: Tenho pensado tanto em vocês nos últimos tempos, mas a vida em comum de vocês permanece para mim um enigma. (BERGMAN, 1988, p. 84).

Viktor e Josef se assemelham, pois ambos consolam Eva em sua dor de não se sentir reconhecida e compreendida pela mãe. Eva descreve o modo como o pai a consolava após a partida da mãe para uma turnê:

Eva: E então eu chorava nos joelhos de papai e ele ficava completamente imóvel com a sua mão pequena e macia, na minha cabeça. (...) Papai e eu compartilhávamos a solidão muito bem. Na verdade, não tínhamos muito a dizer um ao outro. Mas tudo era tranquilidade perto dele. (BERGMAN, 1988, p. 82).

¹ Isso se refere à bissexualidade psíquica do casal parental, conceito que será discutido no próximo item.

A distinção mais evidente não está entre Viktor e Josef (marido e pai), mas nas características dos casais pertencentes a gerações diversas. Viktor e Eva são amigos confidentes; respeitam e tratam um ao outro com cuidado e carinho: “Viktor é meu melhor amigo. Não sei como seria a minha vida sem ele.” (BERGMAN, 1988, p. 63). Já no casal formado por Charlotte e Josef (pais de Eva), essas características não parecem estar presentes, mas, sim, a idealização e a submissão.

Viktor está sempre atento a Eva, observando a sutileza de seus estados mentais:

Viktor: Às vezes fico aqui parado olhando pra minha mulher sem que ela se aperceba da minha presença. Ela tem sofrido muito, muito mesmo. (BERGMAN, 1988, p. 125).

Viktor parece aguardar, com esperança reservada, o momento no qual ele a terá integralmente: instante no qual ele encontrará as palavras certas para dizer o quanto a ama. Mas Eva, de maneira diversa da mãe, também está inacessível para sentir-se amada e amar:

Eva: Eu disse a Viktor que não o amava. Você finge que ama. Essa é a diferença. (BERGMAN, 1988, p. 74).

Aqui se evidencia o impedimento: provavelmente não seja uma questão de encontrar as palavras certas, mas talvez um território que tende a ser mais característico do objeto primário¹. Expressando de outra forma, será que quando existe uma lacuna tão profunda na constituição psíquica, devida, principalmente, a uma insuficiência na relação inicial com a mãe, seja possível acessar esse território arcaico e abandonado à escuridão? O filme não parece otimista em relação a essa questão; ela permanece aberta para que o espectador ou leitor siga o rumo de seus próprios pensamentos.

Josef parece ter sido um pai acolhedor e companheiro. No entanto, é alguém impossibilitado de amar e de se sentir amado. A filha (Eva) era quem o consolava

¹ O estatuto psíquico do pai como objeto e da mãe são diversos, discussão que será feita nos itens seguintes.

em relação ao desamor da mãe. Ambos não se sentiam amados por Charlotte, e se confortavam mutuamente.

As características de conforto e acolhimento também estão presentes no casamento de Eva, assim como a impossibilidade de amar. Podemos especular que o relacionamento de Eva com Viktor é – considerando o doloroso limite da impossibilidade de sentir-se amado/amada – suficientemente satisfatório enquanto parceria possível entre os dois.

Viktor diz que Eva é amada, mas não consegue encontrar as palavras certas para dizê-lo. Eva clama por alguém que a ame como ela é; talvez consiga encontrar-se, ao sentir-se amada. O impasse está posto.

Prossigo com a discussão teórica de duas questões aludidas aqui: a primeira é a bissexualidade psíquica do casal parental e suas marcas identificatórias no psiquismo infantil, transpondo gerações. Com outras palavras: a experiência afetiva de Eva com o casal parental, e a decorrente constituição de uma trama identificatória, que faz parte tanto da constituição de um eu feminino, quanto da escolha amorosa feita na vida adulta. A segunda, interligada à primeira, é o estatuto diverso do pai como objeto e da mãe como objeto – discussão feita no item *O pai no olhar da mãe*.

Bissexualidade psíquica: conceito à vista

(...) a bissexualidade! Com relação a esta questão você provavelmente tem razão. Eu também estou me habituando a considerar todo ato sexual com um processo entre quatro indivíduos.

(Freud, carta 113(a Fliess), 1899)

Considero que não se deve fazer teorias – elas devem cair de improviso em sua casa, como hóspedes que não foram convidados, enquanto você está ocupado examinando detalhes...

(Freud, carta a Ferenczi, 1915)

Para criar ‘filhos’ artísticos ou intelectuais, a pessoa deve assumir seu direito de ser tanto o ventre fértil quanto o pênis fertilizador.

(J. McDougall, 1997)

Quando construímos uma casa, há uma série de adaptações e modificações do projeto original. Não é incomum a experiência de surgirem, a partir da realização da obra, espaços que não foram projetados, mas que se impõem; inevitavelmente é preciso considerá-los. O conceito de bissexualidade parece ter esse estatuto: um espaço psíquico a ser mais detidamente refletido a partir de algumas especificidades.

O termo bissexualidade já está presente neste texto, no que se refere à vertente da identificação da filha com a mãe, no vínculo sensual entre mãe e filha e na duplicidade – positivo (heterossexual) e negativo (homossexual) – do complexo de Édipo. Contudo, ainda não há um espaço de reflexão que aborde a questão da integração¹, ou não, da bissexualidade psíquica no psiquismo, com seus indissociáveis e dialéticos vértices: a feminilidade e a masculinidade. Sendo assim, privilegio, nesta vista ao conceito, o aspecto identificatório bissexual da criança em relação ao casal parental, sua importância na construção da psicosexualidade².

¹ Considerando que toda integração psíquica é sempre parcial.

² Não pertencendo à delimitação desta discussão: a questão do inato ou constitucional, e as controvérsias entre o biológico e o psíquico. Faço essa escolha devido à amplitude desses dois aspectos que me levariam a percorrer outras cearas.

Como já dito¹, o conceito de bissexualidade é fruto do encontro e do desencontro entre Freud e Fliess. Alguns fatores históricos parecem favorecer a obscuridade na qual permaneceu. Provavelmente Fliess tenha falado sobre a bissexualidade com seu então amigo Freud, pela primeira vez, em 1897 (Nuremberg). Em 1900, a amizade já estava estremecida por divergências; mesmo assim, um ano depois, Freud propõe a Fliess um artigo para ser escrito pelos dois, que poderia se chamar: *A bissexualidade humana*. Fliess ficaria com a parte anatômica e biológica; Freud escreveria sobre os aspectos psíquicos. O artigo, evidentemente, não foi escrito².

Apesar de o termo aparecer constantemente na obra freudiana, não há um artigo específico sobre bissexualidade. Haber³ (1997, p. 51) considera que uma das razões da obscuridade do conceito reside na dificuldade de Freud em abordar a questão da feminilidade, e da psicosexualidade feminina. Considerando que a bissexualidade psíquica é composta por duas vertentes dialéticas e indissociáveis – feminilidade e masculinidade –, podemos supor que a parcial treva na qual permaneceu a questão da feminilidade na obra freudiana, inevitavelmente também tenha feito submergir o conceito de bissexualidade.

Paulo de Carvalho Ribeiro (2000, p. 53) trabalhou extensamente com a hipótese do recalçamento da identificação feminina primária na obra freudiana:

...a impossibilidade de admitir a existência de uma identificação feminina primária encontra-se na raiz dos impasses teóricos que perpassam esse texto de Freud (*Psicologia das massas e análise do eu*, 1921); e, mais à frente, também no mesmo texto (2000, p. 111): Identificação feminina primária ou identificação com a mãe são hipóteses que Freud nunca ousou formular, mas que marcam seu pensamento pelas contorções e malabarismos conceituais que seu recalçamento na teoria impõe.

¹ No item *O apego à mãe: amor e ódio*.

² Kamel, F., *Quelques données fondamentales sur le concept de bisexualité psychique dans l' oeuvre de Freud*, 1997 p. 12. Dados obtidos no livro de Ernest Jones (1989, p. 317) que escreve: “Até mesmo propôs um ano depois que eles escrevessem juntos um livro sobre a bissexualidade, tema favorito de Fliess; ele (Freud) escreveria a parte clínica e Fliess a anatômica e biológica.” Há nesse mesmo livro (1989, p. 316) a seguinte frase que confirma o interesse de Freud pela bissexualidade: “Todavia, quanto ao ponto principal, o da bissexualidade, ele (Freud) manifestou sua adesão, que de fato foi permanente.”

³ Haber, M. *identité, bisexualité psychique et narcissisme*, 1997.

Como estamos em lócus psíquico próximo, no entanto, diverso, o conceito de bissexualidade também permaneceu sob impasse e, assim me parece, com o estigma de algo a ser recusado¹. Com essa consideração, vamos entrever a bissexualidade em alguns textos ao longo da obra freudiana, com a ajuda de interlocutores. Retomo brevemente artigos que ainda não foram citados², com o intuito apenas de identificar a presença dispersa, porém constante, do conceito dentro da obra.

Kamel³ (1997, p. 13) destaca três trabalhos clínicos nos quais podemos avistar a questão da bissexualidade: *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (1910), *O presidente Shreber* (1911) e *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920).

Em *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (1910), Freud escreve sobre a lógica fálica das teorias sexuais infantis, sobre a mãe fálica – a mãe com pênis; aborda a equação seio-pênis, posteriormente trabalhada por M.Klein; analisa a identificação de Leonardo com sua amada mãe, os possíveis desdobramentos desse vínculo em suas escolhas posteriores, e, também, as inibições afetivas na vida adulta. O autor faz uma reflexão sobre o enigmático sorriso da *Mona Lisa*, que se tornou presente em todos os quadros pintados posteriormente:

É possível que nestas figuras Leonardo tenha negado a infelicidade de sua vida erótica e que tenha triunfado sobre ela em sua arte, proclamando os desejos do menino apaixonado pela sua mãe, com um sentimento de realização nessa união bem-aventurada das naturezas masculina e feminina. (FREUD, 1910, p. 108).⁴

Freud finaliza essa análise – talvez tão inspirada quanto Leonardo ao pintar a *Mona Lisa* –, descrevendo um *sentimento de realização* quando existe a integração das naturezas masculina e feminina.

¹ Isso talvez aconteça, entre outros motivos, devido aos destinos do relacionamento entre Freud e Fliess.

² Os artigos já citados neste trabalho quanto à questão da bissexualidade são: *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), *o Ego e o Id* (1923), *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920), *Algumas psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, *Sexualidade feminina* (1931), *Feminilidade* (1932) e *Esboço de psicanálise* (1938).

³ Kamel, F., 1997, p. 13.

⁴ Nesse mesmo texto (FREUD, 1910, p.91), na nota de rodapé 10, acrescentada em 1919, está escrito: “... qualquer pessoa, por mais normal que seja, é capaz de fazer uma eleição do objeto homossexual, e mesmo já a terá feito em alguma época de sua vida e, ou ainda a conserva em seu inconsciente, ou, então defende-se dela com vigorosas contra-actitudes.”

A integração dessa natureza humana dúplice parece aproximar-se do que McDougall (1997) diz: o direito de ser tanto o ventre fértil, como o pênis fertilizador¹. Essa integração – da bissexualidade psíquica – gera atos criativos².

Em *O presidente Schreber* (1911, p. 79), Freud relata as fantasias bissexuais de seu paciente, dentre essas, o seu delírio de transformar-se em mulher:

O Dr. Schreber pode ter formado uma fantasia de que, se fosse mulher, trataria o assunto de ter filhos com mais sucesso; e pode ter assim retornado à atitude feminina em relação ao pai que apresentara nos primeiros anos de sua infância³.

Em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920), Freud vai debater o aspecto terapêutico da bissexualidade; no momento em que ainda há uma hesitação na escolha do sexo (gênero) do objeto de amor, é possível uma mudança. Freud relata que a característica da escolha do objeto de amor revela uma composição sempre dúplice de aspectos femininos e masculinos entrelaçados, satisfazendo tanto as tendências homossexuais como as heterossexuais⁴.

Podemos acrescentar a esses três casos clínicos um quarto: *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1901[1905], p. 64 e 65), no qual chega à constatação do desejo inconsciente de Dora pelo amor da Senhora K:

Creio não estar errado, portanto, em supor que a seqüência hipervalente de pensamentos de Dora, que a fazia ocupar-se das relações entre seu pai e a Sra.K., destinava-se não apenas a suprimir seu amor pelo Sr. K., que antes fora consciente, mas também a ocultar o amor pela Sra.K., que era inconsciente num sentido mais profundo. A seqüência hipervalente de pensamentos era diretamente oposta a esta última corrente. Dora dizia a si mesma incessantemente que seu pai a sacrificara a essa mulher, fazia demonstrações ruidosas de que a invejava pela posse do pai e,

¹ Epígrafe deste item.

² “... os atos criativos podem ser conceituados como uma fusão dos elementos masculinos e femininos na estrutura psíquica. A falta de integração de qualquer dos pólos dos desejos psicológicos bissexuais da infância pode prontamente causar a paralisia criativa. De maneira semelhante, qualquer acontecimento que ameace subverter o delicado equilíbrio das fantasias bissexuais na mente inconsciente pode também precipitar a inibição de todos os tipos de criação intelectual, científica e artística” (McDOUGALL, 1997, p. 124).

³ Complementando: *A idéia de ser transformado em mulher foi a característica saliente e o germe mais primitivo de seu sistema delirante. Mostrou também ser a única parte deste que persistiu após a cura e a única que pôde permanecer em sua conduta na vida real, após haver-se restabelecido.* (FREUD, 1911, p. 36)

⁴ Este caso clínico de Freud (1920) já foi citado no item *O apego à mãe: amor e ódio.*

dessa maneira, ocultava de si mesma o oposto: que invejava o pai pelo amor da Sra. K. e que não perdoava à mulher amada a desilusão que ela lhe causara com sua traição.

Entrevemos nesse texto de Freud o conceito de bissexualidade – pois não há nenhuma menção direta – justamente quando ele descreve as correntes amorosas dirigidas tanto ao Sr. K., quanto a Sra. K., sendo que a corrente homossexual permanece oculta.

Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade (1908, p. 170) é outro artigo a ser destacado. Freud expressa que existe no ser humano uma disposição bissexual, evidenciada nas fantasias histéricas. Escreve ao concluir seu pensamento:

No tratamento psicanalítico é extremamente importante estar preparado para encontrar sintomas com significado bissexual. Assim não ficaremos surpresos ou confusos se um sintoma parece não diminuir, embora já tenhamos resolvido um dos seus significados sexuais, pois ele ainda é mantido por um, talvez insuspeito, que pertence ao sexo oposto. No tratamento de tais casos, além disso, podemos observar como o paciente se utiliza, durante a análise de um dos significados sexuais, da conveniente possibilidade de constantemente passar suas associações para o campo do significado oposto, tal como para uma trilha paralela.

Retomando as minhas intenções neste texto, o intuito dessa visão abrangente do conceito de bissexualidade psíquica em alguns textos freudianos é identificar a presença constante de um pensamento clínico e teórico no qual se fazem presentes as identificações femininas e masculinas, como parte integrante da constituição tanto do eu, quanto das escolhas objetivas na vida adulta. Faz-se importante, também, considerar a expressiva frase escrita por Freud no início do artigo sobre Leonardo da Vinci (1910, p. 59): “... não existe ninguém tão grande que venha a ser desonrado simplesmente por estar sujeito às leis que regem, igualmente, as atividades normais e as patológicas.” Os casos analisados por Freud, mesmo estando no campo das patologias, apenas evidenciam o que também acontece dentro de um parâmetro médio de normalidade, se é que podemos expressar dessa maneira.

Tendo em vista este objetivo – discutir as identificações masculinas e femininas –, destaco alguns pontos do artigo de 1923, *O Eu e o Id*¹. Nesse texto, Freud postula que na fase oral primitiva do indivíduo, não há como distinguir o investimento objetal da identificação.

A identificação talvez seja uma condição necessária para a desistência do objeto, escreve Freud (1923). Penso ser a identificação o que resta de uma condição inicial de indiferenciação entre o eu e o objeto, momento no qual há apenas um tênue esboço de um e de outro. A identificação parece pavimentar uma sustentação psíquica inicial para que haja a experiência da perda, sendo que o objeto e o eu somente existem a partir da perda. Se nos primórdios do psiquismo há um estado de fusão, e, portanto, de indiferenciação, podemos falar de um eu e de um objeto a partir de uma experiência de diferenciação. Essa experiência implica a perda da fusão original, que nunca é total: o paraíso – a fusão total com o outro – é apenas uma ilusão humana.

“A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo.” (Freud, 1921, p. 133). As identificações são marcas de paixões². São marcas do primeiro, intenso e primitivo amor pela mãe e pelo pai. Partindo dessa constatação, podemos pensar o inconsciente biparental como uma complexa rede de identificações bissexuais, femininas e masculinas.

Freud escreve (1923, p. 41):

...poderíamos supor que o caráter do Eu seja, na verdade, um precipitado destes investimentos recolhidos dos objetos dos quais se desistiu. Assim, poderíamos dizer que o Eu contém a história dessas escolhas objetais. Devemos de antemão considerar que deve haver uma escala de gradação na capacidade de resistência do caráter de uma pessoa, tanto em rechaçar as influências produzidas pela história de suas escolhas objetais eróticas, quanto em, ao final, acolher [annimmt] essas influências.

¹ Escritos sobre a psicologia do Inconsciente. Edição Brasileira, 2007. Coordenação da tradução: Luiz Alberto Hans. Faço uso dessa tradução atual pela clareza e cuidado presente no texto.

² Nosek, L. (1997).

Na sequência do texto Freud (1923) descreve as identificações que se dirigem ao pai e a mãe e que reforçam a identificação primária. Freud (1923), relata sobre uma identificação primária ao pai, postulado que se mostrará de difícil sustentação. É demonstrado no texto de Paulo de Carvalho Ribeiro (2000) o modo como Freud evitou a constatação da *identificação feminina primária*. É no artigo de 1938 – *Esboço de Psicanálise* – que Freud (1938, p. 217) relata a importância única e sem paralelo de uma mãe: “primeiro e mais forte objeto amoroso e protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos.”¹

Se a *identificação feminina primária* é o resto recalcado de um estado primitivo do eu, as identificações masculinas e femininas surgem, concomitantemente, e em oposição a ela (Ribeiro, P. C., 2000). Dizendo de outra maneira, a *identificação feminina primária* é o terreno arcaico no qual se alicerça o eu e suas identificações.

Considerando essa primariedade da mãe e seu inconsciente – já exposta, penso que, amplamente neste trabalho –, resta pôr luz à composição identitária bissexual inconsciente da mãe e do pai, como matéria prima da identificação da criança com o casal parental, e parte da construção psíquica de uma identidade sexual.

Ao considerarmos o inconsciente biparental e suas identificações bissexuais marcando de imponderáveis formas a construção de um “eu sexuado”, poderíamos ampliar o número de pessoas envolvidas em um encontro amoroso: de quatro (como escreveu Freud em 1899) para oito, ou, se considerarmos duas gerações, seriam doze indivíduos. Em outras palavras, há um “polimorfismo sexual subjacente a toda identidade sexual” (KRISTEVA, 2002, p. 17).

Freud (1923) fala de uma escala de gradação na capacidade, própria a cada um, de rechaçar ou acolher os outros em nós. Talvez seja esse o trabalho psíquico das identificações e suas características: múltiplas, complexas, sobrepostas e interligadas. Uma trama identificatória singular, como uma digital – única.

É essa compreensão da bissexualidade psíquica – de uma trama identificatória da feminilidade e da masculinidade, multiplamente vetorizada na constituição psíquica – que enfatizo. A trama identificatória constituída na vida adulta

¹ Já citado no item *O apego à mãe: amor e ódio*.

é uma construção psíquica trabalhosa e sofisticada, demandando muitos anos para ser composta. Há um longo percurso a ser trilhado para se alcançar a capacidade de realização sexual genital; caminho próprio a cada um e extremamente plástico. Compreendo que realização sexual genital é, também, uma boa metáfora para toda e qualquer realização criativa e transformadora ao longo da vida.

Parto agora para outros autores que também refletiram sobre a bissexualidade.

Godfrind (1997) escreveu um artigo com o alusivo título: *A bissexualidade psíquica; guerra e paz dos sexos*¹. Essa autora relata que é na construção de uma identidade sexual que a bissexualidade encontra um campo privilegiado. A identidade sexual é coexistente a identidade: ser é ser de seu sexo.

Godfrind (1997) fala de uma distinção entre *bissexualidade psíquica primária e secundária*. A distinção entre primário e secundário no psiquismo já foi apresentada nos conceitos, dessa mesma autora, de *homossexualidade primária e secundária*. Retomando brevemente, o que é primário designa um momento de formação do psiquismo no qual predominam os objetos parciais, momento anterior ao auto-erotismo. O que é secundário designa a experiência com objetos totais, e a presença do conflito edípico, em suas facetas identificatórias heterossexuais e homossexuais. O processo de secundarização produz um efeito *a posteriori* no que foi primário. Há um *après-coups* elaborativo da *bissexualidade primária*, no qual acontece uma resignificação. A *bissexualidade secundária* está ligada às identificações femininas e masculinas impregnadas com o conflito edípico.

A *bissexualidade primária* é compreendida por Godfrind (1997, p. 143) como uma inscrição inaugural da *cena primitiva*, matriz dos movimentos inconscientes que estão presentes no encontro entre os sexos.

Para McDougall (1997, p. XVI), a cena primária como conceito “engloba o estoque total de saber inconsciente e a mitologia pessoal que a criança tem a propósito das relações sexuais humanas, especialmente as dos pais”.

A criança é exposta desde o início às identificações bissexuais da mãe e do pai. Caso prepondere no inconsciente parental, dificuldade em considerar e respeitar o outro sexo – a alteridade sexual –, poderá predominar a guerra. Caso exista

¹ *La bisexualité psychique: guerre et paix des sexes*, 1997.

reconhecimento e respeito pelas diferenças, poderá prevalecer a paz. Em outras palavras, se no inconsciente do casal parental sobressair a fertilidade da união entre os sexos, a criança estará exposta a um ambiente psíquico favorável para a construção de um eu capaz de realizações satisfatórias, portanto parciais e suficientes.

Cintra (2007) descreve a interiorização da figuras femininas e masculinas de forma clara e elucidativa¹:

Um ambiente humano pacífico e pais que puderam autorizar-se um ao outro, favorecem a interiorização de figuras femininas e masculinas que mantém entre si contato e diferenciação. Cria-se uma tensão mínima que significa união, e ao mesmo tempo separação e cada um dos pólos – o masculino e o feminino – pode coexistir com o outro, sem anulação mútua. E, por outro lado, um ambiente de desprezo, rivalidade, agressão e abandono vai favorecer a interiorização de um mundo caótico onde os personagens se atacam ou desprezam, e é muito freqüente que o masculino se torne despótico e autoritário dirigindo-se contra o feminino desprezado ou o inverso disto. As figuras de homem e mulher se combinam de forma sadomasoquista², criando uma figura dos pais combinados³, onde não há nem diferenciação nem união.

A *cena primária* (Freud, 1918) e a *figura dos pais combinados* (Klein, 1923, 1928 e 1932) parecem ser, conforme Godfrind (1997), a primeira inscrição fantasmática da *bissexualidade psíquica*. Podemos, também, pensar em uma gradação entre polos mais ou menos tensos ou sadomasoquistas, dependendo do que predomina na experiência inconsciente da criança com o casal parental, considerando que a tensão e o conflito são característicos do psiquismo.

McDougall (1997, p. XXII) diz o seguinte sobre essa questão:

...quando os pais podem ser reconhecidos em sua individualidade, em suas identidades sexuais separadas e em sua complementaridade genital, a cena primária internalizada, em versão

¹ Ressalvado o fato de que Cintra (2007) não está nesse texto abordando o conceito de bissexualidade psíquica.

² Nota de Cintra (2007): “Freud descrevia uma fantasia universal na infância, dos pais em uma relação sexual sadomasoquista.”

³ Nota de Cintra (2007): “Melanie Klein, por sua vez deu a este tipo de fantasia o nome de “figura dos pais combinados” que se torna muito ameaçadora e persecutória, pois eles formam uma espécie de “ganguê” contra o filho, que não pode mais contar com a proteção de um dos pais em momentos de agressividade do outro, ficando à mercê da violência parental combinada contra ele. A criança sente que estão todos contra ela.”

transformada, torna-se uma aquisição psíquica que dá aos adultos-crianças o direito ao seu lugar na constelação familiar, aos seus corpos, à sua sexualidade.

Kristeva (2002, p. 149) expõe que é Klein que propõe o “primeiro modelo psicanalítico da sexuação fundado no casal”. Os pais combinados ou acasalados é a referência arcaica do casal parental, tanto na mente do bebê como no inconsciente da mãe.

Klein (1963 [1991, p. 347]) escreve um seu último trabalho – *Sobre o sentimento de solidão* – a respeito da bissexualidade psicológica. Penso ser importante transcrevê-la pela clareza expressa neste parágrafo, sobre a importância das identificações com a mãe e com o pai, sua integração ou não:

Sabemos que há um fator biológico na bissexualidade, mas vou me ocupar, aqui, do aspecto psicológico. Nas mulheres, há geralmente o desejo de ser homem, expresso – talvez da forma mais clara – em termos da inveja do pênis; semelhantemente, encontra-se nos homens a posição feminina, o desejo intenso de ter seios e dar à luz crianças. Tais desejos estão ligados a uma identificação com ambos os pais e são acompanhados por sentimentos de competição e inveja, bem como por admiração aos bens cobiçados. Essas identificações variam tanto em força como em qualidade, dependendo do que for prevalente, admiração ou inveja. Parte do desejo de integração, na criança pequena, é a premência por integrar esses aspectos diferentes da personalidade. Além disso, o superego faz a exigência conflitante de identificação com ambos os pais, exigência instigada pela necessidade de fazer reparação por desejos arcaicos de despojar cada um deles e que expressa o desejo de conservá-los vivos internamente. Se o elemento de culpa for predominante, dificultará a integração dessas identificações. Se, no entanto, essas identificações forem satisfatoriamente realizadas, elas se tornarão uma fonte de enriquecimento e uma base para o desenvolvimento de uma variedade de dons e capacidades.

Essa bipolaridade – mãe e pai, feminilidade e masculinidade – é a sustentação e o fundamento de todas as diferenças, das mais primitivas, às mais evoluídas (GODFRIND, 1997, p. 143). Se há um relativo e parcial trânsito psíquico entre essas polaridades, é possível uma realização identitária sexuada satisfatória, e, também, como expressou Klein, o desenvolvimento de uma variedade de dons e capacidades.

Estamos em uma negociação constante, e comumente dolorosa, com as diferenças: a diferença em relação ao outro, a diferença dos sexos e a diferença das gerações. A constelação identificatória bissexual de um adulto é decorrente do infundo trabalho de elaboração do complexo de Édipo, desse barro de que somos feitos, e sempre seremos constituídos. Nesse sentido, a bissexualidade psíquica é tributária das diferenças. Em outras palavras, há no encontro criativo e transformador – qualquer que seja – um trânsito com suficiente fluidez entre identificações femininas e masculinas, tendo como norte, ou assim se espera, o reconhecimento das diferenças.

Kristeva (2002, p. 94) escreve sobre essa questão:

Vista à luz da posição depressiva, a tarefa da resolução do Édipo aparece como devendo instituir de maneira estável, no centro do ego, um bom seio (uma boa mãe), um bom pai e um bom casal criador. Tarefa de introjeção de dois sexos, de dois outros, que se realiza no sofrimento próprio da elaboração depressiva. A diferença dos sexos é colocada no horizonte da posição depressiva, (...).

Godfrind (1997, p. 146) diz que, se existe uma integração *suficientemente identitária* da masculinidade e da feminilidade, na qual há um reconhecimento construtivo e harmonioso do outro sexo, há paz, porém sempre sob o risco da guerra, ou seja, do combate e do denegrimiento do outro sexo. O risco da guerra, assim me parece, são aqueles momentos de não reconhecimento das diferenças, nos quais a experiência da dessemelhança é ofensiva.

Para complementar e finalizar, eis o que fala Ogden (1992, p. 115)¹ sobre as identificações bissexuais:

Quando se tem que fazer uma eleição entre a mãe e o pai (entre masculinidade e feminilidade) não se chega a ser nem masculino nem feminino, posto que na masculinidade são e na feminilidade são cada uma depende da outra e também é criada pela outra. Isto é parte do resultado da insistência de Freud (1905, 1925, 1931) na bissexualidade fundamental dos seres humanos.

¹ Tradução livre.

Masculinidade e feminilidade, quando integrados no psiquismo, geram atos criativos¹, sejam intelectuais, científicos ou artísticos. Atos criativos são filhos partenogenicamente criados a partir da possibilidade de identificação com a potência feminina e a masculina, de maneira coexistente e dialética; um não existe sem o outro². A bissexualidade – compreendida como um transformador e articulador psíquico – permite conectar³ feminilidade e masculinidade; possibilita uma construção única: a forma inusitada e extraordinária de ser um sujeito sexuado, capaz de realizações.

Ser é ser do próprio sexo, considerando a amplitude e a singularidade inimaginável do ser.

¹ Gustave Flaubert (1857) ao ser interrogado sobre sua inspiração quanto à famosa personagem – Madame de Bovary – respondeu: *Madame de Bovary sou eu!*. Essa frase tornou-se famosa para os estudiosos da literatura como uma importante referência da capacidade de identificação de um autor na construção de seus personagens. Será que a capacidade psíquica de Flaubert, de um livre trânsito quanto às suas identificações bissexuais, promoveu o desabrochar da sua realização criativa? Provavelmente, ao escrever Madame de Bovary, Flaubert tenha mergulhado em suas identificações femininas e emergido dessa criativa imersão livre e integrado o suficiente na sua bissexualidade psíquica para responder: *Madame de Bovary, sou eu*.

² Outro exemplo de integração da bissexualidade psíquica, assim me parece, é o de Bergman no filme *Sonata de outono*.

³ Christian David em *La bisexualité psychique*, 1975, escreve: “Nossa bissexualidade nos permite conectar masculinidade com feminilidade aproximadamente da mesma maneira como o objeto transicional realiza a conexão entre dentro e fora, entre o que está presente e o que está ausente.” Tradução livre.

O pai no olhar da mãe

...a primeira relação objetal triangular se vive em uma relação entre duas pessoas; a primeira relação heterossexual se desenvolve em uma relação que afeta a duas mulheres; o pai como objeto libidinal é descoberto na mãe.¹

(Thomas H. Ogden, 1992)

O terceiro surge a partir da desilusão do uno.

No início tudo é ilusão onipotente; o bebê e a mãe são um — mãe ambiente como nomeou Winnicott —, porém fadados à “outridade”. A desilusão é condição humana. Deprimidos e desiludidos, iniciamos o primeiro esboço de um outro, ao delinear esse primeiro outro — a mãe, avista-se ao mesmo tempo o outro dentro do outro — o pai.

Tenho como principais interlocutores para essa questão, Figueiredo (2006), Godfrind (1990, 1997), Guignard (1997, 2002), M. Enriquez (2000) e Ogden (1992). Esses autores aproximam-se no que se refere à temática da relação pré-edípica e edípica, quando abordam a fantasia inconsciente (fantasmas parentais), subjacente na mente dos pais, e seus efeitos no psiquismo infantil. Enfatizo, neste item, a maneira como os fantasmas parentais repercutem na construção da identidade sexual pela criança.

Começemos por Ogden (1992)², que, para pensar a mudança de objeto da mãe para o pai, na menina, utiliza uma definição de fronteiras entre as relações objetais pré-edípicas e edípicas. Diz que o estatuto psíquico da mãe e o do pai como objetos são diferentes. Primeiramente, o pai é descoberto e investido como um objeto interno da mãe; o pênis dentro da mãe (ou dentro do seio), como descreveu Klein. O pai pré-edípico ainda não tem o estatuto de um objeto externo, mas faz parte da onipotência do uno bebê-mãe. Torna-se, assim, compreensível a precocidade da “situação edípica” por volta dos seis meses de vida, concomitante à

¹ Tradução livre.

² Ogden (1992), *La relación edípica transicional en el desarrollo femenino*.

posição depressiva e ao primeiro abalo na onipotência do bebê, como postula Klein (1928).

A mãe e o pai edípicos são objetos externos. A decepção, quando bem dosada, faz seu sofisticado trabalho psíquico de corroborar a capacidade de se comprometer com os objetos externos totais, situação que está no âmbito do saudável amor edípico (OGDEN, 1992) ¹.

Ogden (1992) está questionando a Idéia de Freud de que há uma mudança de objeto na menina (da mãe para o pai), e que essa mudança tem, como força propulsora, uma decepção com o sentido de fracasso e imperfeição – a ausência de um pênis². Ogden (1992, 96) discorda da força propulsora da decepção:

Apenas um fundo de narcisismo são, que gere sentimentos de esperança e de abertura diante do desconhecido, prepara o caminho para que a menina corra o risco de enamorar-se do pai como objeto externo, pessoa que se encontra fora do alcance de seu controle onipotente.³

O ressentimento em relação à mãe não é algo que dê sustentação a um interesse genuíno e não defensivo em direção ao pai.

O pai, para a criança, antes de ser um objeto externo, é um objeto interno da mãe pré-edípica, dentro da díade onipotente mãe-bebê. A entrada no complexo de Édipo supõe uma “consciência de outridade”, ou reconhecimento da “externalidade”. “O pai é o principal representante da outridade.” (OGDEN, 1992, p. 100).

Para se interessar pelo pai, é preciso que a menina viva uma relação transicional com a mãe que tenha a função de introduzir a “outridade”: a menina enamora-se da mãe-como-pai e do pai-como-mãe. A menina se apaixona pela mãe “que está comprometida em uma identificação inconsciente com seu próprio pai em seu grupo interno de relações objetais edípicas.” (OGDEN, 1992 p.100). A menina

¹Para Ogden (1992) a capacidade de amar está em um terreno edípico. Podemos pensar em uma precisão conceitual que poderia trazer um pequeno acréscimo de compreensão, assim como existe a denominação posição pós-depressiva (BRITTON, R., 2003), será possível pensar em uma situação pós-edípica? Talvez sim.

² O fato de Freud postular que apenas um órgão sexual é reconhecido por ambos os sexos – o pênis, alguns autores convencionaram chamar de teoria falocêntrica ou do monismo sexual fálico (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988).

³ Tradução livre.

primeiramente ama o pai contido na mãe, ou seja, a experiência edípica da mãe com seu próprio pai.

Acrescento que na escolha do parceiro e futuro pai, estão em jogo as identificações masculinas e femininas da mãe, favoráveis ou não a uma escolha “suficientemente boa” de um companheiro.

Para Ogden (1992, p.101), “o papel da mãe como objeto transicional edípico é permitir-se a si mesma ser amada como um homem (sua própria identificação inconsciente com seu pai)”¹. O complexo de Édipo e sua precocidade referem-se ao pai que está contido inconscientemente na mente da mãe a partir de suas identificações com seu próprio pai, ou seja, as identificações bissexuais da mãe: “É o êxito da relação transicional edípica primária o que prepara o terreno para o ato de valentia da menina de permitir-se a si mesma enamorar-se de seu verdadeiro pai.”² (OGDEN, 1992, p.102)

Tal ato de valentia pode ou não ser brindado com um pai/porto seguro. O movimento em direção ao pai é uma evolução na direção da externalização das relações objetais. Dessa forma, podemos compreender os “investimentos fálicos” como investimentos no objeto exterior – pai, ou o que se externaliza – pênis.

Guignard (2002, p. 17) também teoriza sobre o estatuto diverso (como objetos) do pai e da mãe. O pai será sempre um segundo objeto de investimento, que não se forma ao mesmo tempo em que o primeiro. O pai - segundo objeto, não poderá ser sobreposto ou redutível à história do primeiro objeto. É na elaboração da posição depressiva que o bebê dirige seus investimentos pulsionais para o pai. Segundo essa autora, o pai é experienciado diretamente como objeto total.

Guignard (1997, p.135) diz:

Gostaria, contudo, de lembrar que, uma vez que a formação desse segundo objeto não ocorre no mesmo tempo psíquico que a do primeiro, sua história psíquica na organização infantil, a meu ver, nunca será superponível, nem redutível à do primeiro objeto, ainda que comece a ser elaborada a partir dos investimentos efetuados sobre este.

¹ Tradução livre.

² “... a mãe edípica nunca perde sua conexão com a vivência da mãe como objeto subjetivo.” (CHODOROW, 1978 *apud* OGDEN, 1992, p. 100). Tradução livre.

Essa autora designa que a hipótese de que o pai é experienciado desde o início como um objeto total, é pessoal. A primeira constelação do objeto pai já seria de objeto total (não-mãe), e não de objeto parcial. Apoiada em sua experiência clínica, Guignard (1997, p.136) expõe que a criança funciona simultaneamente dentro dos dois registros: de objeto parcial e de objeto total. No entanto, as proporções das relações de objeto – parcial ou total – são diferentes em relação à mãe ou ao pai. Vai mais além, dizendo que o pai somente é experienciado como objeto parcial por uma via regressiva, uma confusão com o mamilo ou com as fezes. A “mãe fálica” ou o “seio fálico” ilustram essa fantasia regressiva.

Para Figueiredo (2006, p. 142), “o ‘pai’ limita, permite e protege a relação diádica e o narcisismo de origem”. O pai, esclarece o autor, pode ser algo que represente essa função; o que legitima o terceiro é o fato de a mãe ter uma ligação interessada e intensa por esse outro – um companheiro, o trabalho, a família, etc. Podemos pensar que, se a mãe tem o lugar do terceiro legitimado em seu psiquismo, isto seria um favorecedor para a desilusão do bebê e para a saída da relação diádica inicial (onipotente e narcísica).

As relações narcísico-duais comportam frustrações e conhecem limites. O ‘não mãe’ (a mãe má, o pai, o mundo) é permanentemente o horizonte inevitável do objeto primário, e a indiferenciação característica das relações narcísico-duais não é nunca absoluta: uma diferenciação está desde sempre se insinuando, mesmo que reduzida pelos mais eficientes cuidados e adaptações do ambiente. (Figueiredo, 2006, p. 138)

Considerando uma trajetória favorável, podemos pensar que a mãe razoavelmente bem sucedida em sua função edípica transicional provavelmente teve uma experiência edípica que deixou um balanço de sensações favoráveis, com identificações bissexuais (masculinas e femininas) criativas. Uma mulher com essa constituição psíquica escolherá, como parceiro e pai de sua filha, alguém próximo dessa identificação – um homem “suficientemente bom”, que desempenhará, para sua pequena menina, a importante função de apreciar sua feminilidade, seduzi-la e

deixar-se seduzir, porém, reconhecendo e aceitando a interdição na relação pai-filha¹.

Um ciclo assim favorável implica que o pai tenha tido com sua própria mãe um bom desfecho da fase da feminilidade (Klein, 1928, 1932 e 1945): ter se identificado com a mãe e ao mesmo tempo se separado na conquista de sua masculinidade, o que o capacitou a ser um homem capaz de apreciar a feminilidade da mãe e de sua pequena filha².

Godfrind (1997) relata que uma filha precisa ser apreciada e amada pela mãe e pelo pai: a *cena primária/originária* (Freud, 1918) ou o *coito internalizado dos pais/figura combinada dos pais* (Klein, 1923, 1929 e 1932) podendo ser tanto uma representação da criatividade e da vida, quanto da destruição e da mutilação.

Figueiredo (2006, p. 143) esclarece que apenas em uma “triangulação bem instituída as relações de confiança podem emergir e se firmar”. Diz também que “será a introjeção do casal como objeto bom e criativo que cria as condições para a confiança em si, como primeiro, segundo ou terceiro, em uma relação amorosa e cognitiva.”

É o pai que “salva” a menina do risco de destruição inerente à aproximação homossexual primária entre mãe e filha, que rompe o “encantamento mortífero e o efeito de inquietante estranheza que a reprodução do idêntico exerce sobre todos” (M. Enriquez, 2000, p. 63). É preciso se liberar da mãe com o apoio do pai. É a identificação com o pai/pênis que permite destacar a menina da adesividade ao corpo oceânico da mãe (Godfrind, 1990).

Exemplifico, com o sonho de uma paciente grávida, a função paterna de destacar, arrancar e separar:

Estou na maternidade e alguém rouba o meu bebê. Todos estão à procura do bebê. De repente, percebo que foi o meu marido que levou ele embora. Meu marido está brigando comigo porque quer saber quem é o pai do bebê. Eu digo a ele que não sei; tenho a impressão que o bebê não tem pai.

¹ Isto é apenas uma especulação teórica, já que o psiquismo é extremamente plástico na sua constituição.

² A boa resolução da fase da feminilidade no menino tem como consequência uma identificação saudável e criativa do homem como o feminino.

O desejo de que o bebê seja somente da mãe é evidente; o pai é aquele que rouba o bebê do “corpo oceânico” da mãe. A representação masculina associada ao aspecto agressivo de roubo e violação é bem ilustrada nesse sonho. O pai é um bem-vindo violador do “laço demetriano” entre a mãe e seu bebê.

Porém, “*nem tudo são flores no incerto terreno da interdição paterna*”, como diz M. Enriquez (2000, p. 65):

O pai pode, na mais completa inocência, se deixar seduzir, favorecendo a erotização excessiva de uma relação pai-filha, graças à qual realizará um desejo incestuoso, apropriando-se de sua filha na ausência da mãe. A histeria e certas formas de homossexualidade serão uma resposta possível a esta sedução demasiada do pai, real e na fantasia.

O fato de o pai não sustentar psiquicamente a apreciação em relação às mulheres e defensivamente – esta pode ser uma maneira de se desprender da mãe como objeto interno e salvaguardar a masculinidade, ainda que frágil – torna-se um homem que deprecia a feminilidade¹, isso impossibilita o saudável enamorar-se edípico entre pai e filha. A menina, nessa situação, provavelmente se identificará com um objeto perigoso e sem valor (M. ENRIQUEZ, 2000, p. 65). Um pai sádico ou até incestuoso, contribuirá para a inscrição de uma imagem desvalorizada da feminilidade em sua pequena filha (GODFRIND, 1997, p. 138).

Também em relação ao pai, estamos diante de sua constelação identificatória da masculinidade e da feminilidade – suas identificações bissexuais. Seus objetos internos edípicos, seu êxito ou fracasso nesses desafios psíquicos inconscientes, vão marcar seu relacionamento com sua filha e com a feminilidade dela.

Sobre o estatuto do objeto pai no psiquismo Green diz, em uma entrevista concedida a Gregorio Kohon (1999, p. 56), no livro *The Dead Mother*, algo que considero elucidativo:

Acredito na distinção feita por Freud: por um lado, um relacionamento de presença, que implica um contato corpo a corpo, o corpo da mãe, o protótipo de todos os relacionamentos amorosos posteriores; e, por outro lado, o relacionamento com o pai como uma

¹ “Homem, que de fato, treme diante da feminilidade.” (Godfrind, 1997, p. 138)

identificação que sempre envolve distância do objeto – a fascinação pelo objeto, como ele é, como se apresenta, mas sem contato direto. Eu penso que isso são as duas dimensões do desenvolvimento psíquico, que devem sempre ser consideradas ao mesmo tempo.¹

Green, apoiando-se em Freud, destaca que o que distingue o objeto mãe do objeto pai é uma questão de distância. Essa constatação ilumina a discussão feita acima, a partir de outros autores, sobre o estatuto diverso da mãe e do pai no psiquismo infantil.

Pai e mãe são as duas árvores frondosas na inacabável construção do nosso jardim psíquico². Resta-nos, então, nascer psicosssexualmente, embalados por um movimento que tenda ao favorável – a paz, a confiança, a criatividade – quanto às identificações bissexuais do inconsciente parental. Contudo, isso não basta, é preciso tornar-se criativamente herdeiro dessas identificações.

¹ Tradução livre.

² Chasseguet-Smirgel, *As duas árvores do jardim*, 1988. Título que parece ter sido inspirado no texto de Thomas Mann, *As duas árvores do Éden* (1930), citado na epígrafe do livro. Expressão já usada nas *Notas introdutórias*.

PARTE - V

Construções clínicas

Apresento a seguir duas construções clínicas e as respectivas tramas conceituais¹ que as acompanham. Os conceitos retomados aqui foram descritos e debatidos anteriormente². Se considerarmos a constituição do eu e da feminilidade dentro de um gradiente – de um “eu feminino” inicialmente mais fragmentado para um “eu feminino” mais unificado (portanto narcísico) –, o encadeamento da apresentação é Zoe e, posteriormente Liz³, tendo em vista que o eu, em seu processo de constituição, parte da fragmentação para a unificação⁴.

Ainda que situadas no final deste trabalho, as duas construções clínicas edificaram-se contemporaneamente às partes teóricas. Alguns conceitos foram buscados a partir da demanda clínica; outros foram mais bem compreendidos dentro desse referencial. Destaco que as construções não são ilustrações dos conceitos trabalhados, mas elas trazem experiências que rogam por nomeações, mesmo que provisórias e parciais.

No que diz respeito às tramas conceituais em Zoe e Liz, ressalto a seguinte característica: quando uma articulação teórico-clínica é feita, pode ficar a impressão de estranheza, devido ao fato, assim penso, de que o clínico e o teórico são universos interdependentes, no entanto, parcialmente diversos. Além do fato, de que é um trabalho *a posteriori*, sempre uma construção especulativa do analista. Tal edificação conceitual-clínica não esgota a riqueza e a diversidade da experiência. Está aí o surpreendente e o instigante da clínica.

¹Agradeço ao Prof. Dr. Paulo de Carvalho Ribeiro que por ocasião do exame de qualificação sugeriu-me trabalhar mais teoricamente as duas construções clínicas: Zoe e Liz.

² Com exceção do fenômeno da *mãe morta* (Green, 1980) que será apresentado na trama de Zoe como uma descrição clínica de uma identificação primária.

³ Essa diferenciação será debatida no item *Entre Zoe e Liz*.

⁴ Existe uma diferença entre as duas construções clínicas, justificada pela característica narcísica da construção clínica Liz, que tem como decorrência certo empobrecimento dos vínculos.

Zoe, entre abismar e emergir

*A menina constrói seu self mirando-se nos olhos da mãe e em interação com o corpo materno. Suas primeiras experiências, suas impressões iniciais de um corpo feminino e da feminilidade são totalmente dependentes da qualidade do relacionamento mãe-filha. Em termos psicanalíticos, a primeira realidade de uma menina é o inconsciente da mãe.*¹

(Klockars and Sirola, 2001)

Em Zoe², a devastação da relação mãe e filha toca na fronteira da impossibilidade de viver, no limite da loucura. Essa construção clínica evidencia que a feminilidade se entrelaça com a constituição do eu. Quando o eu se constitui de forma frágil, a feminilidade também o é. Zoe exemplifica como a filha imaginada e fantasiada na mente da mãe promove ecos (repete e amplifica) no psiquismo da filha. Esse fragmento clínico ilustra como a filiação feminina – neta, mãe e avó – são tanto uma via de herança da impossibilidade de amar a si mesma e a filha, quanto uma oportunidade de elaboração do que é errante ao longo das gerações – o desencontro entre mães e filhas, no qual não há vítimas nem algozes, apenas tristeza e aridez.

Muitos anos já se passaram desde o início da análise de Zoe, que me procurou após o suicídio de um ex-namorado com o qual ela se identificava. Sentia-se culpada e responsável pela morte do rapaz. Os primeiros anos de trabalho analítico tiveram como fruto uma estruturação razoável da vida de Zoe. No começo da nossa trajetória, ela não conseguia manter atividades cotidianas; ausentava-se do mundo, isolava-se. Era inundada por sentimentos de culpa decorrentes da fantasia de que fazia mal às pessoas de que gostava; sentia-se como portadora de uma peste – a tristeza e a morte. Por isso, deveria manter-se isolada para que não acontecesse o contágio.

Desde muito pequena, Zoe sentia-se responsável pelo estado psíquico depressivo da mãe. Sua vida esgotava-se na tarefa infrutífera de reparar a mente da

¹ Tradução livre.

² Zoe significa vida.

mãe para obter a sua salvaguarda. O paradoxo instala-se entre mãe e filha: salvar a mãe para que a filha tenha a chance de ser resgatada. Seus namorados têm também como característica um funcionamento mental extremamente frágil, análogo ao da mãe. O término dos relacionamentos assemelha-se pelo seguinte impasse: ou ela se afunda na loucura dos parceiros, ou salva sua pele separando-se deles.

Ao longo da trajetória analítica, Zoe foi constatando que essa era a grande encruzilhada da sua vida: cuidar de si própria, ou sepultar-se na depressão materna. A imagem onírica recorrente para a experiência de ruína psíquica da mãe e dos namorados, com a qual Zoe sentia-se intimamente implicada, é a seguinte: ela está dirigindo por uma estrada e, ao longo do caminho, veem-se pessoas mortas, estilhaçadas por todos os lados.

Por muitos anos, a análise foi um lugar de sobrevivência de naufrágios psíquicos intensos e recorrentes. Zoe tentou, das mais criativas maneiras, que eu desistisse de desejá-la viva. Quase sucumbi, não apenas uma vez. Felizmente, a vida prevaleceu. Os fatores que identifico como favoráveis são: a minha persistência analítica, a imaginada tristeza de ter na memória, no afeto, uma paciente que desistiu. Situações assim exigem um investimento intenso por parte do analista.

Um dado significativo é Zoe ser uma mulher bonita. No entanto, o que poderia ser algo bom acarretou problemas. A transbordante sensualidade de Zoe, desde menina, parece ter instigado a mãe, o pai e os irmãos a reações surpreendentemente cruéis. Sustentar a beleza da filha, sem que isso representasse uma ofensa narcísica para os frágeis, violentos e narcísicos pais, não era possível. No ambiente familiar de Zoe prevalecia o isolamento e a brutalidade dos membros.

Sobre o relacionamento com o pai, Zoe relata que ele a invadia com um olhar sexualizado: arrombava a privacidade da menina, da adolescente e da mulher, não aceitando os limites da interdição e, conseqüentemente, da porta do quarto dela. Não sabemos se a fantasia incestuosa do pai manteve-se restrita à imaginação, ou se essa fronteira também foi transposta¹. Contudo, tal diferenciação parece não alterar suas sequelas: a dificuldade no relacionamento com os homens e sua baixa auto-estima como mulher, nada lhe valia a beleza, muito pelo contrário, a beleza sempre lhe trouxe agressões desmedidas. Era uma beleza a ser escondida e não

¹ Encoberto pela protetora amnésia infantil.

revelada. O pai poderia ter sido um refúgio para o “pacto negro” com a mãe, mas isso não aconteceu. A importância do pai para uma menina, como uma “segunda chance”, um refúgio da ligação conflituosa com a mãe, aqui se evidencia pela falta, ou seja, a violência incestuosa do pai a remetia novamente para o laço fusional com a mãe, em um ciclo fechado. Esse circuito sem saída e mortífero rompeu-se parcial e precariamente na adolescência, com o início dos namoros. Considero, hoje, que a busca por um relacionamento reparador com um homem foi um indicativo de uma esperança de viver, prevalecendo ao “pacto mortífero” com a mãe. Entretanto, nessa situação, o acaso não estava a seu favor: o primeiro namorado suicidou-se.

Durante um longo percurso juntas, a primordial função da análise foi manter um desejo de vida, a construção de um espaço psíquico para Zoe sonhar-se viva; alguém – a analista – a sonhava assim, viva. A capacidade¹ de a analista apreciar a beleza da analisanda sem que isso representasse uma ofensa narcísica, mostrou-se algo transformador. Essa experiência levou-a a usufruir sua natural sensualidade, habilitando-a a lidar com os olhares em sua direção. Zoe que se escondia em roupas neutras, passou a se sentir mais à vontade nas roupas femininas que a deixavam ainda mais bela. Nos termos de Godfrind (1990, p. 95): “o encontro com uma analista mulher alimenta, através das palavras, mas também na proximidade dos corpos, uma experiência específica e estruturante.”.

O tempo passou, Zoe vingou. O acaso – quanto a essa situação – estava a seu favor, pois efetivamente ela arriscou a vida. Zoe sofria de uma espécie de atração fatal que a levou a vários embates com a morte. A morte significava para ela apenas uma maneira de se desligar do que a angustiava, e uma forma de proteger as pessoas amadas, pois acreditava que sua companhia era maléfica. O desejo de morrer foi recorrente ao longo da infância e ao longo da análise.

Na meninice, Zoe chorou durante todos os seus anos escolares. Ficava extremamente preocupada com sua mãe, quando não estavam próximas. A mãe de Zoe tem crises depressivas; atualmente, vive sozinha convivendo com pouquíssimas pessoas e com um número exagerado de bichos.

Mãe, morte e mulher, termos entrelaçados de forma sombria na vida de Zoe. A mãe, quando engravidou de Zoe, desejou abortá-la. Esse desejo não seria tão

¹ Essa capacidade não precisou ser expressa, Zoe percebia que sua beleza era apreciada.

devastador diante do fato de que tal “sonho de morte” ainda persiste até os dias atuais. A mãe comentava para a sua pequena menina que mulheres grávidas causavam-lhe horror, quando se deparava com qualquer gestante, Os sonhos de Zoe, quaisquer que fossem, não podiam ser gestados diante de um projeto tão mortífero: a vida não lhe pertencia. Encontraria o afeto da mãe apenas na morte concreta ou simbólica – seu fracasso como pessoa e como mulher. A frase da filha dirigida à mãe no filme *Sonata de Outono* de Bergman (1978) é pertinente nesse caso: “Mamãe, será que é isso? Será que a desventura da filha é o triunfo da mãe?” A impossibilidade da mútua apreciação - mãe e filha - pode erguer muralhas defensivas grandiosas: “Mamãe, minha desgraça é seu prazer secreto?”

Zoe relatava que o contato com sua avó materna na infância também tinha sido conturbado; não guardava dele boas lembranças. O relacionamento da mãe com a avó também era árduo e violento. Adulta, passados quase dez anos que não se encontrava com a avó, a vida oferece, a ambas, uma oportunidade. A avó, fragilizada fisicamente pela idade e doenças, manifesta o desejo de encontrar Zoe. Não foram apenas um, mas vários, emocionantes, vivos encontros. Um bálsamo para a alma das duas: a avó para morrer bem; a neta para viver. Em um desses autênticos encontros, a avó dá um leque de presente à neta para arejar a vida.

Recentemente, Zoe sonhou que a avó lhe dizia para levar esse leque, aos importantes momentos de realização de seus projetos. Zoe deseja, desde menina, ser artista, sonho adiado, mas recuperado intensamente. Nos encontros com a avó, ela pôde compartilhar seus sonhos e a avó pôde ser acolhedora e estimulante para a neta.

Zoe encontra-se nessa transição: está, enfim, gestando seus sonhos. Entretanto, um telefonema interrompe ares tão favoráveis. Telefonou-me aos prantos, náufraga de si mesma. Apenas ouviu minha voz, na secretária eletrônica, deixou um recado: não estava bem, mas era possível aguardar seu horário, pois, o simples fato de ouvir minha voz gravada parecia remetê-la ao nosso vínculo - existe alguém vivo que a deseja viva. Compareceu no horário habitual. Inicia nosso encontro relatando que “meteu os pés pelas mãos”; teve atitudes extremamente desfavoráveis a si mesma, tanto profissionalmente, quanto pessoalmente, como há tempos não acontecia. Descreveu-as, empurrando-se um pouco mais ladeira abaixo em uma atitude extremamente autodepreciativa, até chegarmos ao tal telefonema,

ou melhor, ao tom, à “textura vincular” entre ela e a mãe. Disse que a mãe comentou que já fazia alguns meses da morte da avó e que neste momento ela estava cuidando dos ossos – no sentido literal – da família, transportando-os para um outro sepulcro. Zoe sente-se mal com um assunto tão fúnebre. No entanto, começa a falar de sua própria morte. Não gostaria de ser enterrada: quer ser cremada e que suas cinzas sejam jogadas ao mar. A mãe deu asas à imaginação, e o assunto continuou em mínimas especificações, deixando devastadoras impressões. A mãe imaginava-se na situação, enterrando a própria filha. Tal constatação calou Zoe em um silêncio mortífero, até ela ter conseguido formular uma libertadora questão: - Por que eu não consigo me desligar disso. Esse é um problema dela e não meu! Em outras palavras, a dificuldade de Zoe de desidentificar-se da fantasia materna.

O impasse, o desafio, está justamente aí, desligar-se do que nunca foi vivamente, prazerosamente, vinculado. Será este um luto possível ou administrável ao longo da vida? Desligar-se do que a mãe “real”, posteriormente internalizada, sonhou para ela: vê-la morta ou fracassada na vida. Por terrível que seja, ainda é um sonho, um desejo, não é a indiferença, provavelmente, ainda mais desestruturante. Podemos expressar a situação entre Zoe e a mãe valendo-nos de um paradoxo: ela foi libidinizada pelo desejo de morte da mãe.

Zoe diferenciou-se parcialmente da mãe. Afinal, o “sonho de morte” pertencia à mãe e não a ela: a mãe sonha com a morte da filha, e, talvez, dela mesma. Todavia algo próximo a essa atração mortífera insiste em aparecer no relacionamento com o namorado. Em uma sessão recente, Zoe chega olhando para baixo, contando, envergonhada, que tinha retomado um relacionamento com um homem que, apesar das afinidades com ela, tinha pouco a lhe oferecer, além de apresentar uma instabilidade psíquica considerável e também, em alguns momentos, sonhar com a morte: - Não quero cair do cavalo, está me incomodando o fato de ter me aproximado novamente, eu já estava distante.

A sensação, pelo fato de ela estar envergonhada, era de que ela receava “levar uma bronca”. Apenas constato, sem nenhum comentário. Ela designava a mim, a função materna, adquirida na análise, de proteger e cuidar, função de uma mãe-analista que sonha com a vida. Suas associações foram seguindo a memória do que ela tinha vivido com o namorado, e de como ele se assemelhava a um outro de quem ela gostara muito. Ela o havia perdido pelo suicídio, situação dramática que

a mobilizara a buscar a terapia alguns anos atrás. Em meio a essas associações, Zoe relata que sua mãe havia telefonado e que o relacionamento entre elas tinha se tornado cordial, porém superficial. Não havia prazer naquele contato; era a ligação possível com a mãe. Zoe deu-se conta das inúmeras vezes em que havia caído do cavalo com sua mãe. Desistira de esperar o que não vinha, pois efetivamente a mãe tinha pouco a oferecer. Subitamente percebeu que apesar de ter desistido da mãe o desejo de morte ainda insistia em permanecer presente em relação ao namorado. Com certeza ela iria, sim, cair do cavalo: seria expulsa bruscamente da parceria, por uma queda.

A queda parece representar a depressão da mãe, o suicídio¹ do antigo namorado e a desestruturação psíquica do atual. Evidencia-se que o que foi insistentemente desejado com a mãe - uma parceria razoável para uma cavalgada pela vida - é deslocado para o namorado. Como Freud (1932) havia escrito: o sucessor dos conflitos com a mãe é o homem.

Durante o relato exposto acima, a mudança de Zoe a partir da minha presença mental é nítida. Ela começa a falar com mais firmeza e a sensação de estar envergonhada não está mais presente. A minha qualidade psíquica (não em queda) parece funcionar como algo que facilita a integração; são “vitaminas” para o pensamento, como Zoe se expressa. São referências identificatórias vividas comigo para que uma escolha, “menos em queda”, seja feita, visto que uma das funções da análise é apreender as qualidades psíquicas da mente do analista: - É uma pena..., mas não posso estar aqui com você aos cinquenta anos falando que é uma pena. Ai eu vou ficar choramingando que não tive uma família e filhos, já perdi muito tempo.

“Desligar-se”, não insistir no que “nunca foi, nem nunca será”, é um trabalho árduo e nem sempre possível, mas as “vitaminas” analíticas parecem estar, com avanços e retrocessos, produzindo efeitos.

A situação psíquica atual de Zoe pode ser representada pela cena do filme *O Piano*². A protagonista da história está retornando, de barco, à sua terra natal após um casamento desastroso e violento. Carrega consigo, na frágil embarcação, seu amado piano, companheiro de tantos momentos difíceis. O piano cai; ela submerge amarrada a uma das cordas. Olhando seu piano cair, ela é tentada a sepultar-se no

¹ O namorado suicidou-se em uma queda.

² *O Piano (The Piano)* 1993, direção de Jane Campion.

fundo do mar junto a ele, mas, em um gesto que implica uma escolha entre abismar e emergir desamarra-se e insurge para a vida. Esse movimento de ascender à superfície, no caso de Zoe, somente é possível após um intenso trabalho de luto, que consiste em desistir de reparar o frágil psiquismo da mãe, absorvido na depressão, e se desidentificar dessa queda no abismo materno.

Dessa forma, o trabalho analítico permite assentir a uma identificação feminina mais satisfatória atribuída transferencialmente à analista, processo que implica também o luto pela precariedade do funcionamento mental da mãe (Godfrind, 1994).

O processo analítico passa a ser um divisor de águas na vida de Zoe: uma analista que a sonha viva, bem, exuberante na sua beleza e suficientemente realizada com um homem; talvez até com uma família, uma filha que ela possa amar como uma repercussão do amor a si mesma, conquistado com muito esforço dentro de uma longa “cavalgada” com a analista.

As violências narcísicas sofridas na infância talvez fiquem, na melhor das hipóteses, como pesadelos em noites conturbadas, estimulados por experiências de realização e de prazer. Essa situação já vem ocorrendo: sempre que Zoe está se sentindo satisfeita e conquistando coisas que ela deseja na vida, esse casal parental invejoso e destrutivo que habita dentro dela vem assombrar seus sonhos.

Bion escreve sobre a meta final de uma análise: o melhor que se pode com o que se é. Uma análise suficientemente bem sucedida, assim penso, é descomprometida de ideais analíticos, que podem ser aprisionantes. Estendendo a frase para o contexto deste trabalho: é o melhor que se pôde viver com os pais (o inconsciente parental e sua trama identificatória) e com a própria história. Com o reconhecimento desses limites, a análise tem sido um leque para Zoe arejar a vida.

A trama conceitual em Zoe: o pacto negro e a mãe morta

O que teço neste item é uma articulação conceitual a partir da construção clínica Zoe um pouco mais extensa do que a já apresentada no item anterior. Utilizo dois termos que são descrições de situações clínicas. O primeiro, forjado por Godfrind (1994), o *pacto negro*, foi trabalhado na compreensão que faço do filme *Sonata de Outono*. Retomo-o, inclusive, pelas aproximações do fenômeno clínico da *mãe morta*, explicitadas ao longo deste texto.

O segundo, *a mãe morta*¹, termo de André Green (1980 [1988]), faz jus a uma breve exposição. Não que seja um elemento novo dentro deste trabalho, mas sim uma especificidade clínica do que já foi amplamente trabalhado como *identificação feminina primária*. O que abordo neste contexto é o que Green (1980 [1988]) denominou *identificação primária com a mãe morta*. Trago-o por um imperativo conduzido pela construção clínica: o que parece ter acontecido com Zoe foi justamente uma identificação primária com a mãe morta, ressalvadas algumas especificidades.

Green (1980 [1988]) descreve esse fenômeno clínico como uma mãe presente fisicamente, porém morta psiquicamente para seu bebê. A mãe está cuidando de seu bebê. Aparentemente está tudo bem. No entanto, ela está deprimida, desinteressada; cuida da criança quase que mecanicamente. A depressão da mãe pode ser decorrente tanto de perdas evidentes, tais como a perda de um ente querido, de perdas gestacionais ou até de um outro bebê, quanto relacionadas a decepções que acabaram gerando um sofrimento narcísico. Qualquer das possibilidades – perda evidente ou não – suscita uma ausência de interesse da mãe em relação ao bebê; a mãe está imersa em tristeza. Green (1980 [1988]) relata que houve uma mudança brusca na imago materna: de uma relação rica e feliz a mãe passa para um estado de deprimido e desinteressado. O autor faz a seguinte analogia: diante de uma civilização desaparecida, na qual apenas resquícios dão

¹Um dos artigos mais conhecidos de André Green é o da mãe morta, que teve grande influência no pensamento psicanalítico. Um livro foi editado em homenagem aos setenta anos de Green com o mesmo nome: *The Dead Mother. The work of André Green*. Editado por Gregório Kohon, 1999. Algumas referências a esse livro serão feitas mais à frente.

indícios de sua existência, hipóteses são levantadas sobre o que a teria destruído: um terremoto, um cataclismo, etc.

O acontecimento que gerou a mudança – de uma mãe viva para uma mãe morta – é da ordem de uma catástrofe psíquica para a criança. Isso será ainda mais grave se coincidir com o momento em que o *infans* descobre o terceiro, o pai. Essa infeliz concomitância pode gerar uma triangulação defeituosa. Para lidar com essa catástrofe psíquica, o Eu¹ incipiente tem primeiramente reações ativas: agitação, insônia, terrores noturnos, etc. Tendo esgotado esse arsenal, o Eu, em um único movimento, desinveste o objeto materno e se identifica com a mãe morta. Green (1980, p. 257) relata um assassinato psíquico do objeto, porém sem ódio – um crime branco. O resultado “é a constituição de um buraco na trama das relações objetais com a mãe”.

Quanto à questão da identificação com a mãe, Green (1980, p. 257 e 258) diz que a identificação em espelho, nesses casos, é quase obrigatória, ou seja, não há alternativa:

De fato não há reparação verdadeira, mas mimetismo, cuja finalidade, não podendo mais ter o objeto, é continuar a possuí-lo, tornando-se não como ele, mas ele mesmo. Esta identificação, condição de renúncia ao objeto e ao mesmo tempo de sua conservação segundo o modo canibalístico, é desde o princípio inconsciente.

Na sequência do texto, Green faz uma diferenciação metapsicológica importante para compreendermos o que ele denominou complexo da mãe morta: a partir do duplo movimento do Eu – desinvestir e identificar-se – o desinvestimento do objeto se tornará posteriormente inconsciente, enquanto a identificação é desde o princípio inconsciente, daí seu caráter alienante:

Nas relações de objeto posteriores, o sujeito, preso na compulsão à repetição, porá ativamente em ação o desinvestimento de um objeto passível de decepcionar, repetindo a defesa antiga, mas, aquilo de que estará totalmente inconsciente é a identificação com a mãe morta, a que ele se junta no revestimento das marcas do trauma (GREEN, 1980, p. 258).

¹ Quando uso “Eu” estou acompanhando a escrita de André Green.

Zoe exemplifica esse duplo movimento – desinvestir e identificar-se – que se repete ao longo da vida. Ela vive várias vezes a situação de estar desinvestindo um objeto decepcionante: seus namorados que estão imersos em conflitos pessoais consideráveis e a deixam em “queda”. Green (1980, p. 262) diz que a queda é uma experiência de desfalecimento psíquico. A identificação com a mãe morta também é vivida novamente. Zoe, nesses momentos de separação, tem a sensação de que a sua vida não tem sentido; um vazio a toma: talvez seja melhor e mais fácil morrer, pois assim tudo cessaria. Durante esse processo de separação, no qual a solicitação de sessões extras é grande, ela parece precisar de uma libidinização intensa. A analista precisa sonhá-la viva, para que ela se mantenha viva.

Quando a tempestade passa, e se vislumbra a possibilidade de seu fim, o analista vai poder respirar um pouco, assim como o analisando. No entanto, a vida volta a ser ameaçada, a ficar sem ar, não há trégua. Um dos sintomas de Zoe é a falta de ar. Green (1980, p. 265) faz a metáfora da hidra com mil cabeças: quando uma das cabeças é cortada, temos a esperança de que o monstro tenha morrido, mas outra cabeça aparece com toda a sua força destrutiva. Em Zoe, as cabeças de hidra são os relacionamentos com os namorados. Quando ela consegue se separar de um, outro aparece, tão destrutivo quanto o anterior, provocando devastações. Dessa maneira, a sua fidelidade à mãe morta permanece. A mãe está incorporada na figura dos namorados, e a cada decepção, Zoe vive novamente as marcas do trauma.

Para ilustrar essa repetição que parece ser infinda, a analogia com o filme *Feitiço do tempo*¹ (1993) é interessante. É pelas várias repetições que o personagem vai compreendendo o que acontecia, e, a partir disso, podendo fazer escolhas, que só foram possíveis depois de inúmeras vezes ele pisar na mesma poça de água. E, apesar de conseguir fazer as escolhas mais importantes, algumas repetições persistem. Uma representação autêntica e bem humorada do feitiço do tempo no trauma inconsciente.

¹ Título original: *Grondhog Day*, 1993. Direção de Harold Ramis. “Um repórter de meteorologia parte para uma pequena cidade a fim de cobrir um evento local, mas misteriosamente fica preso no tempo, repetindo sempre o mesmo dia.” (www.adorocinema.com.br, acesso em 04.08.09).

Zoe precisa repetir muitas vezes a situação traumática com a mãe, por meio dos relacionamentos com os namorados, para conseguir fazer algumas escolhas, mesmo que parciais.

Esse universo mortífero do complexo da mãe morta é representado no sonho recorrente de Zoe, já referido acima: ela está dirigindo por uma estrada e, ao longo do caminho, veêm-se pessoas mortas, estilhaçadas por todos os lados. Green (1980, p. 276) escreve:

O objeto está “morto” (no sentido de não vivo, mesmo se não tiver ocorrido nenhuma morte real); carrega por isto o Eu para um universo deserto, mortífero. O luto branco da mãe induz o luto branco da criança, enterrando uma parte de seu Eu na necrópole materna. Nutrir a mãe morta significa então manter em segredo o mais antigo amor pelo objeto primordial, sepultado pelo recalçamento primário da separação mal sucedida entre os dois parceiros da fusão primária.

O amor pela mãe morta, como um vampiro, exige que o fluxo sanguíneo da vida seja drenado para as profundezas da necrópole materna. Green (1980 [1988]) descreve que são pessoas capazes de significativas realizações, principalmente no plano intelectual. Podem até constituir família, mas não encontram uma sensação de realização em nada do que fazem. A afetividade está hipotecada à mãe morta.

Godfrind (1994) diz que a fidelidade à mãe hipoteca o encontro amoroso, a sexualidade e a maternidade. O *pacto negro* com a mãe torna a realização da feminilidade inacessível à filha. Zoe relata a sensação de que tem um balão inflado dentro de si: está cheia, mas está vazia – está repleta de vazios.

Godfrind (1994) descreve suas pacientes de maneira próxima à descrição que Green faz do complexo da mãe morta. São mulheres, profissionais, algumas casadas e com filhos, mas não conseguem sentir a pulsação da vida. Essa autora descreve mulheres, enquanto Green (1980, p. 261) nos fala de uma “homossexualidade feminina nos dois sexos, pois para os meninos é a parte

feminina da personalidade que se expressa.”. Estamos no campo do que P. C. Ribeiro (2000) denominou *identificação feminina primária*¹.

Godfrind (1994) descreve um “núcleo” de perturbação da *homossexualidade primária*², um conflito particularmente dramático, o qual ela denomina *pacto negro*. Essa autora relata mães deprimidas, imprevisíveis, imaturas, ou até francamente psicóticas. Descreve um ódio salvador nessas mulheres, como uma proteção à aproximação com a mãe, proximidade essa que poderia gerar uma experiência de desintegração psíquica. Green (1980, p. 259) fala de um ódio secundário:

...a preservação de uma capacidade de superar o desespero da perda do seio pela criação de um seio remendado, pedaço de tecido cognitivo destinado a mascarar o buraco do desinvestimento, enquanto que o ódio secundário e a excitação erótica formigam na borda do abismo.

O ódio secundário e a excitação erótica mantêm o Eu fora do abismo, porém sempre na sua borda. Lembro-me de Zoe ter me presenteado com um vaso de flores que eram pimentinhas, quando precisei afastar-me por um período mais prolongado. Estava ardida com o meu afastamento. Retomou o contato comigo quase dois anos depois desse evento, quando o ardido arrefeceu. A violência apimentada dirigida à analista é justamente aquela que a mãe originalmente não tinha esteio psíquico para sustentar. Godfrind (1994) relata que é, justamente nos momentos de separação ou de fim de análise, que esse ódio protetor de um amor intenso e mortífero eclode. Esse ódio defensivo – violência de sobrevivente – é o que proporcionou a essas mulheres uma organização psíquica, permitindo realizações pessoais, mesmo que com um sabor empobrecido.

Green, assim como Godfrind, falam de uma nostalgia desse amor duplamente perdido: “a morte na presença ou a ausência na vida”, diz Green (1980, p. 272). Godfrind (1994) fala do vazio deixado pela presença da mãe.

¹ Esse conceito é extensamente discutido no item: *A identificação feminina primária: o pensamento de Paulo de Carvalho Ribeiro*.

² Esse conceito também foi amplamente discutido no item: *Homossexualidade primária e sua secundarização: o pensamento de Jacqueline Godfrind*. A aproximação entre os dois conceitos – *identificação feminina primária e homossexualidade primária* – foi abordado no item: *A trama, ou o que se trança a partir dos conceitos*.

Como se separar do que não foi vivamente vinculado? Será esse um luto possível? O eu se encontra em um paradoxo mortífero, nas bordas do abismo, da queda, entre abismar e emergir. É nesse sentido que a feminilidade está amalgamada com a constituição do eu; se o eu se constitui de forma frágil ou lacunar, a feminilidade também é frágil e lacunar.

Green (1980, p. 270) escreve: “De fato, por trás do complexo da mãe morta, por trás do luto branco da mãe, vislumbra-se a louca paixão de que ela é e continua sendo objeto, que faz de seu luto uma experiência impossível”.

E Godfrind (1994, p. 137) diz: “atrás deste ódio selvagem, com tonalidades absolutas e indefectíveis, há sempre um amor apaixonado pela mãe, amor nostálgico tão violento que não pode eclodir...”.

Godfrind (1994), ao descrever a análise de pacientes que fizeram um *pacto negro* com suas mães, relata que é, a partir de um movimento de desidentificação com a mãe, que se torna possível emergir para lugares psíquicos mais arejados, não mais a cripta (sem ar) erigida à mãe.

Esse movimento desidentificatório se faz, na análise, por um processo doloroso e nem sempre bem sucedido. É a partir da qualidade de presença psíquica e vivacidade – um psiquismo vivo e não morto – do analista, que pode se tornar possível o doloroso luto por uma mãe morta psiquicamente. Separar-se da mãe pode significar abandoná-la ao seu próprio inferno psíquico, o que também pode gerar ódio ao analista propiciador dessa separação. É a qualidade psíquica do analista que dá a dimensão do que não foi vivido com a mãe: uma presença viva, para que uma ausência viva se estabeleça, e a separação se faça. Parece não ser possível separar-se do que não aconteceu; esquecer-se de uma língua que não se chegou a falar: a língua materna viva.

Quanto aos pais, Godfrind (1994) comenta que os de suas analisandas pareciam ser inadequados, ausentes psiquicamente, por vezes perversos ou incestuosos; incapazes de apreciar a feminilidade de suas filhas. Zoe relata um pai incestuoso, que a olhava de uma maneira sexualizada. O desconforto com o pai a remetia novamente ao laço negro com a mãe, e não favorecia uma separação entre

mãe e filha. A imagem de um casal parental e de uma cena primária sádica¹ é recorrente em sonhos e fantasias de Zoe. Ela relata que está em um lugar deserto e que um homem a persegue: está com muito medo porque provavelmente ele quer estuprá-la. Inúmeras cenas de perseguição e violência aparecem recorrentemente nos pesadelos de Zoe. Seu psiquismo está povoado de objetos estupradores, marginais e assassinos.

Zoe elucida como o inconsciente da mãe em “estado de queda” marca a constituição psíquica da filha e sua feminilidade; invade por efração, diria Jacques André (1995)². A libidinização se dá nas bordas do vazio, por isso o paradoxo: Zoe foi libinizada pelo desejo de morte da mãe. Podemos pensar que para além da *identificação primária com a mãe morta*, há em Zoe uma narcisização pelo desejo de morte da mãe. Uma presença mortífera na mente da mãe, que paradoxalmente tem, em parte, um efeito organizador: uma presença do desejo de morte no estado de ausência psíquica da mãe. Se há um desinvestimento da mãe em relação à filha, pelo seu (da mãe) estado psíquico em queda, há concomitantemente um investimento pelo desejo de morte. Esse paradoxo em Zoe a protege de uma ausência branca. Essa sutil característica em Zoe é parcialmente diferente da que encontramos na descrição clínica do fenômeno da mãe morta, feita por Green (1980).

Posto isto, apresento, brevemente, para complementar a discussão feita, um texto do livro organizado por Gregório Kohon em homenagem aos setenta anos de André Green, *The Dead Mother* (1999)³. O artigo é de Arnold H. Modell: *The dead mother syndrome and the reconstruction of trauma*. Essa escolha foi feita pelo fato de esse autor apresentar ideias que considero instigantes, ainda que discutíveis dentro do universo teórico psicanalítico. Modell diz o seguinte: qualquer um que tenha o complexo da mãe morta, não necessariamente vai desenvolver o que ele chama de a síndrome da mãe morta. Considera que a ocorrência de mães deprimidas é relativamente comum na infância de uma criança, e que poucas desenvolvem um funcionamento patológico grave. Existe uma variabilidade individual na resposta da criança a uma mãe indisponível psiquicamente.

¹ Green (1980, p. 267) escreve: “A interpretação clássica da cena primária como cena sádica, mas onde o fato essencial é que a mãe ou não goza, mas sofre, ou então goza apesar de si mesma, constrangida pela violência paterna.”

² Questão apresentada no item *O pensamento de Jacques André sobre passividade, sedução e feminilidade*.

³ Agradeço essa referência à colega Tayla Candi.

A distinção que Modell (1999, p. 84) faz entre o complexo da mãe morta e a síndrome é a seguinte: na síndrome há uma identificação primária total com a mãe morta, que é uma das alternativas entre muitas, o que ilustra a variabilidade de respostas individuais ao trauma. A identificação primária com a mãe morta é o destino mais patológico. A variabilidade de resposta é devida às características individuais e únicas de cada criança, por exemplo, as capacidades cognitivas e de aceitar paradoxos¹.

Modell (1999, p. 84) considera que mesmo diante de uma mãe deprimida e emocionalmente indisponível, não necessariamente a criança fará uma identificação total com ela. A criança poderá se identificar com diferenças e não similaridades, seguindo o caminho das identificações por oposição à mãe. Nesse caso, a criança não ficará perdida no psiquismo da mãe, mas construirá uma individualidade baseada na separação, ou oposição. Por exemplo, em vez de incorporar o estado de insensibilidade psíquica da mãe, a criança poderá desenvolver uma hipersensibilidade compensatória, transformando-se em uma criança extremamente atenta ao estado psíquico do outro. Hipersensibilidade à vida psíquica própria ou do outro parece ser uma via compensatória para uma criança que foi exposta a uma mãe psicicamente morta².

É importante considerar que as identificações nunca são únicas, mas, sim, múltiplas e contraditórias (P. C. Ribeiro, 1993, p. 78). E, nesse momento inicial da constituição do eu, as identificações são predominantemente miméticas ou espelhadas. Uma identificação por oposição já implicaria um eu minimamente unificado, capaz de se opor. Essa questão metapsicológica não é contemplada no texto de Modell.

Como psicanalistas, assim penso, precisamos ser cautelosos quanto a relações de causalidades simples e mesmo quanto às complexas, ou determinismos psíquicos³. Mães suficientemente boas, talvez sejam raras. Mesmo a presença de uma mãe predominantemente viva psicicamente - apesar de ser o melhor berço

¹ As características individuais também remetem, assim penso, à inveja primária (Klein) e a tolerância à frustração (Bion).

² Modell (1999, p. 84) suspeita que essa hipersensibilidade não seja algo incomum entre aqueles que escolheram ser analistas.

³ Modell (1994, p. 81), citando um autor chamado Peter Wolff (1996), diz que a relação entre mães deprimidas no período da infância e a psicopatologia na vida adulta é apenas uma analogia. Considero essa discussão ampla e fora do alcance deste trabalho, mas importante fazer um breve comentário.

psíquico que alguém pode ter - não é peremptória de uma constituição psíquica razoavelmente boa. Essa constituição é extremamente plástica e única. Está aí a beleza e a monstruosidade do humano.

Por fim, a história sempre se constrói *a posteriori*. Green (1980, p. 281) termina seu texto com uma otimista frase, a qual empresto para também finalizar essa discussão:

A lição da mãe morta é que ela também tem de morrer um dia para que uma outra seja amada. Mas esta morte deve ser lenta e doce para que a lembrança de seu amor não pereça e nutra o amor que generosamente ela oferecerá àquela que tomar o seu lugar.

Poucas análises chegam até esse lugar: arejado e vivo.

Liz, entre a ilha e o continente

...de mãe para filha, não existe jamais história, somente o retorno do mesmo.

(Jacques André, 2003)

Na primeira vez em que estive com Liz, recebi-a com sua mãe¹. Enquanto a mãe falava, permaneceu com a cabeça baixa, os olhos fixos na manta que cobre o divã, cujas franjas penteava, separando-as uma a uma. Essa imagem anunciava-me a trajetória analítica a ser percorrida – pentear e separar franjas entre mãe e filha. Hoje me parece que a mãe esteve presente nesse primeiro encontro quase que para delegar seu projeto pessoal:

– Transforme minha filha no que eu sonhei para ela: ser o que eu não fui.

Essa demanda da mãe direcionada à filha já prenunciava a *cilada narcísica* (BIDAUD, 1998) na qual estavam aprisionadas.

A mãe relatou-me os planos de viagem da filha. Liz queria viajar e manter-se no exterior por um bom tempo. Exterior da mãe? Não era possível para Liz permanecer na pátria mãe. Estranhei o relativo entusiasmo com que a mãe apoiava tal projeto de exterioridade. Desse primeiro encontro, ficou a minha apreensão de como seria encontrar Liz desacompanhada da mãe. Liz esboçou apenas um tímido olhar ao sair da sala e um até logo quase inaudível. Diante da mãe, ela desaparecia.

Na segunda entrevista, sem a mãe, encontro outra Liz; tímida e com sede de compreensão do que ela vivia na interioridade da relação com sua mãe. Revelou-me de imediato que a mãe queria que ela viajasse para um país distante, terra natal da família, com a intenção de apartá-la do namorado. O namoro já durava mais de um ano, mas era inaceitável para a mãe. Tal estranho não poderia merecer a estima da filha. Era melhor sustentar a distância da filha já que implicava a distância do namorado, que com certeza seria esquecido.

¹ A mãe permaneceu ao longo de inúmeras sessões, não mais na sua realidade concreta, mas como um “personagem” na sessão. Não importava mais, dentro da sala de análise, a indistinguível composição de tal personagem: o amálgama entre o intrapsíquico e o intersubjetivo.

A situação era recorrente. Insistia na mãe, a impossibilidade de aceitação de um parceiro para a filha. A relação de Liz com a mãe lembra o mito de Deméter e Perséfone, no qual a sexualidade da filha é vivida como uma traição à mãe. Liz sentia-se muito confusa, pois sempre confiou no que a mãe falava; a mãe sempre soube o que era melhor para ela. Relatou-me que na infância tinha a sensação de que a mãe sabia absolutamente tudo do que acontecia com ela; a mãe estava sempre com ela, Liz sentia-se segura assim. Aos poucos, foi estranhando a mãe não saber exatamente tudo; passou, então, a relatar o seu dia. Ela desejava essa sensação de uníssono com a mãe; contava tudo nos mínimos detalhes, nada podia ficar sem ser partilhado com a mãe. Penso ser essa descrição ilustrativa do conceito de *ilusão simbiótica* (HALBERSTADT-FREUD, 2001).

Um sintoma bulímico surgiu em Liz na adolescência após uma separação momentânea da mãe nas férias. Liz passou um mês em uma cidade distante com uma amiga e sua família. Ao retornar, os vômitos já estavam frequentes. Mãe e filha assustaram-se com a situação e uniram-se novamente em função da saúde de Liz. A semanal devido ao tratamento, tanto da mãe, quanto da filha, trouxeram agradáveis tardes compartilhadas. Liz relata uma prazerosa sensação dessas tardes, nas quais a mãe se dedicava a ela, ou talvez seja mais preciso dizer, a elas. A paixão mãe-filha se expressa aqui com todo o seu sabor e terror *demetrio* (BIDAUD, 1998).

Essa aproximação entre mãe e filha estruturou algo que tinha se esgarçado com o turbilhão do início da adolescência, e apagou, parcialmente, o incêndio das diferenças que já se delineavam entre elas. O transtorno bulímico de Liz cedeu rapidamente, uma vez que já cumprira sua dúplici e paradoxal função – manter tanto uma indiferenciação, quanto uma diferenciação entre mãe e filha¹. Sem mais precisar vomitar conteúdos mentais tão indigestos (a mãe? a dificuldade de diferenciar-se? ...), Liz passou, então, ao trabalho da elaboração do que era vivido. Havia situações na vida dela – o namorado e a escolha profissional – que não pertenciam à filha sonhada narcisicamente pela mãe. Não ser a realização do sonho da mãe era um custo indigesto. Liz não imaginara ter de sustentar psiquicamente

¹ É o sintoma bulímico que favorece a entrada de um terceiro na dupla, primeiramente o tratamento ambulatorial, depois a analista.

essa situação. Pairava na densidade da relação, a ameaça de que a diferenciação entre mãe e filha significaria o não reconhecimento da existência da filha.

Aquilo que era inegociável nos projetos sonhados pela mãe para sua filha mostrou-se de uma violência narcísica intensa. A maldição revelou-se: caso Liz viesse a se casar com alguém que não tivesse como origem a ilha natal da mãe (não poderia ser do continente), nem o casamento nem seus frutos, os filhos, seriam reconhecidos.

Essa não era a mãe sonhada pela filha. O violento desencontro fez Liz pensar nas origens da mãe, no fato de o pai ser da mesma ilha. Lembrou-se até que existiam casamentos arranjados na família. A irmã da mãe, que se casou com um estrangeiro (brasileiro), era excluída e não tinha tido filhos, imagino que para não corporificar em um filho a miscigenação tão amaldiçoada. A mãe de Liz tinha se submetido à exigência da própria mãe (avó de Liz): casar-se com alguém da ilha.

Tal situação ilustra a transmissão entre gerações na descendência feminina: a mãe de Liz impõe à filha o que sua própria mãe impôs a ela; não há história, apenas a repetição do mesmo. A mãe (Zilda) manifesta com seu descontentamento com o próprio casamento, mesmo assim, infringe trajetória semelhante à filha. Em uma determinada sessão, a analisanda fala que a mãe tinha comentado que nunca se casaria com um homem de baixa estatura como o namorado de Liz. Fico surpresa e pergunto qual era a estatura do pai, ao que ela me responde também surpreendida por ter se dado conta da pequena diferença: *dois centímetros a mais que o meu namorado*. Um conluio inconsciente parece se estabelecer entre elas; as histórias não podem ser conectadas, pensadas. Nesse aspecto – possibilidade de pensar –, a análise é possível no “fio da navalha”, sob o risco constante de rompimento.

Liz oscilava entre a raiva e a preocupação com a mãe. A manifestação do incômodo em relação a ela é uma conquista da análise; o prazer de estar em uníssono transforma-se em raiva. A analista, ao reconhecer (sutilmente) as diferenças entre filha e mãe, parece desempenhar a função paterna, do terceiro, tão ausente psiquicamente na vida de Liz. A presença do terceiro, como um lugar psíquico, na mente da analista, é nesses casos um instrumento importante do trabalho.

Liz desejava que a mãe ampliasse seu continente para comportar as diferenças entre elas, isso, porém, não parece ser possível. O delineamento de fronteiras identitárias entre mãe e filha gera sentimentos persecutórios em ambas. Liz relatou que a mãe a monitorava por satélite. Desejava estudar em um lugar distante de São Paulo, fora da área de cobertura do satélite mãe, no entanto, nada escapa a um satélite. Quanto mais incompreendida ela se sentia, mais distância queria. Esse foi um momento interessante e delicado da sua análise; ela compartilhava comigo – outra mulher – seus ressentimentos com a mãe. Eu me preocupava/ocupava com ambas, já que essa corda esticada, tencionada, poderia romper a análise.

Concomitantemente a esses relatos, Liz comparecia muitas vezes ao consultório, acompanhada do seu namorado, que permanecia na sala de espera. Eu o recebia na minha “casa” analítica e não me incomodava com sua presença, apenas pensava no seu significado. Liz contou-me que a mãe nunca havia recebido o namorado na sua casa; os telefonemas também eram proibidos: ele não podia ocupar a linha. Liz não poderia ter outras ligações que a ocupassem a não ser aquela com a mãe. Dispensável dizer que o meu conforto mental com a presença do namorado na sala de espera teve um efeito terapêutico considerável, sem que uma palavra fosse dita, apenas a vivência da situação. A experiência com a “mãe analista” era de um continente que comportava o vínculo significativo com o namorado. A analista comportava um terceiro na sala de espera.

No entanto, o *laço demetriano* (BIDAUD, 1998) culminou na proibição explícita do namoro, o que acarretou restrições severas aos projetos de vida de Liz que implicavam o investimento financeiro da mãe. A reação de Liz foi voltar a vomitar; o desejo de ir para longe, de ir para o estrangeiro, intensificou-se. Espantada, Liz se perguntou onde estaria aquela mãe das tardes partilhadas tão prazerosamente. Seria a mesma? Parecia outra:

– A minha mãe sempre me elogia, admira a maneira como eu me visto, sempre arrumada, de salto. Apresenta-me para as amigas com orgulho. Será que por isso ninguém é bom para ser meu namorado!

Liz constata o ciúme materno, com tons de paranóia. A mãe a espiava para saber se estava sendo traída. O constrangimento com a situação, e o sofrimento que gerou, colaboraram para que Liz se diferenciasse, percebendo algo na mente da mãe que lhe causava estranheza, como se a ilha se desprendesse do continente em um ato de estranhamento ¹.

Ao longo de várias sessões, Liz pôde falar da mãe tentando compreender sua vida, sua origem, sua história familiar. Olhava para a mãe como um outro diferenciado de si. A mãe para a qual ela precisava relatar tudo que acontecia parecia distante. Era preciso escolher o que falar para a mãe, o que ela poderia compartilhar, o que não era compreensível ao universo materno, que já não se confundia, não abarcava a totalidade do universo de Liz.

Destaca-se nessa trajetória analítica que, ao definir os contornos de sua identidade, Liz optou por uma carreira profissional que encontrara a princípio desaprovação intensa da mãe e da família. Essa reação fez com que ela confirmasse para si mesma a escolha, definindo um território próprio dentro do seu grupo familiar e, principalmente, diante da mãe que demorou a aceitar a opção profissional da filha.

Como a análise acompanha o movimento de avanços e retrocessos da mente (esperamos com um reservado otimismo que seja em uma espiral progressiva), Liz, diante da dor e da angústia da perda do namorado, retorna à sua protetora adoração materna – a mãe é sua “fã de carteirinha”, jamais abandonará o posto. Tudo é feito em nome do amor, como também foi expresso por Eva no filme *Sonata de Outono*. A mãe é adorada como um totem:

– Quando eu era pequena eu precisava contar tudo o que me acontecia para a minha mãe, se eu não contasse algo de muito ruim aconteceria, hoje preciso contar tudo que penso e sinto, fico ansiosa para voltar para casa e ficar só com ela.

Recentemente, Liz chegou à sessão, dizendo-me que a mãe achava estar na hora de parar a análise. Por isso, aquela seria a nossa penúltima sessão.

¹ Lembremo-nos que quando o bebê, por volta do sexto mês, começa a estranhar outros adultos que não são a mãe, ele está começando a reconhecer que ele e a mãe não são um.

Conversamos a respeito de como estava difícil falar (pensar) em nome dela. O pensamento de Liz tinha voltado a ser um apêndice da mãe. E, apesar de reconhecer isso na sessão comigo, ela sentia o universo materno quase como um campo magnético que exercia uma atração irresistível.

– Parece que quando eu saio lá fora só existe a minha mãe.

Mãe e filha formam um dueto único no qual o vínculo comigo como analista fica ameaçado e ameaçador. Tanto para a filha, quanto para a mãe, torna-se inaceitável o lugar do terceiro nessa *união tissular* (BIDAUD, 1998). Assim como existe apenas um sol, no universo de Liz, existe apenas a mãe e sua órbita magnética. Halberstadt-Freud (2001, p. 158) diz: “... a mãe tenderá a continuar a comportar-se como se fosse indispensável, muito depois de ter cessado de sê-lo. Será incapaz de permitir a separação, o que implicaria em não ser a primeira na mente da criança.”.

O esboço de uma ilha chamada Liz surgiu no horizonte de um percurso analítico, sob o risco constante – consentido e desejado – da inundação materna.

A trama conceitual em Liz: *ilusão simbiótica e cilada narcísica – o império do mesmo*

Na construção clínica de Liz, os conceitos já estão entremeados no próprio texto. Penso que cabe apenas uma breve retomada, diferentemente da maneira como foi feita a trama conceitual em Zoe; característica justificada pela questão narcísica de Liz: o empobrecimento do vínculo com a analista.

A questão narcísica é o que impera em Liz. A dupla mãe e filha tem uma estrutura na qual a diferenciação é território conquistado a duras penas. Situação esta que lembra os diques da Holanda, constantemente monitorados para que o mar (a mãe) não invada e inunde o que antes parecia ser terra firme, e que anteriormente foi mar. Tal situação lembra a questão de J. André (2003): - Como o mesmo engendra um outro?

Será a função da análise, para Liz, a construção e a manutenção de diques psíquicos? Há uma força que insiste, pressiona os diques, para que tudo seja o mesmo – o mar e a mãe¹. Diante do *império do mesmo* (J. André, 2003), não há história e não há sexualidade genital, possível apenas a partir do reconhecimento das diferenças.

O dique pode ser uma boa representação da função paterna, tão frágil em Liz, função essa a de separar e manter fronteiras; pentear e espaçar franjas entre mãe e filha. E mesmo tendo a impressão de que terras foram conquistadas, diante da dor psíquica e da frustração, os diques são rompidos e ficamos perante uma paisagem na qual predomina a repetição, desolação do mesmo. E qualquer sombra de um terceiro – a analista – precisa ser apagada.

Com os namorados, Liz parece buscar o unísono ilusório vivido primeiramente com a mãe – a *ilusão simbiótica*. Qualquer diferença desencanta. O par precisa partilhar os mínimos detalhes do cotidiano, estar completamente inserido nas atividades diárias. O homem é o sucessor do que foi sonhado, e parcialmente vivido com a mãe. É, então, sonho de partilhar tudo, para que a impressão de serem

¹ Apenas para lembra que mère (mãe) e mer (mar) em Francês tem pronúncia semelhante.

duas pessoas desapareça - um eu para dois. Imagino que a sexualidade dentro desse *império do mesmo* permaneça inacessível, a ponto de ser um assunto ausente em Liz. Existe a escolha de um namorado, mas não é um homem, é apenas o herdeiro momentâneo da mãe. Em momentos de mudança de parceiro, a mãe está sempre de prontidão no banco de reservas. Os namorados estão dentro de uma sucessão de relacionamentos que se assemelham; o plural é mera ilusão, estamos sempre diante do mesmo.

Quanto ao sintoma bulímico, podemos pensar em sua função paradoxal: separar e manter um uníssono entre mãe e filha. Em Liz, os vômitos aparecem quando ela está inundada pela mãe, e não consegue pensar com mente própria. Cabe lembrar que a inundação é consentida e desejada por ela; o vômito é quase um efeito colateral de algo desejado – ser um com a mãe. É, também, uma sinalização de que os diques foram rompidos. Os vômitos desaparecem quando as fronteiras são mantidas, mesmo que em parte e momentaneamente.

Mãe e filha partilham da paixão pelo mesmo e pela ausência de diferenças. Temos a impressão de que uma história se constrói, mas talvez seja apenas a reprodução do idêntico, com novas roupagens, de geração a geração.

Entre Zoe e Liz

A característica concisa da trama conceitual em Liz, abriu espaço para um cotejamento conceitual e clínico das duas construções, expresso no que se segue.

Quanto à *identificação feminina primária*, podemos pensar que em Liz se deu pela paixão por ser um com a mãe: universo narcísico unificado, no entanto, fechado. Em Zoe, deu-se com uma mãe em “queda” psíquica, uma mãe morta psiquicamente e indisponível. Tanto Zoe quanto Liz revivem com os namorados, o que primeiramente foi uma experiência com a mãe.

Uma diferença entre Liz e Zoe parece ser o fato de que, para Liz, o que foi vivido com a mãe é um estado mental no qual a unificação narcísica já produzia efeitos estruturantes para um eu incipiente. Para Zoe, a experiência é de queda, de desagregação, de ameaça e de desintegração do eu.

Os rígidos e fechados ideais narcísicos da mãe de Liz proporcionaram uma experiência mais integrada, no entanto, tenho a impressão que menos passível de transformação, justamente por sua austeridade narcísica. A desintegração de Zoe, mesmo trazendo riscos de queda, apresenta-se mais receptiva a transformações.

O vínculo com a analista é frágil em Liz, na beira do abismo; rompe-se facilmente. Já com Zoe, é intenso, significativo, exige a disponibilidade de oferecer a mão – a mãe –, com toda força possível, para que ela não caia no abismo da identificação com a mãe morta, ou talvez seja mais fidedigno dizer, sua identificação com o desejo de morte da mãe.

Se a austeridade narcísica em Liz a estruturou, também promoveu um aprisionamento. Se a falta dessa integração narcísica colocou Zoe em risco, por outro lado, ofereceu uma capacidade de transformação menos presente em Liz.

A identificação como a marca da paixão¹, com suas peculiares características a cada dupla mãe e filha, evidencia-se nas duas construções. Marca que é o crivo para as escolhas posteriores, constatação feita por Freud (1938, p. 217): a mãe como o mais forte objeto amoroso e o protótipo das relações amorosas posteriores,

¹ “As identificações se apresentam, marcas de relações, marcas de paixões.” (NOSEK, L., 1997).

para ambos os sexos. Essa primeira paixão sensual com a mãe é vivida novamente na vida adulta com os namorados.

E o pai? O pai é experienciado primeiramente na mente da mãe, e posteriormente, como um objeto já parcialmente integrado. O estatuto do pai como objeto é diverso do estatuto da mãe como objeto¹.

Para Liz, o pai² é alguém regrado, provedor, no entanto, sempre distante e alheio às questões afetivas. É alguém que cumpre seu papel com distanciamento. O pai de Liz tem ideais narcísicos impregnados de grandiosidade, a partir dos quais, a filha, mesmo tendo conquistas profissionais consideráveis, não é objeto de admiração, e sim de vergonha, pois tudo poderia ser melhor do que é.

Para Zoe, o pai é violento e sexualmente invasivo. A imagem psíquica construída por ela, que expressa o que parece ter sido vivido com o pai, é: Zoe está em um lugar deserto, caminha tranquilamente, de repente percebe que há um homem atrás dela, começa a temer ser violentada, esquiva-se de várias maneiras até conseguir se desvencilhar da situação.

Nas duas construções clínicas, o pai não era uma segunda chance, pelo contrário, a frustração remetia a filha novamente à mãe. A experiência psíquica em Zoe é de um pai que a enxergou como mulher e não conseguiu manter-se no limite de uma relação sexualmente interdita. Em Liz, a experiência é de um pai que não a vê, muito menos como mulher. A função do pai de apreciar a feminilidade, olhar sua filha como mulher, reconhecendo a interdição dessa relação, não aconteceu em Liz, aconteceu em Zoe, mas sem o reconhecimento da interdição.

A situação de Zoe com o pai é algo mais disruptivo e desintegrador, no entanto proporcionou a ela um acesso a encontros sexuais e amorosos com os homens. Em Liz, a sexualidade parece não existir.

Evidencia-se que a estrutura narcísica de Liz proporciona uma adequação rígida a vários aspectos da vida. A fixidez dificulta lidar com o imprevisível das emoções. Em Zoe, a falta de estrutura é ameaçadora; apesar disso, permite uma maleabilidade que vem proporcionar várias transformações. Entre Zoe e Liz, há o espaço entre um eu feminino que tende a desintegração e um eu feminino que tende

¹ Discussão feita no item *O pai no olhar da mãe*.

² O pai que está na mente de Liz e de Zoe.

a integração, o que traz o imponderável da flexibilidade a uma e os riscos da austeridade a outra.

Entre Liz e Zoe há um profundo apego à mãe. Liz pelo encantamento narcísico da unidade idílica mãe e filha; Zoe pela tentativa estóica de oferecer abrigo – à mãe e a ela – em risco iminente de queda.

NO HORIZONTE SEM-FIM...

Saudade

*Saudade de tudo!...
Saudade, essencial e orgânica,
de horas passadas,
que eu podia viver e não vivi!...
Saudade de gente que não conheço,
de amigos nascidos noutras terras,
de almas órfãs e irmãs,
de minha gente dispersa,
que talvez até hoje ainda espere por mim...
Saudade triste do passado,
saudade gloriosa do futuro,
saudade de todos os presentes
vividos fora de mim!...
Pressa!...
Ânsia voraz de me fazer em muitos,
fome angustiosa da fusão de tudo,
sede da volta final
da grande experiência:
uma só alma em um só corpo,
uma só alma-corpo,
um só,
um!...
Como quem fecha numa gota
o Oceano,
afogado no fundo de si mesmo...*

(João Guimarães Rosa, 1997)

O espaço de uma vida se dá entre a cesura do nascimento e a cesura da morte. Contudo, há ecos históricos e psíquicos de uma vida, pelo menos¹ por duas gerações que a antecedem e duas gerações que a sucedem.

O espaço de uma elaboração teórico-clínica não escapa a essa temporalidade turvada quanto à delimitação de suas fronteiras. Iniciei esta trajetória movida por questões que se abriram no fechamento do mestrado. Terminei com a prazerosa sensação de expansão do universo no qual mergulhei e emergi, com a noção de que uma expansão leva a outra. E podemos apenas falar de uma parte, daquela que nos cabe a cada momento.

Fazendo-me herdeira do meu quinhão, penso a separação entre mães e filhas como um processo nas fronteiras do sem-fim. A linha do horizonte é apenas a hipótese imaginária de um limite; nesse sentido, o feminino é azul². É o mar no qual a vida evoluiu em sua conjunção com o céu. Limite ilusório, pois no horizonte não é possível distinguir os azuis – do mar e do céu, do eu e do outro. Ao contemplarmos essa linha imaginária, temos tanto a experiência de entrega tranquilizadora, quanto de angústia de dissolução.

Tendo esse horizonte como referência metafórica, trago, sucintamente, alguns dos interlocutores que escolhi para esta trajetória, a fim de auxiliar-me no desassossegado desejo de término, considerando que, em cada item desenvolvido, já estão presentes, breves finalizações.

Halberstadt-Freud (2001) finda seu texto retomando a pergunta de Freud: O que as mulheres querem? As meninas – e, posteriormente, as mulheres – pouco expressam (ou não expressam) seu anseio em serem amadas por suas mães. Os dois pólos da ambivalência são negados: tanto o ódio, quanto o profundo amor. O ódio silenciado em relação à mãe resulta em culpa e pode se descarregar em relações masoquistas com homens ou com a própria mãe. As mulheres inconscientemente ainda desejam seu primeiro amor, a mãe. A elaboração desse vínculo, primário e primordial para a mulher, faz-se necessária. O ódio e o profundo amor pela mãe precisam ser elaborados: “... isso significa que tanto o tabu do amor

¹ Pelo menos duas, podem ser três ou quatro, ou mais.

² Expressão que surgiu durante a I Jornada do Feminino – Departamento Formação em Psicanálise, Inst. Sedes Sapientiae, junho de 2008.

homossexual quanto o da agressão feminina precisam ser negociados” (HALBERSTADT-FREUD, 2001, p. 166).

As identificações entre mães e filhas persistem ao longo da vida e são marcadas por movimentos dialéticos progressivos e regressivos: “Simpática ou não, a mãe como objeto interno de desejo e de identificação estará com a filha pelo resto da vida” (HALBERSTADT-FREUD, 2001, p. 154). Como no mito de Deméter e Perséfone, o culto às duas deusas permanece ao longo do tempo, na transição entre as estações, para que os campos fertilizem. A fertilidade – entenda-se também a criatividade – depende de um trânsito psíquico suficientemente bom entre o mundo da mãe e o mundo do pai, entre masculinidade e feminilidade, ou seja, entre os pólos indissociáveis e dialéticos da bissexualidade psíquica.

Para a menina *ser* uma mulher, ela corre o risco (pela identificação) constante de afogamento – perda de fronteiras identitárias – no “corpo/psiquismo oceânico da mãe” (GODFRIND, 1990). A agressividade, que pode se transformar em hostilidade entre mães e filhas, tem a função de um salvamento parcial, pois separa e ata ao mesmo tempo.

A intuição de Freud (1933[1932]) de que as verdadeiras origens da hostilidade entre mães e filhas restam por serem encontradas, vem a propósito. A compreensão das acusações da filha, dirigidas à mãe pela ausência do pênis, é, poderíamos dizer, uma teoria tranquilizadora e organizadora. Há um pênis reclamado e invejado, entre a mãe e a filha, que as protege de um risco de afogamento identitário. O pênis, o pai, ou a função paterna, são como uma bóia salva-vidas, ou melhor, salva-eus. Representa o movimento na direção do que se projeta para fora, o que lança o eu na sua externalidade e representabilidade.

O binômio ter ou não ter um pênis parece oferecer uma representação que organiza o psiquismo, diante da dolorosa experiência de perda do amor onipotente do *infans* (ANDRÉ, J., 1996 p.131). O bebê menina, ao ver sua mãe interessada no pai (ou o que o representa), pode pensar que a presença de um pênis é a garantia de um amor sem limites. Se o bebê perde gradativamente a onipotência do amor infantil, alguém possui essa prerrogativa, preferencialmente alguém com um pênis, representando, dessa maneira, a dolorosa experiência da perda, pois não existe nem o objeto e nem o eu, sem a experiência da perda.

Entre mães e filhas, a hostilidade talvez seja o eco distante da dor da perda de um momento inicial de ilusão onipotente do amor. A vida psíquica se faz no interjogo entre ilusão e desilusão; o terceiro é a desilusão da díade mãe e filha. Desejado, bem-vindo, invejado, idealizado e odiado. Cena psíquica tão bem representada na tragédia de Electra, aprisionada pela hostilidade. A hostilidade é o que resta do voraz desejo de ser completamente amada pela mãe. Atada à hostilidade, Electra não tem acesso à sua realização como mulher.

Expressando de maneira diversa, encontrei ao longo deste trabalho duas funções e dois sentidos para a hostilidade entre mãe e filha. A primeira – função e sentido – é a compreensão da hostilidade como o que resta do desejo onipotente de ser um com a mãe. A nostalgia do que nunca foi, nem nunca será; como o poeta diz: “uma só alma-corpo, um só, um!...” (GUIMARÃES ROSA, 1997, p. 132). A segunda – função e sentido – é promover um distanciamento, e, dessa forma, garantir um território próprio, uma individualidade. Da mesma forma que uma criança pequena diz recorrentemente “não”, com a função de defender seu eu incipiente.

A hostilidade – exacerbada e protetora, entre mãe e filha – parece ser favorecida por um terreno narcísico sutilmente mais escorregadio: o mesmo que engendra o mesmo (ANDRÉ, J., 2003). Se os filhos são em parte projetos narcísicos dos pais, entre os pares identificatórios – mãe e filha ou pai e filho –, esse investimento narcísico necessário pode sofrer um tipo de descompensação, levando a excessos ou a ausências, propiciadoras de formações psíquicas mais ou menos patológicas, sendo que, na dupla mãe e filha, ainda há um elemento a mais: o fato de a mãe ser o objeto de identificação tanto primário, quanto secundário.

Constatarei, com Klein e Kristeva, que a ambiguidade e a culpa estão mais presentes entre mãe e filha. A menina precisa se identificar com a mãe arcaica – atacada e destruída pelas fantasias sádicas do bebê, sadismo esse expresso nas falas de Electra, sem culpa. O amor dos primórdios é cruel e bárbaro, Melanie Klein deixou-nos esse importante legado. Para reparar é necessário identificar-se com a mãe destruída, e para consolidar as identificações é preciso desejar reparar¹. O sentimento de culpa nos humaniza, e também pode nos aprisionar.

¹ Agradeço a sugestão feita pela Profa. Dra. Elisa Uchoa Cintra por ocasião do exame de qualificação.

A mãe, ao cuidar de sua menina, pode tanto ter a experiência de reparação e identificação com sua própria mãe, quanto ficar aterrorizada pelas suas fantasias. Essas fantasias inconscientes (*phantasia*) materna podem gerar ou potencializar experiências de terror em seu bebê. Caso prevaleça uma insuficiência na capacidade de *rêverie* da mãe, torna-se difícil ou impossível um encontro satisfatório. Isso pode ser desorganizador da feminilidade na trajetória de menina à mulher. Essa feminilidade mortífera de mãe em filha é desvelada em Zoe e em Eva do filme *Sonata de Outono*.

A relação de uma mãe com seu bebê menino parte da constatação da alteridade sexual que representa o filho¹. Além disso, para o menino, existe uma possibilidade minimamente mais arejada: a identificação secundária é com o pai, experienciado desde o início como um objeto total; averiguação feita por Ogden (1992) e Guignard (1997, 2002)². E, também, explicitada por Green, de maneira diversa, a partir de Freud: a diferenciação entre o objeto mãe e objeto pai é uma questão de distância. A relação com a mãe será o protótipo de todas as relações posteriores – um contato corpo a corpo; a relação com o pai implica, de imediato, certo distanciamento, que permite a fascinação pelo objeto.

Dizendo de outra maneira, pude constatar que a relação com o pai tende a ser menos sobrecarregada de ambiguidade e culpa, tanto para o menino, quanto para a menina. O estatuto da mãe e do pai como objeto são diversos; isso implica relações mais ou menos impregnadas pelas fantasias arcaicas. Se há um inevitável corpo a corpo com a mãe, a relação com o pai tem o privilégio de um espaço mais arejado.

A mãe ser o objeto primário em ambos os sexos levou-me a percorrer um vasto campo teórico para a compreensão da constituição de um eu, no caso, de um eu feminino. A parte central deste texto é o testemunho dessa trajetória, a qual foi para mim um mapa de orientação. Espero que tenha serventia para outros que

¹ Considerando que a mãe tem condições psíquicas para esta diferenciação, caso não tenha, há o risco de uma relação fusional entre a mãe e seu bebê menino, com sérias consequências para a construção da masculinidade.

² A partir de Klein podemos entrever, assim penso, o estatuto do pai como objeto, mas, somente nos textos de Ogden e Guignard há a explicitação desse estatuto. Cito Klein (1928, p. 225): “A partir da identificação inicial com a mãe, que ocorre sob a forte preponderância do nível sádico-anal, a menina desenvolve o ódio e o ciúme, criando um superego cruel calcado na imago da mãe. O superego que se forma no mesmo estágio a partir da identificação com o pai também pode ser ameaçador e causar ansiedade, mas nunca parece atingir as mesmas proporções daquele criado a partir da identificação com a mãe.”

desejarem embrenhar-se nesse território, a feminilidade, vasto de conceitos imbricados.

Como pesquisadora, penso ser fundamental a concomitante aproximação e explicitação da complexidade e diversidade conceitual presente no campo teórico da psicanálise. Tive a intenção de promover um diálogo que permitisse tanto justaposições, quanto evidenciar diferenças, muitas vezes encobertas por nomeações semelhantes. Esse trabalho permitiu-me o exercício de diferenciação e diálogo com conceitos pertencentes a arcabouços teóricos distintos: *identificação feminina primária e secundária, homossexualidade primária e secundária, fase da feminilidade, o materno primário e o feminino primário*.

A questão principal – há uma especificidade na trajetória bebê-menina-mulher? – finaliza-se com uma confirmação e explicitação das nuances do que é específico à trajetória feminina. Existe entre mãe e filha a particularidade da semelhança, o mesmo que engendra o mesmo (ANDRÉ, J., 2003)¹, e os riscos pontencializados pela similaridade: a *cilada narcísica* e a *ilusão simbiótica*.

Se nascemos psiquicamente em um campo de indiferenciação, a diferenciação é fruto de um árduo processo psíquico. Nesse sentido, o reconhecimento da diferença eu e outro, da diferença dos sexos e da diferenças das gerações, é o ápice de uma longa trajetória. Considerando que uma vez conquistada uma condição psíquica de diferenciação, ela é sempre passível de perda, no sentido de que a elaboração das diferenças é um contínuo trabalho psíquico; não há trono na vida psíquica. A expressão freudiana – sua majestade o bebê – é apenas uma ilusão onipotente e necessária, para posteriormente sermos lançados à nossa condição de destronados. A partir dessa posição, entendo que a alteridade – do outro, do sexo e das gerações – é sempre incerta e depressiva.

Homens e mulheres, nossa origem é feminina. Essa origem traz especificidades tanto a um quanto a outro. Ative-me preponderantemente à trajetória bebê, menina e mulher. A menina está duplamente ligada à mãe, pela identificação primária e como objeto de identificação no processo de vir a ser mulher e, também, mãe. Esse laço – muito apertado – passa a ser desconfortável (HALBERSTADT-FREUD, 2001).

¹ É uma sutil diferença que esse pequeno notável – o pênis – evidencia e representa.

Halberstadt-Freud (2001) nos fala, no final do seu artigo, que a mãe deveria ser tão íntima quanto distante. Podemos pensar em uma tensão paradoxal entre proximidade e distância que carregamos ao longo da vida. Dentro disso, há um contínuo processo de identificações e desidentificações – trama identificatória – que solicita certo talento¹, próprio a cada um, de compor em si suas heranças, de apropriar-se da inescapável partilha entre mães e filhas. Deméter e Perséfone, Electra e Clitemnestra, Eva e Charlotte, Liz e Zoe, dão testemunho dessa árdua e nem sempre bem sucedida partilha.

Vimos, com Godfrind (1994), que para todas as filhas, o excesso de proximidade com a mãe implica a necessidade de usar uma violência que as proteja do risco de alienação, e que se expressa na hostilidade presente entre mães e filhas. O destino da feminilidade estará sempre ligado à gestão adequada dessa violência, que permite à filha se desprender de uma homossexualidade primária em proveito de uma homossexualidade secundária estruturante.

Essa homossexualidade secundária acontece, como já visto, no partilhar das amizades femininas, nas trocas tão características do universo feminino: as roupas, os sapatos, a maquiagem, o cabelo... Uma mulher arruma-se para outra mulher, uma mulher aprende a ser mulher com outra mulher. Penso ser esse prazeroso partilhar que possibilita a realização da mulher com um homem. Nesse sentido, a realização sexual da mulher é a expressão tanto da separação quanto da identificação entre mãe e filha. A expressiva fala da paciente de Godfrind (1990) exemplifica:

Eu queria conseguir maquiagem meus olhos, eu olho seus olhos, eu os invejo... Eu queria usar as cores que vestem seu olhar. Mas eu não quero fazer isso contra você, nem por você, talvez como você, mas, sobretudo, com você... Imaginar que você pudesse me ensinar para eu fazer também.

A homossexualidade primária é uma sedução suficientemente boa, tendo como protagonista a mãe. Em outras palavras, está em jogo a possibilidade da mãe de apreciar sua própria sensualidade, e dessa forma poder entregar-se ao contanto

¹ Freud (1923) fala do caráter de uma pessoa como a capacidade de acolher e/ou rechaçar as influências, frutos das escolhas objetais.

pele a pele com um bebê menina. A mãe marca uma geografia inconsciente de sensações prazerosas em sua filha. O prazer partilhado entre a mãe e seu bebê menina é a sustentação das realizações sensuais da mulher adulta. A possibilidade de realização da sexualidade feminina está intrinsecamente ligada aos prazeres ternos e sensuais do princípio, entre mãe e filha. A realização de uma mulher implica um movimento psíquico paradoxal (e inconsciente): ter acesso à ternura sensual do corpo materno e, ao mesmo tempo, separar-se. A experiência sensual realizadora, parcial e momentânea, como tudo, é o que diferencia a mãe da filha e concomitantemente é um tributo ao que foi vivido entre elas. Em termos teóricos – amplamente discutido – é a *secundarização* da homossexualidade primária (GODFRIND, 1990).

Guignard (2002, p. 40) finaliza seu texto escrevendo que a identidade de uma filha é uma sutil combinação de partilhas e clivagens em relação à mãe¹. Entre mãe e filha há o repartir, o partilhar e o compartilhar a feminilidade ao longo da vida. Clivar: “propriedade que têm certos cristais de se fragmentar segundo determinados planos, que sempre são faces possíveis do cristal” (AURÉLIO, 2006). São faces possíveis do cristal – feminilidade, primária e secundária –, partilhadas de mãe em filha.

Guignard (2002) considera que esses rearranjos não podem se efetuar de outro modo que não seja de uma balança entre o feminino e o maternal – quando uma face aparece, a outra permanece oculta. A imagem que pode exemplificar a balança² entre o feminino e o maternal é a figura do vaso ou das duas faces. Se enxergarmos o vaso, não vemos as faces, e vice-versa. O vaso constitui as faces, e as faces constituem o vaso, mas não podemos percebê-los concomitantemente, a não ser por uma alternância entre um e outro – uma balança³. Por essa característica, os rearranjos são frágeis e contêm uma potencialidade explosiva, atributo de um terreno psíquico constituído de maneira instável, considerando-se que essa talvez seja a maneira possível de compor-se.

¹ Epígrafe deste trabalho.

² Já descrito em nota de rodapé anterior.

³ A balança entre o materno e o feminino também pode ser compreendida como a mãe do dia, maternal para o seu bebê, e a mãe da noite – a mulher do pai (BOKANOWSKI, 2002, p 52).

Penso na constituição psíquica (e suas instabilidades) por uma imagem metafórica: uma orquestra regida pelo acaso¹. Se os inúmeros fatores integrantes do psiquismo tenderem a uma sonoridade favorável – a música de fundo que rege o funcionamento de cada um –, os momentos de desafino serão transpostos sem que defesas monumentais sejam erguidas. Se tenderem ao desfavorável, os momentos de desafino (e desafio) gerarão defesas extraordinárias, que por sua vez tornarão a sonoridade ainda mais desfavorável. Alguns fatores: o inconsciente materno e sua capacidade de *rêverie*; o inconsciente do casal parental transpassado pelos baluartes sócio-culturais de seu tempo. Do lado do bebê, considerando a díade mãe-bebê: tolerância à frustração, inveja primária, capacidades cognitivas, presença ou ausência de intercorrências físicas no início da vida, ou situações potencialmente traumáticas (morte ou doença grave de um dos genitores, ou familiar próximo à criança, guerras, etc.). Como a máxima afinação dos inúmeros fatores integrantes aproxima-se de uma utopia humana, penso que cada um desafina à sua maneira. Entretanto, se essa sonoridade for passível de inspiração e não de desatino, o ritmo promovido pode produzir encantamento pelo árduo e belo processo de viver².

Essa imagem metafórica seria válida para compreendermos como a feminilidade se transmite de mãe em filha? Penso que sim. A musicalidade do dueto mãe e filha é regida tanto pelo acaso quanto pelas habilidades da dupla, passível de inspiração e desatino, dialética e paradoxalmente.

A feminilidade de mãe em filha talvez seja como uma joia de família que pode ser transformada e/ou manter-se intacta – as faces possíveis do cristal –, dentro de um vasto gradiente de possibilidades e limites, de geração a geração.

De mãe em filha, entre o *precioso* e o *tanático*, entre a *força* e a *vulnerabilidade*... é preciso talento.

¹ “Ao mesmo tempo, estamos sempre demasiadamente prontos a esquecer que, de fato, o que influi em nossa vida é sempre o acaso, desde nossa gênese a partir do encontro de um espermatozóide com um óvulo – acaso que, no entanto, participa das leis e necessidades da natureza, faltando-lhe apenas qualquer ligação com nossos desejos e ilusões.” (FREUD, S., 1910, p. 124).

² Mas talvez isto já pertença ao insurgir de outro trabalho, consequência inevitável da satisfação do término e do desejo infindo de continuidade, até a cesura da morte.

Referências bibliográficas

ALISADE, Alcira Mariam (org.). **Cenários Femininos, diálogos e controvérsias**. Rio de Janeiro: Imago, 2002. (Trad. Haroldo Pereira).

ALONSO, Silvia Leonor. A filha “não suficientemente boa”. In **Interlocuções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura**. São Paulo: Ed. Escuta 2008, p. 233-249.

ANDRÉ, Jacques. **As origens femininas da sexualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. (Trad. Vera Ribeiro).

_____. Feminilidade adolescente. Artigo para seminário temático apresentado em agosto de 2001 na SBPSP, São Paulo. (Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon).

_____. Org. **Mères et filles. Lês Menaces de L´identique**. Paris: PUF, 2003.

ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud e a mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. (Trad. Vera Ribeiro).

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. **O dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2006. Edição eletrônica.

BERGMAN, Ingmar. **Sonata do Outono**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1988. (Trad. Jaime Bernardes).

BERNSTEIN, Doris. Angústias genitais femininas, conflitos e modos típicos de domínio. In: **O enigma dos sexos**. (Org. Danna Breen.) Cap. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

BIDAUD, Eric. Um certo destino de ligação com a mãe. In: **Anorexia mental, ascese, mística**. Cap. II. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 1998. (Trad. Dulce Duque Estrada).

BION, Wilfred R. Uma teoria sobre o pensar. In: **Estudos psicanalíticos revisados**. Cap. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1994. (Trad. Wellington M. de Melo Dantas). Originalmente publicado no *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 43, partes 4-5, 1962.

BION, Wilfred R. Continente e Conteúdo Transformados. In: **Atenção e interpretação**. Cap. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1973. (Trad. Carlos Heleodoro P. Affonso). Originalmente publicado em 1.970: *Attencion and Interpretation*.

BOKANOWSKI, Thierry. Maternal, paternel, féminin, masculin. In: **La relation mère-fille. Entre partage et clivage**. Collection de la SEPEA. In Press Éditions. Paris, 2002.

BRITTON, Ronald. **Crença e imaginação. Explorações em psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2003. (Trad. Liana Pinto Chaves).

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. **As duas árvores do jardim**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. (Trad. Doris Vasconcellos).

_____. **Sexualidade Feminina**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. (Trad. Patrícia Chittoni Ramos).

CINTRA, Elisa Ulhoa & FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Melanie Klein, estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2004.

_____. Lendo André Green. In: **Limites**. (Org. Marta Rezende Cardoso.) São Paulo: Escuta 2004.

_____. Trate-me como um cachorro. Ou assim que for possível. In: **Revista Cadernos de Psicanálise – Soc. de Psicanálise da Cidade do RJ**, vol. 23, n.26, p. 35-51. Rio de Janeiro, 2007.

COELHO JÚNIOR, Nelson & FIGUEIREDO, Luís Claudio. Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: Dimensões da alteridade. In: **Revista Interações – estudos e pesquisas em Psicologia**, vol. IX n.º 17, Ed. Unimarco: São Paulo, jan.-jun. de 2004.

CZERESNIA & LOBO, et al. Repensando o feminino: A intrincada relação entre mães e filhas. In: **Boletim Formação em Psicanálise**. Ano XI, vol. XI, n. 12, p. 92-101. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, jan./dez. de 2003.

DAVID, Christian. La bisexualité psychique. **Rev. Franc. Psyc.**, 39: 713-856, 1975.

DENIS, P. Homosexualité primaire. Base de contradiction. **Rev. Franc. Psyc.** N. 1, p. 35-43, 1982. Apud GODFRIND, Jacqueline. De mère en fille: à la recherche du plaisir. In: **Rev. Franç. Psychanal**, v. 54, n.1, p. 83-98, 1990.

_____. Homosexualité agie et homosexualité psychique. **Les Cahiers du Centre de Psychanalyse et de Psychothérapie**, n.8, p. 83-93, 1984. Apud GODFRIND, Jacqueline. De mère en fille: à la recherche du plaisir. In: **Rev. Franç. Psychanal**, v. 54, n.1, p. 83-98, 1990.

DEUTSCH, H. **The psychology of women**. Vol. I & 2. Nova York: Grune & Stratton, 1944-1945.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968. (Trad. Giovanni Cutolo).

ELIACHEFF, Caroline & HEINICH, Nathalie. **Mães-filhas, uma relação a três**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Trad. de Claudia Berliner).

ENRIQUEZ, M. **Nas encruzilhadas do ódio**. São Paulo: Escuta, 1999. (Trad. Martha Gambini).

FAIRFIELD, S. The kore complex: The myths and some unconscious fantasies. In: **J. Psychoanal.**, 75: 243-263, 1994. Apud KULISH and HOLTZMAN. Persephone. the loss of virginity and the female oedipal complex. In: **J. Psychoanal.**, 79: 57-71, 1998.

FERENCZI, Sándor. **Obras Completas. Psicanálise**, IV. São Paulo: Martins Fontes 1992. (Trad. Álvaro Cabral).

FIGUEIREDO, Luís Claudio. A questão da alteridade na teoria da sedução generalizada. In: *Revista Psicologia USP*, vol. 5, n. 1 e 2, p. 297-308, 1994.

_____. A clínica psicanalítica a partir de Melanie Klein. **Jornal de Psicanálise**, SBPSP, v. 39 n.71, p.125-150, 2006.

_____. **As diversas faces do cuidar. Novos ensaios de psicanálise contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2009.

FOLEY, H. P. (ED.). *The Homeric Hymn to Demeter*. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press., 1994. Apud KULISH & HOLTZMAN. Persephone, the loss of virginity and the female oedipal complex. In: **J. Psycho-Anal**, 1998, número 79, p. 57- 17.

FRÉJAVILLE A. L'homosexualité primaire. **Les Cahiers du Centre de Psychanalyse et de Psychothérapie**, n.8, p. 45-71, 1984. Apud GODFRIND, Jacqueline. De mère en fille: à la recherche du plaisir. In: **Rev. Franç. Psychanal**, v. 54, n.1, p. 83-98, 1990.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. V. VII. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1905[1901]). Fragmentos da análise de um caso de histeria. V. VII. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. V. IX. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1908) Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. V. IX. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. V. XI. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). V. XII. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1915). Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença. V. XIV. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1919). Uma criança é espancada. V. XV. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1920). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. V. XVIII. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. V. XVIII. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1923). O ego e o id. V. XIX. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1923). O Eu e o Isso. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. Coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hans.

_____. (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anotômica entre os sexos. V. XIX. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1931). Sexualidade feminina. v. XXI. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1933 [1932]). Feminilidade. v. XXII. **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GODFRIND, Jacqueline. De mère en fille: à la recherche du plaisir. In: **Rev. Franç. Psychanal**, v. 54, n.1, p. 83-98, 1990.

_____. De mãe para filha: em busca do prazer. In: **Boletim Formação em Psicanálise**, ano XIV, n. 1, jan/dez, p. 101-116, 2006. (Trad. Daniela da Rocha Paes Peres).

_____. Le pacte noir. In: **Rev. Franç. Psychanal**, v. 58, n.1, p. 135-46, 1994.

_____. O pacto negro. In: **Boletim Formação em Psicanálise**, ano XVI, n. 1, jan/dez, p. 101-116, 2008. (Trad. Daniela da Rocha Paes Peres).

GODFRIND, Jacqueline. La bisexualité psychique: Guerre et paix des sexes. In: Fine, Alain, ed; Le Beuf, Diane, ed; le Guen, Annick, ed. **Bisexualité**. Paris: PUF, p. 130-46, 1997. (**Monographies de la Revue Française de Psychanalyse**)

_____. **Comment la féminité vient aux femmes**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

GREEN, André. A mãe morta (1980) In: **Narcisismo de vida Narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988. (Trad. Claudia Berliner).

_____. Agressividade, feminilidade, paranóia e realidade (1971). In: **Sobre a loucura pessoal**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Trad. Carlos Alberto Pavanelli).

_____. **O complexo de castração**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Trad. Laurice Levy Hoory.)

_____. Analidade primária. Relações com a organização obsessiva. In: **Revista IDE**, n. 40, nov. de 2004, p. 44-63. São Paulo. (Trad. Talya Candi).

_____. **As cadeias de eros: Actualidade do sexual**. Lisboa: Climepsi, 2000. (Trad. Ana Paiva Moraes).

GREENSON, Ralph. Des-identificação em relação à mãe: Sua especial importância para o menino. In: **O enigma dos sexos**. (Org. Danna Breen.), Cap. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

GUIGNARD, Florence. **La relation mère-fille. Entre partage et clivage**. Collection de la SEPEA. In Press Éditions. Paris, 2002.

_____. **O infantil ao vivo. Reflexões sobre a situação analítica**. Imago: Rio de Janeiro, 1997. (trad. Marilda Pedreira).

_____. **Cartas ao objeto**. Imago: Rio de Janeiro, 2000. (trad. Marilda Pedreira)

_____. Entrevista com Florence Guignard. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 12, n.12, p. 371-380, agosto de 2005. Porto Alegre. Trad. Vanise Dres

_____. La pense de Jean Laplanche. Convergences e apories. **Psychiatrie française**, n.3, pp. 90-109, 2006.

_____. Intricação pulsional e funções do sadismo primário. **Rev. de Psic. da SPPA**, v. 12 n.2, p. 263-279, agosto de 2005.

GUIMARÃES ROSA, João. **Magma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

HABER, Maurice. Identité, bisexualité psychique et narcissisme. Paris: PUF, 1997, p.49-67. (**Monographies de la Revue Française de Psychanalyse**)

HALBERSTADT-FREUD, H.C. Electra cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as conseqüências para o complexo de Édipo. In: **Rev. Bras. Psicanálise**, vol. 35 (1): 143-168, 2001.

_____. Electra versus oedipus: Femininity reconsidered. **Int.J. Psychoanal**, v.79, n.1 p.41-56, 1998.

HINSHELWOOD, R. D. **Dicionário do Pensamento Kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. (Trad. José Octavio de Aguiar Abreu).

ISAACS, Susan. A natureza e a função da fantasia. In: **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan, 1982. (Trad. Álvaro Cabral).

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. VOL.I. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Trad. Júlio Castañon Guimarães).

KAMEL, François. Quelques données fondamentales sur le concept de bisexualité psychique dans l'oeuvre de Freud.1997, p.11-20. (**Monographies de la Revue Française de Psychanalyse**)

KLEIN, Melanie. (1928). Estágios iniciais do conflito edipiano. In: **Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trad. André Cardoso).

_____.(1932 - a). Os efeitos das primeiras situações da angústia sobre o desenvolvimento sexual da menina. In: **Psicanálise da Criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1969. (Trad. Pola Civelli).

_____. (1932 - b) Os efeitos das primeiras situações da angústia sobre o desenvolvimento sexual da menina. In: **Psicanálise da Criança**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Trad. Liana Pinto Chaves).

_____. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago,1991. (Vários tradutores).

_____. (1963). Algumas reflexões sobre a Orestéia. In: **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Vários tradutores).

_____. (1963) Sobre o sentimento de solidão. In: **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago,1991. (Vários tradutores.)

KOHON, Gregório (Org.). **The dead mother**. Inglaterra: The new library of psychoanalysis, 1999.

KRISTEVA, Julia. **Sentido e contra-senso da revolta. Poderes e limites da psicanálise I.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000. (Trad. Ana Maria Sherer).

_____. **O gênio feminino. A vida, a loucura, as palavras.** Tomo II Melanie Klein. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. (Trad. José Laurenio de Melo).

KLOCKARS, Leena & SIROLA, Riitta. The mother-daughter love affair across the generations. In: **The psychoanalytic study of the child.**, v. 56, p. 219-237, 2001.

KULISH & HOLTZMAN. Persephone, the loss of virginity and the female oedipal complex. In: **J. Psycho-Anal.** n. 79, p. 57-17, 1998.

LAPLANCHE, Jean. **Vida e morte em psicanálise.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. (Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago.)

_____. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. (Trad. Doris Vasconcellos).

_____. **Novos fundamentos para a psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Trad. Cláudia Berliner).

LAPLANCHE, J. & B. PONTALIS. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Trad. Álvaro Cabral).

_____. **Vocabulário de Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Trad. Pedro Tamen).

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MODELL, Arnold H. The dead mother síndrome and the analytic setting. In: **The dead mother.** Org. Gregório Kohon. Inglaterra: The new library of psychoanalysis, 1999.

MCDUGALL, Joyce. **As múltiplas faces de Eros. Uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon).

_____. O pai morto: Sobre o trauma psíquico infantil e sua relação com o distúrbio na identidade sexual e na atividade criativa. In: **O enigma dos sexos.** (Org. Danna Breen.), Cap. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

_____. Teoria sexual e psicanálise. In: **Diferenças Sexuais.** (Org. Paulo Roberto Ceccarelli.) São Paulo: Escuta, 1999. (Trad. Carmen Lucia Villaça de Cerqueira Cesar.)

MOREIRA, Ana Cleide Guedes. A concepção de melancolia em Freud e Stein: uma interpretação sobre Eva, personagem de Sonata de Outono, de Bergman. Mestrado em Psicologia Clínica, PUC-SP, 1992.

NERI, Regina. O encontro entre a psicanálise e o feminino. In: **Feminilidade**. (Org. Joel Birman). Rio de Janeiro: Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, 2002.

NOSEK, Leopoldo. Pensamento e sexualidade. In: **Bion em São Paulo**. (Org. Maria Olympia França). São Paulo: Acervo Psicanalítico da Soc. Bras. de Psic. de São Paulo, 2007.

OGDEN, Thamas H. La relación edípica transicional en el desarrollo femenino. In: **La frontera primaria de la humana experiencia**. Madrid: Julian Yebes, 1992.

PARAT, Hélène. Resenha: Comment la féminité vient aux femmes. **Int. J. Psychoanal.** v. 84, n.1, p. 1777-81, 2003.

RIBEIRO JR., Wilson. Home page “Grécia Antiga”; Aspectos da estética aristotélica na tragédia grega. URL: <http://warj.med.br/mit/mit07-7.asp>. Acesso em 16 de setembro de 2004.

RIBEIRO, Paulo de Carvalho. **O problema da identificação em Freud. Recalcamento da identificação feminina primária**. São Paulo: Escuta 2000.

_____. **Identification passive, genre et séduction originaire**. Trabalho apresentado no “Colóquio Jean Laplanche” em Lanzarote, Espanha em julho de 2006.

_____. Identité et séduction chez Heinz Lichtenstein. **Psychanalyse à L' Université**. Paris. V. 18, n.72, p. 71-80, 1993.

RIBEIRO, Marina. **Psicanálise e infertilidade: Desafios contemporâneos**. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 2003.

_____. **Infertilidade e reprodução assistida. Desejando filhos na família contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SCHAFFER, Jacqueline. Difference des sexes et des générations dans le transfert et le contre-transfert. URL: <http://www.spp.asso.fr/Scripts>. Acesso em 27 de setembro de 2006.

_____. Horror femine ou les déliaisons non-dangereuses. **Revue Française de Psychanalyse**. V. LVII, número especial do congresso, 1993, p. 1763. Apud ANDRÉ, Jacques. **As origens femininas da sexualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. (Trad. Vera Ribeiro).

SEGAL, Hanna. Introdução. In: **O complexo de Édipo hoje – Implicações clínicas**. (Org. John Steiner.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. (Trad. Rita de Cássia Sobreira Lopes).

SÓFOCLES. **Electra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. (Trad. de Mário da Gama Kury).

STOLLER, Robert J. **Masculinidade e feminilidade: Apresentação do gênero**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. (Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese).

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ZIMMERMAN, Edmundo. Homens e mulheres: Problemáticas atuais à luz da psicanálise. Relações de poder, de amor e de sexualidade. In: **Cenários femininos, diálogos e controvérsias**. (Org. ALISADE, Alcira Mariam.) Rio de Janeiro: Imago, p. 221-226. (Trad. Haroldo Pereira).

WINNICOTT, D. W. Teoria do relacionamento paterno infantil. (1960). In: **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Referências de filmes

O Feitiço do Tempo. Título original: *Grondhog Day*. Direção de Harold Ramis, 1993.

O Piano. Título original: *The piano*. Direção de Jane Campion, 1993.

Sonata de Outono. Título original: *Horstsonat*. Direção de Ingmar Berman, 1978.